

SYPHILIS SIVE MORBUS PERPETUA

Ars, Scientia, Historia, Mémoires



SÍFILIS OU MAL PERPÉTUO

Arte, Ciência, História, Memórias

Mauro Romero Leal Passos – Thiago Petra da Silva



**2ª Edição
Revista e
Ampliada**

SYPHILIS
SIVE MORBUS PERPETUA

SÍFILIS
OU MAL PERPÉTUO

ARS, SCIENTIA, HISTORIA, MÉMOIRES
ARTE, CIÊNCIA, HISTÓRIA, MEMÓRIAS

SYPHILIS SIVE MORBUS PERPETUA

SÍFILIS OU MAL PERPÉTUO

ARS, SCIENTIA, HISTORIA, MÉMOIRES
ARTE, CIÊNCIA, HISTÓRIA, MEMÓRIAS

Mauro Romero Leal Passos

Médico; professor titular chefe do Setor de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), Departamento de Microbiologia e Parasitologia, Instituto Biomédico, Universidade Federal Fluminense; especialização e mestrado em Ginecologia, Instituto de Ginecologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); doutorado em microbiologia, Instituto de Microbiologia, UFRJ; fundador e primeiro presidente da Sociedade Brasileira de DST; fundador e editor-chefe do Jornal Brasileiro de DST; membro da Academia Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia; membro da Sociedade Brasileira de História da Medicina.

Thiago Petra da Silva

Jornalista, bacharel em Estudos de Mídia, servidor do Instituto Nacional de Câncer, Ministério da Saúde; mestre em comunicação e informação em saúde pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz; doutorando em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); cofundador da Rede Conexão Inovação Pública.

Capa:

Thiago Petra da Silva / Mauro Romero Leal Passos

Projeto gráfico/edição:

LCM Produção Editorial

P289

Passos, Mauro Romero Leal.

Sífilis ou mal perpétuo : arte, ciência, história, memórias / Mauro Romero Leal Passos, Thiago Petra da Silva. – 2ª ed. – Niterói : Nitpress , 2026. – 217 p. : il. ; 28 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-02-13262-3

ISBN 978-65-02-13256-2 (e-book)

1. Doenças sexualmente transmissíveis - aspectos históricos. 2. Sífilis. I. Silva, Thiago Petra da. III. Título.

CDD 616.9513

Ficha catalográfica elaborada por Camilla Castro de Almeida CRB-7/7400

NITPRESS

R. Santa Clara, 32 – Ponta da Areia, Niterói – RJ, 24040-050.

<https://www.nitpress.com.br/> – https://www.facebook.com/nitpress/?locale=pt_BR

Telefone: (21) 2618-2972

Este livro, além de muito bem pesquisado, escrito e diagramado, é um primor para todos os que se dedicam ao estudo das Infecções Sexualmente Transmissíveis e, destacadamente, gostam de conhecer a história das doenças e, em especial, da sífilis.

Muito bem ilustrada, esta obra nos conduz por um caminho repleto de fatos, personagens, pesquisas, épocas e acontecimentos que marcaram, indelevelmente, a história das Infecções Sexualmente Transmissíveis e, consequentemente, a História da Medicina.

Sua leitura, ao mesmo tempo em que é muito agradável, nos conduz a um manancial de informações, conhecimentos e curiosidades, despertando enormemente o nosso interesse e enriquecendo nossa cultura.

Trata-se não apenas de mais um escrito, mas, sim, de uma obra e tanto, necessária e preciosa por seu excelente e dinâmico conteúdo.

Daniel Pinheiro Hernandez

Presidente da Sociedade Brasileira de História da Medicina

DEDICAÇÃO / *DEDICATIO*

Dedicado a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, cruzaram com a sífilis e se sentiram vítimas de preconceitos, de descasos, de traições, de impotência por não terem feito tudo que podiam para a diminuição deste mal que insiste em enganar a humanidade.

Dedicado a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, mesmo marcadas pela sífilis, reconhecem em suas cicatrizes a memória viva da resistência, da esperança e da dignidade humana.

Dedicado a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, cruzaram com a sífilis, acolhendo, confortando, criando olhares lúdicos, esperançosos, críticos para que os humanos possam ultrapassar momentos de sofrimento, deixando os túneis escuros, esburacados para trás.

AGRADECIMENTOS / *GRATIAS*

Família, porto seguro nas calmarias e nas tempestades
Amigos, verdades para correções
UFF, alicerce nos desafios
SBDST, segurança e exemplos
Colegas da Educação e da Saúde, esteio nas atitudes
Colegas de Teresópolis, apoio na primeira apostila
Pacientes, confianças desnudas
Afrânio Amaral, pesquisas e despertar inquietantes
Fracastoro, inspiração contínua
Exposição Sífilis Paço Imperial, orgulho e gatilho
Você, resiliência para ler, guardar e divulgar

Mauro Romero Leal Passos

Agradeço à minha esposa Camila de Carvalho, aos meus filhos Rafael e Paulo e à minha mãe Tiana, pelo carinho e companheirismo.

Agradeço aos amigos do Ministério da Saúde, em especial ao Centro Cultural do Ministério da Saúde e ao Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis, por permitir nosso mergulho inicial nessa história social da sífilis, com encantamentos e provocações.

Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), por nos referenciar neste caminho de muitos encontros e reflexões.

Thiago Petra da Silva

PREFÁCIO / *PRAEFATIO*

O livro chegou e tem o barulho ensurdecedor do trovão. Não é um livro simples nem um trovão banal. “Sífilis: o Mal Perpétuo” é uma obra que transpassa gerações, gerações de navegantes, colonizadores, monarcas, artistas e pessoas comuns. Seu ruído acompanha a humanidade há séculos e por isso parece ser um ronronar perpétuo. Triste de quem não sabe dirimir seus tons e filhos, perceber suas nuances e entender a sua música, pois as consequências podem ser grandes para aqueles que sofrem da sífilis.

A obra de Mauro Romero e Thiago Petra traz harmonia nesta cacofonia de informações médicas, culturais e políticas sobre a sífilis. Com maestria, nossos intrépidos autores nos levam das civilizações pré-colombianas à Islândia medieval e ao Renascimento italiano e no Iluminismo dos Países Baixos, em uma melodia agradável e cultural da sífilis. Emocionei-me ao ver a intimidade da face de um antigo ameríndio com sífilis, ri com as histórias do Coronel Condom e seu empreendedorismo luético e adorei conhecer o célebre polímata Girolamo Fracastoro através das pinceladas de Ticiano. Se você acha que a sífilis é apenas uma doença, então este livro não é para você. Mas se você, como eu, entende a sífilis como o paradigma do mal perpétuo que aflige o ser humano, então você encontrou o lugar certo para aprender e evoluir.

Eu sou dermatologista, e onde me formei meu serviço era chamado de “dermatologia e sifilografia”. Isso tem uma razão de ser! A sífilis é uma grande mimetizadora, uma metamorfose da Medicina, um *doppleganger* da mitologia nórdica ou um “metamorfo” dos anglo-saxões. Conhecê-la é, portanto, uma arte, um universo próprio dentro da arte hipocrática.

Aprendemos nesta obra também todas as nuances do seu diagnóstico e tratamento. Guaiaco, mercúrio, arsênico, e já quase não faltam elementos da tabela periódica na fiscalização à cura. E quando ela veio, singela em sua humilde origem fúngica, não conseguiu eliminar até hoje o mal perpétuo! E você sabe por quê? Porque, além do conhecimento, é preciso ter habilidade para lidar com as várias situações e atitudes para transformar uma situação no final. Mas vamos chegar lá, pois não há mal que sempre perdure.

Omar Lupi

Professor de Dermatologia e Imunologia Clínica da
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Chefe do Serviço de Dermatologia da
Policlínica Geral do Rio de Janeiro
Presidente do Colegio Ibero-Latinoamericano
de Dermatología, CILAD (2024/2026)

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

SÍFILIS OU MAL PERPÉTUO

Trata-se de uma obra notável que raros escritores fariam igual. A amizade e intimidade do Dr. Mauro com Fracastoro permitiram a criação deste importante documento, que, tenho certeza, o homenageado lhe ensinou e orientou.

Este livro é com segurança um trabalho tomista, pois segue a orientação de Aquino, “a clareza pela clareza”, claro e direto como se recebesse a luz dos altos vitrais das catedrais.

Assim, com grande didatismo, apresentou a vida de Fracastoro fatiada, dividindo a biografia em momentos de sua existência e profissão em gigantesca luta contra a sífilis. As fatias reunidas formaram este exuberante e lindo volume.

Não há como um leitor não se interessar, não querer seguir adiante, depois de “folhear” o livro.

Mauro e Thiago fizeram uma fracastoria sinfônica, cujos movimentos são edições biográficas, música, filmes, pinturas, e a gente se sente no meio de tudo envolvido pela presente obra.

Não há ficção, mas um árduo trabalho de pesquisa com método apropriado, com textos curtos e didáticos, doado aos estudantes, médicos, pesquisadores, professores, historiadores ou mesmo leigos que passam pela vitrine literária.

Devo confessar que fui arrebatado pelo delicioso manjar histórico e o devorei com fome de aprender e conhecer.

Mauro é o porta-voz brasileiro contra a sífilis e seu maior inimigo. Amém.

Heitor Rosa (escritor)

SUMÁRIO / *SUMMARIIUM*

INTRODUÇÃO / <i>INTRODUCTIO</i>	1
PRODUZINDO / <i>FABRICATIO</i>	6
CATÁLOGO / <i>CATALOGUE</i>	8
ARTE E SÍFILIS	27
AUDIOVISUAIS	74
PEÇAS TEATRAIS	92
MÚSICAS	101
LITERATURA	107
ATITUDES / <i>HABITUS</i>	166
DISCUTINDO / <i>DISPUTANS</i>	203
CARTAS ENTRE OS QUE PERSEVERAM / <i>LITTERIS PERSEVERANTIBUS</i>	209
CARTA DE GIROLAMO FRACASTORO PARA MAURO ROMERO	210
CARTA DE MAURO ROMERO PARA GIROLAMO FRACASTORO	211
POSFÁCIO / <i>POSTFATIO</i>	213
REFERÊNCIAS / <i>OPU CITATUM</i>	215

INTRODUÇÃO / *INTRODUCTIO*

A vida se vive para a frente, mas a compreensão que temos dela vem do exame do passado, era um dos pensamentos de Soren Kierkegaard (1813-1855), poeta, teólogo e primeiro filósofo existencialista⁽¹⁾.

Pena que entender a história raramente nos dá imunidade para não a repetir, especialmente nos erros.

Arte e história acompanham a humanidade. Uma faz entender a outra. Mostram e decifram comportamentos, habilidades, pensamentos, propostas para a vida.

Os números da sífilis apontam para uma epidemia desta doença no mundo.

Em meio aos esforços das instituições de saúde do Brasil e de diversos países do mundo, esses números crescem e apontam a necessidade, também, de pensarmos diferente de tudo o que já fizemos até o momento. Nesse sentido, é possível acompanhar ações pontuais que tentam contribuir para conscientizar a sociedade, as instituições de saúde e formular as políticas públicas.

No terceiro sábado de outubro de 2022, Dia Nacional de Combate à Sífilis e à Sífilis Congênita⁽²⁾, a Associação Médica Fluminense, em Niterói, abria as portas para inaugurar um novo espaço cultural e apresentar uma nova exposição, com o tema “Precisamos falar mais sobre sífilis, sem preconceitos”. A ação foi necessária e produzida após um curto período da exposição “Sífilis: História, Ciência, Arte”⁽³⁾, realizada no Centro Cultural do Patrimônio Paço Imperial, na cidade do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Porém, com uma nova proposta: provocar reflexões mais profundas sobre a história, as atitudes e os preconceitos que envolvem essa doença sexualmente transmissível, além de expor, e discutir, várias novas peças.

Durante um ano e três meses, a exposição teve, também, um caráter educativo, recebendo alunos de escolas públicas e privadas e alunos de universidades de Niterói, RJ. Mas, também, teve uma dinâmica de construção pouco habitual em exposições de acervos históricos. A cada momento, um novo item era inserido na exposição, caracterizado como uma construção continuada. Por mais que inúmeros profissionais atuem pensando na sífilis como uma doença simples, por mais que a literatura já tenha apresentado muito sobre a história e a ciência, quem atua diretamente sabe que é possível aprender sempre coisas novas. E, no campo da cultura, é possível descobrir muitas artes, músicas, filmes, livros, poemas, crônicas, e tantas outras manifestações. Até hoje, podemos ver essa produção cultural que aborda direta ou indiretamente a sífilis.

Para materializar a experiência desta curadoria, que podemos dizer permanente, foi proposto produzir um catálogo da exposição. Mais do que apresentar a mostra cultural, o material apresenta essa interlocução entre os campos da saúde, da história e da cultura. Talvez uma das pouquíssimas produções com um volume tão rico e misto de informações em um mesmo lugar.

Morton⁽⁴⁻⁷⁾, um venereologista inglês, produziu alguns textos sobre essa relação da arte com a sífilis, em seus quatro artigos *Syphilis in art: an entertainment in four parts*.

Há o excelente catálogo da exposição Sífilis: História, Ciência, Arte, sobre a experiência da exposição no Paço Imperial, Rio de Janeiro⁽⁸⁾.

Podemos, ainda, ver algumas outras referências de exposições, ações e espaços dedicados à doença em vários locais do mundo, como os museus de cera (para mostrar as marcas dermatológicas), e o catálogo da sífilis, que utiliza algumas efemérides sobre a doença.

Quando vamos pesquisar dados sobre arte, ciência e história acerca da sífilis, encontramos dados esparsos e dicotomizados⁽⁹⁻¹¹⁾.

O texto de Maatouk et Moutran⁽⁹⁾ leva-nos à página do Museu da Sífilis. Entretanto, o museu tem, de muito relevante, fogões e o teatro do filósofo médico, que está localizado em um edifício histórico do século XVI, construído para abrigar o primeiro hospital da cidade, “Santa Maria della Pietà”, que depois se tornou Sifilicômio Campailla e finalmente Hospital Campailla, o melhor hospital para o tratamento da sífilis até os anos 1940, para onde iam pessoas de todo o lado a fim de usufruir de terapias valiosas.

Em raras publicações encontramos muitas e robustas informações e imagens sobre arte, ciência, história, memórias a respeito do tema sífilis contempladas na mesma produção.^(8,12,13)

Mais do que apresentar a exposição, o material produzido pretende provocar reflexões que só os campos da cultura, da história e da memória podem instigar. Como já dito, a história raramente nos dá imunidade para não a repetir, especialmente nos erros. Arte e história acompanham a humanidade. Uma faz entender a outra. Mostram e decifram comportamentos, habilidades, estigmas, relações sociais. E, como exercício de memória, podemos produzir ações para fazer com que a sociedade, principalmente profissionais e gestores de saúde e de educação, relembrem.

A sífilis tem atravessado séculos com muitos preconceitos e até obscurantismo. O próprio nome e a origem já passaram por inúmeros processos de culpa e subterfúgios, como o mal francês, o mal napolitano, para os turcos; já foi chamada de mal cristão... Até hoje, muitos profissionais solicitam sorologia para Lues, pois hesitam escrever a palavra sífilis. Isso, podemos pensar, por desconhecerem que lues significa flagelo, praga ou peste. Em alguns casos, fazem com que o “paciente” não perceba que está sendo testado para uma doença repleta de estigmas.

A base deste trabalho veio para apresentar a produção do catálogo da exposição “Precisamos falar mais sobre sífilis, sem preconceitos!”, explorando seus elementos históricos, artísticos e políticos, conscientizando e provocando uma reflexão crítica sobre as estratégias atuais de combate à doença, diante dos números alarmantes observados globalmente.

Todavia, as duas primeiras exposições ficaram para trás. Já realizamos outras. E, a cada momento, encontramos peças que nos alimentam para continuar aumentando e expondo cada acervo conquistado.



Fachada do Paço Imperial com grande anúncio da exposição “Sifilis, História, Ciência, Arte”, novembro de 2021.



Entrada da exposição no segundo andar do Paço Imperial ocupando as salas Marquês do Lavradio, José Alpoim, das Princesas e Lins de Vasconcelos, novembro de 2021.



Fachada da Associação Médica Fluminense e Sala Waldenir de Bragança com a exposição “Precisamos falar mais sobre sífilis, sem preconceitos”, novembro de 2022. Fotos de Rolf Vianna.

PRODUZINDO / FABRICATIO

Foi construído um catálogo digital como desdobramento de uma exposição aberta ao público: *Precisamos Falar mais Sobre Sífilis, sem Preconceitos* realizada no período de outubro de 2022 até janeiro de 2024, na Sala Waldenir de Bragança, no térreo, da Associação Médica Fluminense (AMF), Icaraí, Niterói, RJ, Brasil. Mas este catálogo não foi publicado, dando lugar à atual obra.

Na exposição, apresentamos várias peças que fazem parte da história e da ciência que envolvem a sífilis, e sobretudo de peças e citações sobre arte que compõem o imaginário e as memórias desta doença milenar. Isso para valorizar o que disse Paul Klee: “A arte não reproduz o que vemos, ela nos faz ver”⁽¹⁴⁾.

Na verdade, como já dito, esta exposição representou um desdobramento, com ampliações, de outra exposição: “Sífilis: História, Ciência, Arte”, realizada no Paço Imperial, Praça XV, Centro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil por um pequeno período, novembro de 2021 a fevereiro de 2022, que teve o principal patrocínio do Ministério da Saúde^(3,13).

Nas exposições, algumas peças foram idealizadas e construídas pelo curador ou já faziam parte do acervo pessoal da curadoria. Várias jamais tinham sido expostas publicamente.

Devemos enfatizar que a segunda exposição se fez necessária porque várias peças não puderam ser apresentadas anteriormente; tivemos pequeno período de duração e, para complicar, por algumas semanas a exposição foi suspensa em decorrência dos problemas causados pela pandemia de Covid-19. Mas, também, tínhamos, e temos, o dever de não trancar os ricos materiais em sala, ou galpão, deixando-os visíveis, apenas, para algumas paredes.

Por outro lado, com o conhecimento de nossa exposição, um colecionador anônimo de Portugal enviou-nos uma ampola original e lacrada de Neosalvarsan, produto à base de arsênio desenvolvido por Paul Erlich, no início dos anos de 1900, para tratamento da sífilis, ganhador de Prêmio Nobel, para ser exposta em nossa nova exposição.

A sala de exposição na AMF tinha pouco mais de 200 m² e foi toda adaptada, inclusive com painéis, mesas, bancos e iluminação especiais para receber a nossa atividade.

Depois, fizemos outras exposições: no XV Congresso da Sociedade Brasileira de Doenças Sexualmente Transmissíveis; no XI Congresso Brasileiro de Aids e no VI Congresso Latino-Americano de IST/HIV/AIDS, de 4 a 7 de outubro de 2023, em Florianópolis, Santa Catarina; e no Congresso da Sociedade de Infectologia do Estado do Rio de Janeiro, no IX Infecto Rio, de 7 a 9 de agosto de 2024.

Nas últimas exposições apresentamos peças jamais mostradas anteriormente. Isso nos dá elementos para uma publicação mais robusta e com visões bem mais amplas.

CATÁLOGO / *CATALOGUE*

PRECISAMOS FALAR MAIS SOBRE SÍFILIS,
SEM PRECONCEITOS!

APRESENTAÇÃO / PRAESENTATIO

Em agosto de 1530, o médico, escritor, humanista e astrólogo Girolamo Fracastoro (Hieronymus Fracastorius) publicou, em Verona, Itália, o poema latino “Syphilis Sive Morbus Gallicus” (Sífilis ou Mal Francês), no qual descreve a doença que o deus grego Apolo impôs a Syphilus, um pastor de ovelhas que amava mais o rei Alcithous, de sua região, do que os deuses.

Como um grande mal da época, cada região colocava o problema em outra região: mal espanhol, mal napolitano, mal francês, entre outros. Entretanto, hoje, por análises de biologia molecular, sabe-se que a sífilis existiu em outras partes do mundo antes da época de Fracastoro e das navegações para a América. Muitos preconceitos contra as pessoas que tinham a doença marcaram gerações. Inclusive, a doença recebeu, em séculos passados, o nome de lues, que significa peste, praga ou flagelo. Isso evitava falar o nome sífilis. Imagine, era preferível falar “o senhor, a senhora tem peste” do que falar “o senhor, a senhora tem sífilis”. Interessante, ainda hoje, em 2026, é possível ver lues escrito em exames laboratoriais.

De Girolamo para cá, inúmeras obras de arte usando a sífilis como pano de fundo foram realizadas por diversos autores de diferentes áreas – desde pinturas, como a de Rembrandt (retratando a lesão tardia de nariz em sela) e de Edvard Munch (mostrando a herança da sífilis congênita), até filmes de longa-metragem, como Dr. Ehrlich’s Bullet Magic (sobre os primeiros medicamentos desenvolvidos especificamente para tratar a sífilis: salvarsan-606 e neosalvarsan-914), “Miss Evers’ Boys” (sobre o estudo antiético da sífilis não tratada em homens negros de Tuskegee, Alabama, Estados Unidos) e Heleno (sobre a vida do jogador de futebol ídolo do clube Botafogo, Rio de Janeiro, que se negou a tratar a sífilis e morreu com sequelas tardias em um sanatório de Barbacena, Minas Gerais). A série “A Inglesa” (The English), mais contemporânea e disponível na plataforma de *streaming* Max, revela violentas memórias. Outros filmes serão relatados.

Poucas doenças têm os dados históricos, os acontecimentos científicos e os elementos artísticos que a sífilis apresenta. E, apesar de todo o conhecimento e da disponibilização de diagnósticos, tratamentos, acompanhamento, rastreamento, prevenção, materiais de comunicação e mídia junto à população, além das possibilidades de análises estatísticas e de vigilância em saúde pública, a sífilis continua acometendo de forma crescente pessoas em todo o mundo, em países de baixo a alto desenvolvimento econômico e sociocultural. Entretanto, o número de casos de sífilis, no Brasil, está há décadas acometendo cada vez mais nossa população. Sejam adultos, gestantes, crianças. Todavia, o amplo debate com a população, especialmente dos órgãos de imprensa, deixa a desejar. Como exemplo, citamos o Brasil, na página de internet <http://indicadoressifilis.aids.gov.br/>, que mostra terem sido notificados, em 2022, 212.693 casos de sífilis adquirida, 83.042 de sífilis em gestantes e 26.471 de sífilis congênita (SC). O estado do Rio de Janeiro teve 4.150 casos de SC com 338 abortos, natimortos e óbitos por SC em menores de 1 ano. Diga-se: os boletins são atualizados, mas não vemos diminuições marcantes em 2024.

Qual calamidade mata mais, em um ano, e por décadas, do que sífilis congênita? O que esses números revelam sobre a saúde pública brasileira? O que revelam sobre a qualidade da assistência pré-natal?

Quantas reportagens lemos, ouvimos, assistimos sobre este tema nos últimos anos? As poucas matérias são esparsas e jamais, jamais ocorreram simultaneamente em jornais e revistas impressas, rádios, televisões, mídias digitais por dias seguidos, visando massificar o assunto e oferecer o máximo de informações para todas as populações. Junto a tudo isso, em várias maternidades públicas das grandes cidades não há um dia sem ter um recém-nascido com sífilis congênita. Sem falar que existem maternidades privadas e públicas que atendem, mas não notificam, casos de sífilis congênita. Fora a questão da doença em si, ainda enfrentamos os problemas de notificação e investigação adequada de cada caso de sífilis.

Assim, um grupo multiprofissional propôs, articulou, pesquisou, debateu e executou uma atividade única registrada, que sabemos, até hoje: uma exposição sobre história, ciência e arte na esfera do tema sífilis.

Como curadores da exposição “Sífilis: História, Ciência, Arte” (realizada de novembro de 2021 a fevereiro de 2022 no Paço Imperial, Rio de Janeiro, <http://exposifilis.aids.gov.br/>), e como profissionais que pesquisam, que escrevem e que atendem pessoas com sífilis, aprendemos a cada dia, a cada reunião do grupo gestor, novas informações sobre a sífilis, sobretudo como trabalhar em grupo faz com que cada participante cresça muito mais.

Um desses aprendizados foi saber que Fracastoro, criador da palavra sífilis, em um poema que relacionava a causa da doença com castigo divino, anos depois, em 1546, escreveu e publicou importante obra, mas que pouquíssimos conhecem – *De contagione et contagiosis morbis et curatione* –, sobre o contágio, os males contagiosos e sua cura, que são transmitidos por partículas, de pessoa para pessoa, seres vivos que se reproduzem, ou sementes de contágio. Apresentava, ali, Fracastoro, séculos antes das descobertas microscópicas dos microrganismos, a teoria de que doenças infecto-contagiosas eram causadas por seres vivos e não por castigos de deuses. Estudando o tema, tivemos acesso ao livro *Mal Serpentino* (1539), de Diaz d’Ysla, no qual anteriormente a 1492 Antonio di Paolo Benivieni (1443-1502), estudioso de patologia, pioneiro de autópsia (necrópsia) já havia observado, antes ainda do próprio Girolamo Fracastoro descrever a sífilis, que a tal doença podia ser transmitida da mãe para o filho durante a gravidez ou no período de amamentação.

Em decorrência da riqueza do material, do pouco tempo de exposição, com interrupções pela pandemia da Covid-19, resolvemos levar para a nossa casa, Associação Médica Fluminense (AMF), Sala Waldenir de Bragança, Niterói, RJ, uma nova exposição. Pois é na AMF que recebemos, desde a época de acadêmicos de medicina, década de 1970, esteio para muitas de nossas inquietudes. Além do mais, é Niterói a sede de nossas outras casas: a Sociedade Brasileira de DST e o Setor de DST do Departamento de Microbiologia e Parasitologia do Instituto Biomédico da Universidade Federal Fluminense, que em todos os momentos são alicerces de nossas atividades em ensino, pesquisa e extensão.

Prepare-se. Fique com a mente aberta para conversar sobre qualquer preconceito que possa existir. Pois você vai se surpreender, tanto quanto nós, com os mais diversos elementos que apresentaremos.

Muitas peças do acervo da exposição no Paço estarão presentes. Porém, nesta nova versão, na área de exposição do Congresso IX Infecto Rio 2024, cedida gratuitamente pela Sociedade de Infectologia do Estado do Rio de Janeiro (SIERJ), apresentamos obras inéditas, provocantes, e a possibilidade de conversas presenciais com os curadores da exposição, com a finalidade de dirimir dúvidas, externar inquietudes e contribuir com comentários e, quiçá, algum novo elemento.

Desejamos que você sinta orgulho das parcerias estabelecidas pelas entidades envolvidas nesse trabalho.

Queremos provocar você a perceber que a nossa forma misturada de apresentação da exposição não é desorganizada, como algumas gestões da educação e da saúde (pública, privada e organizações da sociedade civil), de vários setores brasileiros, no que diz respeito ao combate à sífilis congênita, principalmente. Os números e a qualidade das notificações merecem, também, profundas reflexões.

Há séculos a sífilis nos consome com sofrimentos. Há séculos a sífilis nos inebria de arte, cultura e história.

Há muitas décadas conhecemos o agente etiológico, o diagnóstico, o tratamento efetivo da sífilis. Até hoje sem resistência da bactéria à penicilina.

Assim, lançamos um desafio para gestores da educação e da saúde pública e privada, bem como profissionais de saúde e a sociedade brasileira como um todo: reconhecer, trabalhar e reverter os absurdos números de casos de sífilis congênita no Brasil. Pois eles evidenciam que a qualidade de pré-natal tem muito a melhorar. Uma negligência que não cansa de nos envergonhar, ao mesmo tempo em que é uma vergonha que não cansamos de negligenciar. Sífilis congênita é doença sentinela. Quando em altos números, indica sérios problemas na atenção básica.



O HORROR DA **SÍFILIS CONGÊNITA** NO BRASIL.
É UMA GUERNICA BRASILEIRA?

DE HORRORE **SYPHILIS CONGENITAE** IN BRASILIA.
ESTNE GUERNICA BRASILIENSIS?

Em março de 2023 visitei a exposição “Imagine Picasso, a Experiência Imersiva”, em São Paulo. Vi obras de extrema doçura, como Abraço. Outras de extrema inquietude, angústia, necessidade de mostrar a violência que o ser humano pode cometer.

Quando bati o olho em **Guernica** (sofrimento no bombardeio à cidade Basca, em 1937, durante a Guerra Civil Espanhola), lembrei-me de vivências que já vi e vivi.

Junto com as filhas Paula e Carolina, estudantes de medicina, em um sábado, fui ao Hospital Adão Peireira Nunes, Duque de Caxias, RJ, para coletar materiais de um feto morto por sífilis congênita e sua placenta para exames de biologia molecular para *Treponema pallidum*.

No setor de geladeiras com mortos, observamos o corpo de um bebê falecido por sífilis congênita. Não fotografamos ou filmamos. Mas a imagem de uma linda menina de cerca de 3 kg, com lesões de pele típicas de sífilis, ficou gravada, “salva” (termo dos dias de vida digital) em nossos cérebros.

Ainda na visita à exposição “Imagine Picasso”, veio-me a necessidade de criar algo impactante para a parede de acesso a nossa “**Sífilis: precisamos falar mais, sem preconceitos**”.

Daí, apresentamos uma versão de “*Guernica*”, de Picasso, com releitura para a violência da sífilis congênita no Brasil*, especialmente para a negligência para a vergonha, para a prevaricação no que tange aos óbitos por sífilis congênita na história da saúde pública brasileira.

Essa indignação deve ganhar mais corpo quando assistimos, via canais de imprensa e mídias sociais, cenas de ataques com mortes em escolas brasileiras e nada enxergamos também nas violências sofridas por muitas mulheres, seus filhos e suas famílias. De 2017 a 2022, apenas no estado do Rio de Janeiro, foi notificado o aterrador número de 1.296 óbitos por sífilis congênita**. Na vida real esse dado pode ser maior.

Releia, reflita, grite: chega de violência!

* Com algumas imagens cedidas por colegas como Vânia Silami.

**Distribuição dos óbitos por sífilis congênita segundo a região de saúde e o município de residência, no estado do Rio de Janeiro - RJ, 2017-2022. Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), dados de 19/01/2023, sujeitos a alteração.

O SURGIMENTO DA SÍFILIS / *EMERGERE SYPHILIS*

A hipótese mais popular na história é a de que os navegadores da frota de Cristóvão Colombo teriam levado a sífilis do Novo Mundo (continente americano) para a Europa no final do século XV, e a doença teria se espalhado por vários países, sendo considerada uma epidemia.

Recentes pesquisas paleopatológicas (doenças do passado) e genéticas (com DNA e RNA) vêm provando que a sífilis já era amplamente disseminada nos continentes séculos antes do período das grandes navegações (final do século XV), não sendo exatamente uma doença originária da América. Entende-se que a doença como conhecemos hoje foi sofrendo processos adaptativos (considerando as grandes migrações, os impactos climáticos e as variações geográficas, além do grau de desenvolvimento cultural das populações), inicialmente se manifestando como doença leve, o que se agravou após sofrer várias mutações*.

Marylynn Salmon, em brilhante publicação de 2022, *Medieval Syphilis and Treponemal Disease* discorre sobre manuscritos e arte que apoiam evidências arqueológicas de que a sífilis estava na Europa muito antes que os exploradores pudessem levá-la das Américas para a Europa. Afirma que líderes no campo da paleopatologia encontraram evidências suficientes para provar que a treponematose, incluindo a sífilis, existia na antiga e medieval Afro-Eurásia. A autora ainda discorre sobre relatos contemporâneos da morte do rei inglês Eduardo IV (1442-1483), que indicam fortemente a sífilis como a causa.



Uma pintura de 1400 retrata um dos torturadores (de roupa verde) de Jesus sofrendo de “nariz em sela”, um efeito comum da sífilis? Detalhe de uma pintura austríaca de c. 1400 da Paixão de Cristo, The Cleveland Museum of Art.

Fonte: Salmon, M. *Medieval Syphilis and Treponemal Disease*. York, ARC Humanidades Press; 2022.

<https://www.arc-humanities.org/9781802700480/medieval-syphilis-and-treponemal-disease/>

<https://theconversation.com/manuscripts-and-art-support-archaeological-evidence-that-syphilis-was-in-europe-long-before-explorers-could-have-brought-it-home-from-the-americas-182114>

*Ujvari S C. *A História da Humanidade Contada pelos Vírus*. São Paulo, Editora Contexto; 2012. 202 p.

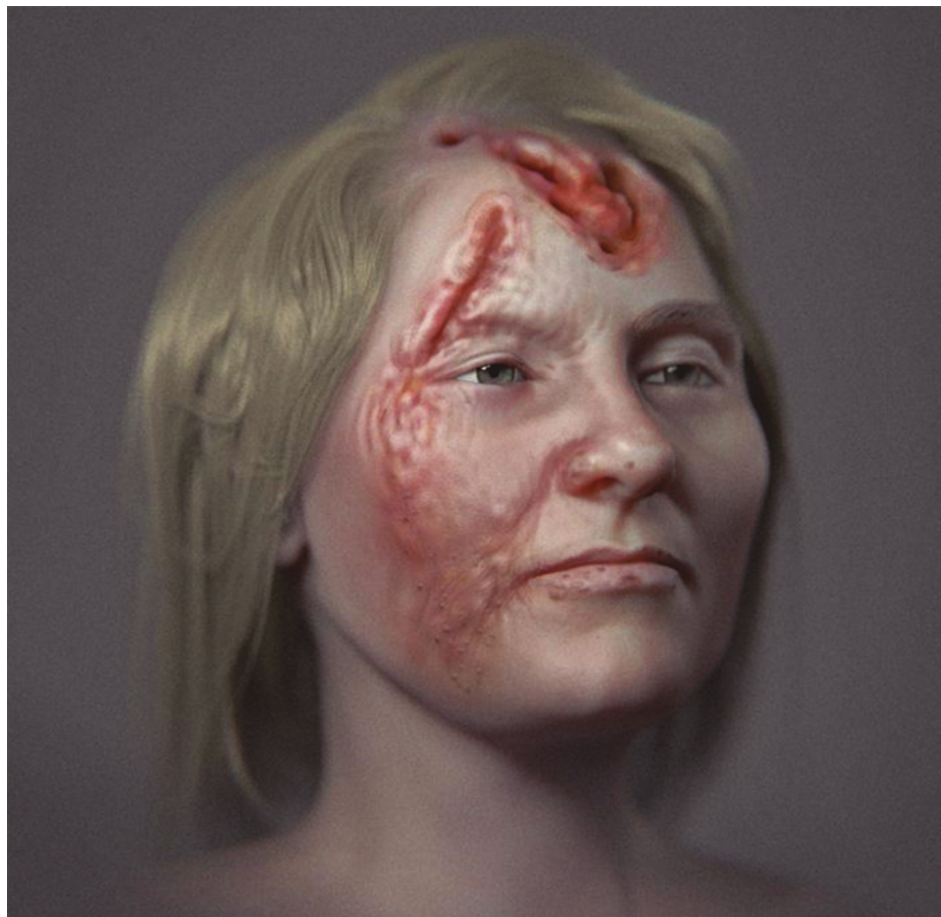


Em uma pintura do início do século XV, o olhar perspicaz de um historiador vê dois soldados (um de amarelo, outro atrás de uma pluma vermelha) com características faciais indicativas de sífilis avançada, levando Cristo à sua crucificação. O despojamento de Cristo da Paixão de Karlsruhe (detalhe), c.1440. Staatliche Kunsthalle Karlsruhe, Estrasburgo.

Fonte: Salmon, M. Medieval Syphilis and Treponemal Disease. York, ARC Humanidades Press; 2022.

<https://theconversation.com/manuscripts-and-art-support-archaeological-evidence-that-syphilis-was-in-europe-long-before-explorers-could-have-brought-it-home-from-the-americas-182114>

A imagem abaixo é a reconstrução facial de uma pessoa com sífilis na Idade Média, produzida pelo pesquisador, *designer* e especialista em 3D Cícero Moraes.



Moraes, C; Varotto, E.; Habicht, M. E.; Sineo, L.; Galassi, F.M. Facial approximation of a skull with signs of tertiary syphilis found in the Skriðuklaustur monastery (Iceland, 15th-16th century AD). *Digital Applications in Archaeology and Cultural Heritage*. Volume 34, September 2024, e00362. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S221205482400047X?via%3Dihub>>

TREPONEMA PALLIDUM PALLIDUM

Treponema pallidum, subespécie *pallidum*. É uma bactéria espiroqueta que não se cora pela técnica de Gram. Até há bem pouco tempo não crescia em meio artificial. Todavia, estudo recente conseguiu, com muita tecnologia, criar ambiente para que esta bactéria se multiplique em meio de cultura artificial. Estamos encarando este passo como primordial para desenvolvimento de uma vacina. *Treponema pallidum* é sensível à temperatura acima de 40°C, a detergentes e antissépticos comuns, tendo dificuldades para sobreviver em ambientes secos. É descrito como um patógeno exclusivamente do ser humano. Entretanto, sobrevive bem em testículos de coelhos e já foi possível reproduzir a doença em chipanzés.

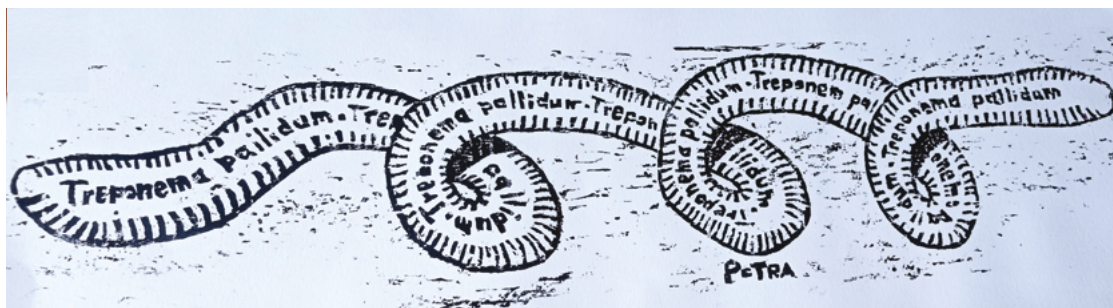


Microscópio óptico com condensador de campo escuro – Olympus® – Modelo Bx40

Acervo do Setor de DST da Universidade Federal Fluminense
Microscópio utilizado para visualização de *Treponema pallidum* em amostras frescas de lesão de sífilis pela técnica de campo escuro. O vídeo representa como o treponema é visto com sua forma espiralada, brilhante e branca, fazendo movimentos típicos de alongamento e encurtamento. Embora seja de baixo custo, essa técnica exige experiência profissional, além de um microscópio específico com condensador de campo escuro e sala apropriada.



Pelúcia Bactéria *Treponema pallidum*
Bio Store.
Marca: Bio Store Online.



Petra, Thiago. Xilogravura de um *Treponema pallidum*. Dimensões: 64 cm x 13,5 cm. 2021.



Interaction of *Treponema pallidum*, the syphilis spirochete, with human platelets

ScienceVio 7,63 mil inscritos [Inscrever-se](#) 216 [Compartilhar](#) [Clipe](#) [Salvar](#) [...](#)

SCIENCEVIO. Interaction of *Treponema pallidum*, the syphilis spirochete, with human platelets. YouTube, [s.l.], 20 jan. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X9NQ8xJLy3E>. Acesso em: 22 jun. 2023.



Videodança conceitual com Fernanda Passos ilustrando a bactéria *Treponema pallidum*, causadora da sífilis. Parque da Cidade, Niterói. 2021.

Disponível em: <https://youtu.be/AJC4CrZXbc0?si=vRiKHO8tJL8Vvk2yd> [s.l.], 20 jan. 2019.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X9NQ8xJLy3E>. Acesso em: 22 jun. 2023.

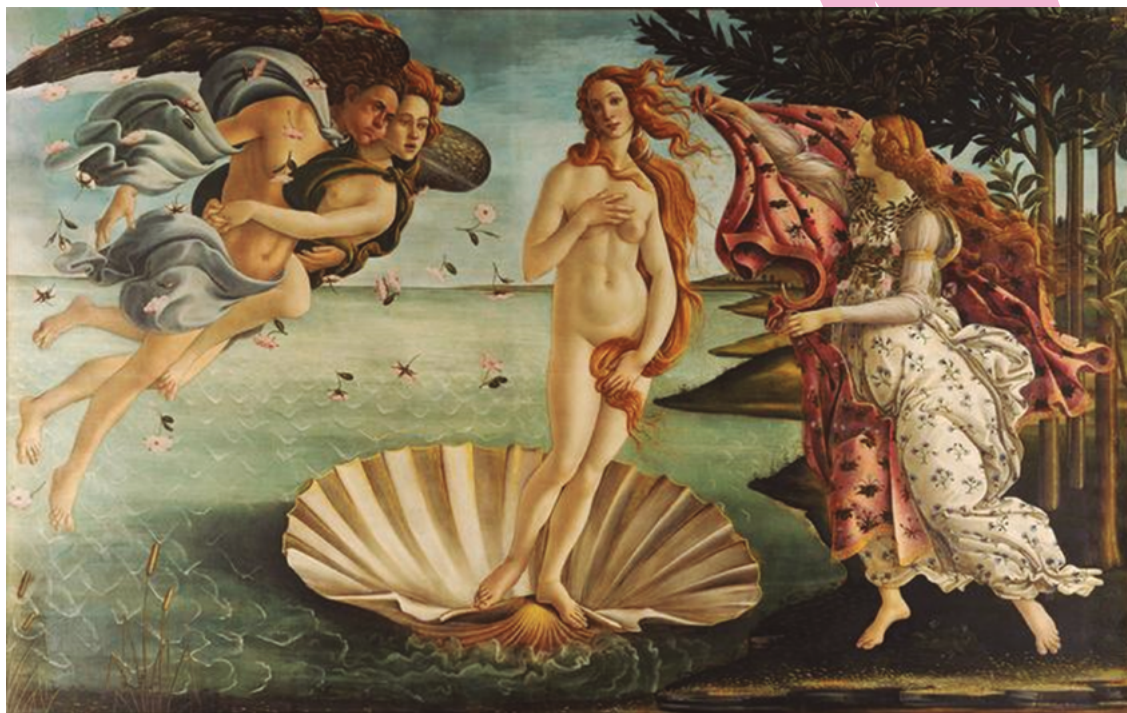
TRANSMISSÃO / PRAETERIENS

POR QUE SE CHAMAVA DOENÇA VENÉREA? *QUARE DICTUS EST MORBUS VENEREUS?*

O termo “doença venérea” tem origem na antiguidade clássica, mais especificamente na mitologia romana. Vênus, a deusa romana do amor, da beleza e da fertilidade, era frequentemente retratada como uma figura sensual e erótica. Acredita-se que o termo “venérea” tenha surgido na obra *Nouveau Carême de pénitence et purgatoire d'expiation à l'usage des malades affectés du mal français ou mal vénérien* (1527), de Jacques de Béthencourt, em referência às doenças sexualmente transmissíveis, associando-as à figura da deusa Vênus e à sua esfera de influência. O termo passou a ser utilizado na medicina a partir do século XVI, quando as primeiras descrições de doenças como sífilis e gonorreia começaram a surgir.

Atualmente, depois de passar por doença sexualmente transmissível, ou ainda convivendo com ela, o termo “infecção sexualmente transmissível” (IST) é mais comum do que “doenças venéreas”, no sentido de que uma pessoa pode estar infectada com um agente microbiano sem apresentar alterações clínicas e/ou sintomas.

Muitas instituições alteraram a nomenclatura. Porém, algumas mantêm a designação medieval como a **Academia Española de Dermatología y Venereología** (AEDV – 1909, <https://aedv.es/>), a **Royal Belgian Society of Dermatology and Venereology** (RBSDV – 1921, <https://www.belgiandermatology.be/en/>), a **Sociedade Chilena de Dermatologia e Venereologia** (1938 - <https://www.sochiderm.org/>), a **Sociedade Portuguesa de Dermatologia e Sifilografia**, 1942 (hoje Venereologia, <https://www.spdv.pt/>), a **Academia Europeia de Dermatologia e Venereologia**, (1987 - <https://eadv.org/>). Em 1991, duas sociedades de dermatologia foram fundidas e o nome escolhido foi **Hong Kong Society of Dermatology and Venereology** (<https://www.medicine.org.hk/hksdv/home.htm>), a **Sociedade Suíça de Dermatologia e Venereologia** (<https://www.derma.swiss/>) e outras.



O Nascimento de Vênus / *Nascita di Venere*. Sandro Botticelli. 1485-1486. Têmpera sobre tela. Galleria Degli Uffizi.



Réplica de um cinto de proteção, com base no item do acervo do Museu da Farmácia de Lisboa.

Segundo João Neto, diretor do Museu da Farmácia e presidente da Associação Portuguesa de Museologia (APOM), o cinto era usado para punir prostitutas acusadas de disseminar a sífilis, no século XVIII. Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos.



Réplica de uma cerâmica Mochica, pré-colombiana, que apresenta um homem com os sintomas da sífilis.

Adquirido no Museo Nacional de la Cultura Peruana, em Lima, Peru. Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos.

Jarro peruano de argila do século IV, acervo de Musee de l'Homme, em Paris, França.

O jarro faz parte de uma série de outros que representam diversas doenças, como a hanseníase e a leishmaniose. Neste, a mãe segura o filho, aparentemente saudável, enquanto ela apresenta algumas características da sífilis congênita, como a "ponte nasal larga e deprimida e incisivos centrais superiores com entalhes na margem livre".

Fonte: Morton RS. Syphilis in art: an entertainment in four parts. Part 1. *Genitourin Med.* 1990 Feb;66(1):33-40. doi: 10.1136/sti.66.1.33. PMID: 2179115; PMCID: PMC1194440



A TRANSMISSÃO DA SÍFILIS NÃO SE DÁ APENAS POR RELAÇÃO SEXUAL

É fundamental compreender que a transmissão da sífilis não se restringe às relações sexuais. Além de ser uma infecção sexualmente transmissível, a sífilis pode ser transmitida por meio do compartilhamento de agulhas e até sangue contaminado, caso não seja diagnosticada precocemente. A qualidade do sangue e hemoderivados utilizados no Brasil é de altíssima qualidade e confiabilidade, uma vez que são devidamente testados. Mas taxas de positividade para sífilis e outras infecções são altas, no Brasil. Estar ciente dos diferentes modos de transmissão e tomar medidas preventivas é essencial para conter a disseminação dessa infecção.



INAPTIDÃO SOROLÓGICA DOS DOADORES DE SANGUE

A inaptidão sorológica dos doadores de sangue é um termo utilizado para indicar que uma pessoa não pode doar sangue por ter testado positivo em exames sorológicos para doenças infecciosas, como HIV, hepatites B e C, sífilis, entre outras. A sífilis, em particular, é a maior causa de inaptidão sorológica de doadores de sangue, como podemos ver nos dados do HEMORIO e HEMOVIDA de 2015 a 2020.

Tabela 1: Causas de inaptidão sorológica dos doadores de sangue

Sorologia	Método	Testes positivos					
		2015	2016	2017	2018	2019	2020
HIV 1 e 2	Quimiluminescência e ELISA	12	11	8	13	9	21
HTLV I / II	Quimiluminescência	10	7	3	10	8	7
HBV - Anti-HBc	Quimiluminescência e ELISA	47	61	47	39	37	30
HBV - HbsAg	Quimiluminescência e ELISA	4	10	6	8	2	1
HCV-Anti-HCV	Quimiluminescência e ELISA	7	5	4	3	1	4
Sífilis	Quimiluminescência e ELISA	78	71	94	68	89	119
Doença de Chagas	Quimiluminescência e ELISA	9	7	52	9	1	5
TOTAL		167	172	214	150	147	187

FONTE: HEMOVIDA

Tabela 2: Comparação das causas de inaptidão sorológica dos doadores de sangue na Hemorrede Estadual do Rio de Janeiro com os dados do Instituto de Biologia do Exército, no período de 2015 a 2020

Sorologia	Testes positivos (%)											
	2015		2016		2017		2018		2019		2020	
	IBEx	RJ	IBEx	RJ	IBEx	RJ	IBEx	RJ	IBEx	RJ	IBEx	RJ
HIV	7,18	4,69	6,39	5,92	3,73	5,23	8,66	6,82	6,12	6,13	11,22	6,76
HTLV	5,98	3,91	4,06	4,65	1,40	3,32	6,66	4,26	5,44	7,06	3,74	4,30
Anti-HBc	28,14	31,38	35,46	31,65	21,96	23,61	26,0	26,43	25,17	28,73	19,78	24,95
HbsAg	2,39	2,89	5,81	4,29	2,80	5,25	5,33	4,54	1,36	3,60	0,53	2,64
Anti-HCV	4,19	7,76	2,90	5,98	1,86	6,03	2,0	5,90	0,57	4,57	2,13	4,63
Sífilis	46,70	44,46	41,27	43,09	43,92	36,69	45,33	45,66	60,64	47,98	65,77	53,78
Doença de Chagas	5,38	4,92	4,06	4,42	24,29	19,89	6,0	6,41	0,57	1,92	2,67	2,96

FONTE: HEMORIO e HEMOVIDA

Rubim BA. Inaptidão sorológica dos doadores de sangue do Instituto de Biologia do Exército [trabalho de conclusão de curso]. Rio de Janeiro: Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Programa de Pós-graduação em Aplicações Complementares às Ciências Militares; 2021. Disponível em: https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/9613/1/Cap_Betania%20Amim%20Rubim.pdf.

CAMISINHA

O rei semideus Minos de Creta, esposa de Pasífae e pai do Minotauro, protegia suas amantes de seu sêmen repleto de “serpentes e escorpiões” com uma bexiga de cabra, pois, sem esta proteção, as mulheres morriam logo após o ato sexual. Essa história faz parte da mitologia grega documentada por volta de 3000 A.C. e integra a história da camisinha, assim como o registro do uso de uma bainha em linho ou seda e da própria bexiga de animais entre os egípcios, na Roma Antiga e em outras civilizações.

Gabriele Fallopio, o anatomista italiano que analisou a trompa de falópio, descreveu no período renascentista o uso do preservativo para a proteção contra a sífilis. O médico conhecido como Coronel Condom prescreveu essas bainhas para a prevenção das doenças venéreas (daí o nome *condom* do preservativo em inglês). No século XVIII, o preservativo era vendido em bordéis e armazéns, e o alto preço e a falta de conhecimento afugentavam as classes mais baixas.

No período da revolução Industrial, o americano Charles Goodyear descobriu o processo de vulcanização da borracha, permitindo a produção em escala industrial da camisinha. Na década de 1920, o látex foi inventado, o que transformou os preservativos na forma como eles se apresentam hoje, com uma resistência à tração mais alta e a possibilidade de esticar até 8 vezes antes de falharem.



Casanova and the condom. 1872. Autor desconhecido. Gravura. Acervo Biblioteca do Congresso dos EUA.

Fonte: Khan F, Mukhtar S, Dickinson IK, Sriprasad S. The story of the condom. *Indian J Urol.* 2013 Jan;29(1):12-5. doi: 10.4103/0970-1591.109976. PMID: 23671357; PMCID: PMC3649591.



Preservativos masculinos e femininos distribuídos gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil. Foto de Rolf Vianna, 2022.

ARTE E SÍFILIS

A sífilis transcende as paredes dos consultórios médicos e permeia diversos aspectos da sociedade, incluindo a história, a ciência e, especialmente, a arte. Nas expressões artísticas, ela se manifesta nas artes plásticas, na música, no cinema e em todas as suas formas. Muitas vezes, abordamos o assunto sem perceber como ele é retratado, limitando-o apenas ao âmbito das clínicas de saúde.

Essa exposição nos convida a refletir sobre a profundidade e a complexidade do tema, ultrapassando a visão restrita da medicina. Ela nos lembra que a arte possui o poder de explorar e transmitir as dimensões históricas, científicas e humanas dessa doença, revelando-nos a importância de abordar questões de saúde com sensibilidade, consciência e responsabilidade.



ALBRECHT DÜRER

Albrecht Dürer (1471 a 1528) foi o maior artista alemão da Renascença. Experimentou diversos meios de expressão e ficou conhecido por suas delicadas aquarelas da vida animal e vegetal, assim como por suas dramáticas xilogravuras e pelas elaboradas gravuras em metal de temas religiosos. Sua arte é uma mistura de tradições nórdicas e meridionais, profundamente influenciada pela pintura veneziana. Dürer era independente, orgulhoso de sua aparência física e de seu talento. Inteligente e culto, relacionava-se com humanistas e eruditos e, entre seus clientes, incluía-se o Imperador Maximiliano I. Também profundamente religioso, em seus últimos anos deixou-se cada vez mais persuadir pela Reforma Luterana.

O folheto poético escrito pelo médico alemão Theodorus Ulsenis, publicado em agosto de 1496, traz um alerta para uma nova doença que varria o país, descrevendo seus sinais e sintomas e relacionando a epidemia com a grande conjunção astrológica de 1484. Essa publicação inclui a xilogravura de Albrecht Dürer, uma das primeiras representações artísticas criadas para identificar a sífilis.

A obra mostra a influência renascentista e detalha elementos como as lesões nos membros, no tronco e na face, além da dramaticidade da vítima da doença. Alguns observadores notaram que as roupas do homem pertencem ao estilo francês da época, o que pode sublinhar a intenção de Dürer em apontar o “mal francês”.

Theodoricus Ulsenius Phisicus Medicus Vniuersis litterarum Patronis
 in Epidemica scabie que passim toto orbe grassat vacitiniū dicat.

ARCHITECTA GENESYS

Op' iaudita scabiē mutabile vulgo
 et arbitrio docti supēdia turbe
 et āguicōā crines scalpēte Megera
 gnore nemo succurrere pessū
 tiferā nouit conferte medelam
 o dñi nostra rotat corda Empyris
 pugit medicorū contio discors.
 et crucior: ppli clamoribus: ecce
 siferā deposcūt membra quietem
 no claz speculari in ethere phebū
 sse deus qualis Cumca sacerdos
 Eneadū dñi fortia corda remollit:
 retrogrados flecto giramine gressus
 gnifero quāq; soro: euolat arcu
 metā gradibus puertor eandem
 medius: moderato: lucis et aucto:
 s ino cū: s q; freqñs depromo sagittas
 rāq; gero laur: mihi epa necit.
 infōntem pergat lactare Camenā
 nasciolas solito depiauer honore
 ters: ventosa cohors: arcana recludā
 Altitonās facta atq; infecta deoz
 Apollinēā et cunctis p̄stare salutem
 rāq; maym ē herbis ac carmie sano:
 incuruū Nauortis nup in aula
 trem natoq; satis male succensentē
 nis hñano geneti indulgere putaret
 Jubat et vitalis numē olympi
 as falcēq; pigram p̄sepe leuantem:
 Ille p̄car Genius Jouis altera cura
 spumabit nimio: ven' improba luru
 o: monstrisq; feret turbatier orbem:
 is dñi magnus adest dñq; atera cētat
 recales Moso: qui p̄didit iras
 e minor: Chūsus que Chelifer am̄ te
 nepa none libramina Sphere;
 Sgressum statuit vbi pocula por sit
 ambrosij: scelus ē laudare nocētes
 mbiguū genio miscere venenum
 sancta Gradiui sedus in ede
 maio: liceat meminisse nefanda
 igniuomā timo: defertur ad aram
 conuigere stercamina p̄sonat Hydre
 mtimo meditatus prelia Nauoris
 ne: iratus ait: Sic spernimur istis
 bns pigris: et nostra altaria squallēt
 dū terreas in regie thure cucillas
 e gen' dñi clausa murrurat umbra:
 hec pauca fremēs in dāna maiplos
 et celetes frustra retinente M̄sincua



Urget equos: blemq; ciet: calcantur
 Almaq; vitali fraudatur munere Cere
 Leditur omne gen' dñi neq; te bone
 Libera simplicitas vitato flamine mu
 M̄suetunt super: supos culpate quis
 Semina dira mali corrupto s̄mate p
 Postera p̄genies vit vlli chana p̄ioru
 s̄aud secus ac silicis cussū sc̄ntilla rele
 Crescit in immensum: teneros depasci
 Sulfur edat: piceoq; obnubilat omnia
 hinc pestes hinc fata pluit potentia v
 Martia nō nūeris scauit germania ni
 Ti videat natura sagax: diffensio circi
 Quāta volubilibus tanta ē discordia si
 Tenere sub medias: viresq; adiuta res
 Ausa diu tentare nihil sub pondere tar
 Deficiat: leuo ventris cui meta recessū
 Per vada fecale pallenti corde licenti
 Harmoniā distenta p̄m̄iterosua paro
 Emicat: hinc bullas vrentis inde pape
 Difaculat ouans Mentagrā viscida
 Seda lues spurco primū contagia peni:
 Causosiq; bñ nota Cano: noua semina
 Nemo putet celoq; sedet mens nescia fa
 Ethereo timidos quo s̄ire liber aselloe
 Jusca bicorporē de cardine bestia mō
 Ulcera s̄ulfure vibrabat acumine caud
 Oriona fugans pestis monumēta p̄iani
 At quis forte roget que sit medicina dol
 Est locus alato subnitus in ethera sign
 P̄miferiq; solum Musis non vlcima se
 Siue h̄elyes seu Nyssa plac: tranare l
 Aonios iterum latices: vbi Phisius vni
 Lusferat ista Jattus: flana Pignitio ha
 Sua fecat in p̄cep: Siluas vbi sareus
 Collis: vbi coos inter notissima Franc
 Menia: Virgine subijt gens Florica
 hie Gen' deposcat opē mea p̄ma vol
 Asclepium: Sigulq; dabo: mō digna q̄
 Sacra loce: placabo deos et murrura p
 Antidotiq; feram vius emarceat atro:
 Me duce sic mēbis mor fatifer humor e
 Innocu: scabrasq; trahet purgante so:
 Cithi' hec: Ast M̄nemofyne mēdosa re
 Sōnia: h̄nic moium labentis ante ruina
 Quesi' erā: ah q̄tēs suspiras in q̄t ame
 Phillitidū vitata man': quid v̄dere q
 V̄one vides Astrea fugit: quid secl'a cal
 Quid quereris d̄sforme cahos: dñi epa v
 Maxima dum veteres metiūtur fata sig

Insigni Archiatrici studio Sacrum:

O Homem Sifilítico. Albrecht Dürer 1496. Xilogravura 36,6 x 29,7 cm. Wellcome Collection, Londres, Reino Unido. Reprodução.

Albrecht Dürer também teria produzido a obra “Coat of Arms with a Skull” em 1503. A cena traz um homem selvagem, figura tradicional do folclore alemão, abraçando uma noiva. Segundo o historiador da arte Richard Bernheimer, o motivo desta gravura está relacionado ao sogro de Albrecht, o fabricante de alaúde e compositor alemão Hans Frey, que teria prometido sua filha a um homem mais velho quando ela ainda era adolescente. Ele era conhecido por ser um homem promíscuo com sífilis, retratado como um homem selvagem nesta gravura. O brasão possui um crânio inchado com as marcas da sífilis, num ângulo que se assemelha à posição da mulher.

Fonte: The MET. Coat of Arms with a Skull . Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/336220>
Richard Bernheimer . Wild Men in the Middle Ages. A Study in Art, Sentiment and Demonology. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Pr., 1952





SEBASTIAN BRANDT E JOSEPH GRÜNPECK

Em novembro de 1496, Joseph Grünpeck, então secretário do imperador Maximiliano, publica em Augsburg, Alemanha, a obra *Tractatus de pestilentiali scorra sive Mala de Franzos*, reimprimindo o poema do humanista Sebastian Brant *De Pestilentiali Scorra sive Impetigine Anni XCVI*, com comentários e duas xilogravuras. A maioria dos capítulos deste Tratado são considerações astrológicas sobre a epidemia da nova doença que era analisada na Europa. Há um capítulo sobre sintomas clínicos e o possível tratamento.

As xilogravuras 1 e 2, que estavam na publicação de Brandt, retratam a Virgem Maria e o menino Jesus punindo a humanidade pecadora, com raios em flecha. Os infectados são representados por pessoas com úlceras e feridas. Há um homem morto, com roupas militares. Do outro lado, Maximiliano com seus cavaleiros, prontos para receber a coroa. Na reimpressão do tratado, Grünpeck traz uma nova xilogravura com modificações feitas por ele próprio, com a Virgem Maria e seu filho Jesus lançando raios sem as flechas e beneficiando os suplicantes, baseada na compaixão cristã. Há uma separação do cadáver coberto de erupções, sem roupas militares, das suplicantes em oração.

Já a terceira xilogravura traz um diagrama astrológico mostrando uma combinação considerada favorável à sífilis, com quatro planetas que se encontram com o signo de Escorpião, o signo do Zodíaco relacionado aos órgãos genitais. Durante esse período, havia um entendimento sobre a combinação astrológica que favoreceu a criação da doença. Ao mesmo tempo, ao compreenderem que a doença era transmitida por relações sexuais, havia um discurso sobre a punição divina aos pecadores.



Tractatus de pestilentiali Scorra siue mala de Franzos. Da gincm. Remedia q; eiusdem continens. cõpilatus a vene- rãbili viro Adagistro Joseph Grunpeck de Burckhausen. sup. Larmisa quedam Sebastiani Beani viriulq; iuno pro- fessoris.



Riddell WR. Joseph Grunpeck of Burckhausen and his Tractatus de Pestilentiali Scorra Sive Scorra Sive Mala de Franzos. Arch Derm Syphilol. 1930;22(3):430–461. doi:10.1001/ Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamadermatology/article-abstract/505265>



GEORG STÜCHS

Xilogravura pintada com uma oração a São Dionísio, de 1497. São Dionísio, ou São Denis, foi o primeiro bispo de Paris no século III. Segundo a tradição cristã, foi perseguido pelos romanos e decapitado pelo imperador Valeriano. Em seguida, o santo teria caminhado para a sua igreja segurando a cabeça.

Segundo Morton, São Dionísio é considerado o padroeiro dos sífilíticos. Durante a pandemia de sífilis no final do século XV na Europa, São Dionísio era solicitado para interceder pelas pessoas acometidas pela doença.

Nessa xilogravura de Georg Stüchs, a Virgem Maria está ao lado do santo, com dois suplicantes pedindo a intercessão. Abaixo, uma oração para pedir o alívio ao sofrimento.



O Aller heyligster vater vñ großwechtiger nothelfer Dyonisi: ein ercs
 bischoff vñ loblicher martrer. O du himelischer lecher: der von fräck-
 reich apostel: vñ teutscher landt gewaltiger regierer. Wehuet mich vor der
 erschrecklichen krankheit mala fransos genant: von welcher du ein grosse
 schar des christenlichen volks in franckreich erlebedigt hast: So dy kosten
 das wasser des lebédigen brunnen der vnder deiré aller heiligisten korper
 entsprang: Wehuet mich vor diser gemeinlichen krankheit: O aller genedi-
 gister vater Dyonisi: biß ich mein sundt mit dem ich got meinen herren be-
 laidigt hab: pussen muig: vñ nach dysem lebé erlangen: dy freud der ewigé
 saligkeit: das verleich mir x̄pus iesus der dich in dé aller vinstersten kercker
 verschlossen trostlichen haym gesuechet: vñ mit seiné aller heiligsten leich-
 nam vnd pluet dich speiset sprach: dy lieb vñ guttikeit dy du hast zu mir al-
 lerseit: dar umb wer wirt bitten der wirt gewert: Welcher sey gebenedeit in
 ewigkait Amen.



BARTHOLOMÄUS STEBER

Em 1498, Bartholomäus Steber, de Viena, publicou a pequena obra *A Malafranczos, morbo Gallorum, praeservatio ac cura*, com oito folhas sobre a sífilis. Ela mostrou a xilogravura de um casal com a doença, tratados por dois médicos. Na cama, a mulher observa o médico que segura um frasco, realizando um exame de urina. Já o marido é atendido pelo segundo médico, que aplica uma pomada com o auxílio de uma espátula.





AGNOLO BRONZINO

A obra “Uma Alegoria com Vênus e Cupido” foi pintada por Agnolo Bronzino em 1547 e é considerada sua principal pintura. Rica em simbolismo clássico, de um período entre a Renascença e o Barroco, a obra faz parte do acervo da National Gallery, em Londres, e é descrita como a pintura mais francamente erótica da coleção. O abraço sensual entre Vênus e Cupido é uma forma de explorar a sexualidade e suas consequências, a partir do momento em que os olhos percorrem a obra. Acima, o pai Tempo revela o escândalo à força, retirando o véu azul-marinho, mesmo que o personagem à esquerda tente puxar o pano sobre a cena. Abaixo, a figura de uma pessoa desesperada, gritando e segurando sua cabeça, possui diversas interpretações. Uma delas diz respeito à sífilis, que impactava a Europa no período, por conta dos sinais clínicos da doença, detalhada no artigo “An Allegory with Venus and Cupid: a story of syphilis”, de Christopher Cook, publicada no *Journal of the Royal Society of Medicine* em 2010.



Pai de olhos arregalados, a "sífilis" desesperada segurando a cabeça e o abraço sensual entre Cupido e Vênus.



HANS HOLBEIN, O JOVEM

Considerado um dos retratistas mais famosos do século XVI, o alemão Hans Holbein, “the younger” (seu pai e mestre era Hans Holbein, “the older”), produziu obras mostrando a nobreza da corte Tudor, na Inglaterra, como no retrato de Henrique VIII.

Em 1523, Hans Holbein pintou o retrato de Ulrich von Hutten (1488-1523), um humanista e teólogo alemão, considerado o “sifilítico mais conhecido da história”. Ele é tido como primeiro retrato realista de um caso seguro de sífilis, após a confirmação da doença em estudo paleopatológico realizado em 1968, com a exumação do corpo do humanista alemão.



Hans Holbein, o Jovem
Cabeça de um Jovem

1523

205 x 152 mm

Tinta e giz colorido sobre papel antigo creme

Fogg Art Museum, Cambridge, Massachusetts

Legado de Paul J. Sachs



TICIANO

Ticiano (ou Tiziano) Vecellio (c. 1473/1490-1576) foi um pintor italiano e é considerado um dos maiores artistas da escola veneziana de pintura do Renascimento. A principal característica de sua obra é a aplicação e o uso da cor. Em sua longa vida, passou por várias técnicas e temas, influenciando diversos estilos, como o Maneirismo e o Barroco, mas também serviu de referência em tempos posteriores, alcançando até o Romantismo e a Arte Moderna. Ticiano tinha quase 100 anos quando a peste negra apareceu em Veneza, matando-o em 27 de agosto de 1576.

Girolamo Fracastoro, o celebre médico italiano, que também era astrônomo, poeta e matemático, ficou conhecido por seus estudos precursores da microbiologia e formas de contágio das doenças, os quais ganharam grande repercussão. Fracastoro, contemporâneo do artista Ticiano, manteve contato com os principais estudiosos, pintores e poetas de sua época.

No quadro, podemos ver os típicos traços de Ticiano, destacando-se a gola de pele de lince e as pinceladas espessas e quebradas, descendo pela bem iluminada borda esquerda, assim como as linhas finas, riscadas na tinta branca, dos tufo de pele presos nas costuras da manga.



Retrato de Girolamo Fracastoro.

Ticiano C.

1528.

Óleo sobre tela 84 cm x 73,5 cm.

The National Gallery, Londres, Reino Unido.

Reprodução.

JAN SADELER I

Jan Sadeler I, ou Jan Sadeler o Antigo, foi um gravador flamengo, o primeiro de uma famosa família de gravadores belgas.

Na fonte à esquerda, uma estátua de Vênus e o Cupido. A água sai do seio de Vênus e percorre uma cisterna até o riacho, passando pelo corpo de uma mulher que toca alaúde. O riacho passa por um cachorro, que urina na água. Então as águas chegam ao pastor Sífilo, que se abaixa e bebe a água poluída. Atrás, um homem segurando uma lança, identificado como o caçador sírio Ilceus. No centro, Fracastoro segura seu poema "Syphilis sive morbus gallicus". No poema de Girolamo Fracastoro, Sífilo é curado com casca de Guaiaco. Já Ilceus é curado por tratamentos com mercúrio. Os outros elementos são metáforas que não aparecem no poema original.



Girolamo, Sífilo, Vênus e outros na praça / Girolamus, Syphilus, Venus & alii in quadrato

Hieronymus Fracastorius (Girolamo Fracastoro) mostra ao pastor Sífilo e ao caçador Ilceus uma estátua de Vênus para alertá-los contra o perigo da infecção pela sífilis

Jan Sadeler I (gravador)

Christoph Schwartz (pintor)

c. 1588/1595

Gravura Wellcome Collection, Londres, Reino Unido

REMBRANDT

Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606 a 1669) foi um pintor e gravador holandês. É geralmente considerado um dos maiores nomes da história da arte europeia e o mais importante da história holandesa. É considerado, por alguns, como o maior pintor de todos os tempos.

Os maiores triunfos criativos de Rembrandt são vistos nos retratos de seus contemporâneos, ilustrações de cenas bíblicas, além de suas gravuras inovadoras e o uso de sombra e luz. Criou uma série numerosa de autorretratos, que usou como tema mais frequente em seus estudos.

Rembrandt produziu o retrato do compatriota holandês Gerard de Lairese entre 1665 e 1667. Lairese era um artista, gravador e teórico de arte portador de sífilis congênita.

O retrato de Gerard de Lairese pintado por Rembrandt é um importante registro da sífilis na arte, não só pela temática, mas pelas suas qualidades estéticas. Como podemos ver, Lairese é tratado com feições inchadas e o nariz bulboso.



Retrato de Gerard de Lairese.

Rembrandt (Rembrandt van Rijn)
1665-1667.
Óleo sobre tela
112,7 cm x 87,6 cm
The Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA.
Reprodução.



BELIN E DESCHAMPS

O Frontispício (Ilustração da folha de rosto) de Belin e Deschamps, na obra “Sífilis: poëme en quatre chants”, do poeta Auguste-Marseille Barthélemy, reflete o ideal romântico de beleza e morte, personificado por uma jovem cuja máscara oculta o anjo da morte. Um menino, cativado por sua beleza, ignora os perigos do amor. Três anjos, consternados, alertam contra a luxúria, enquanto Mercúrio, no topo da imagem à esquerda, simboliza os tratamentos com mercúrio para sífilis. A cena critica os impactos sociais e sanitários da sífilis no século XIX.

Não encontramos informações sobre os autores da ilustração.

Fonte: Feltgen, Karl. Syphilis et maladies vénériennes à l'époque de Gustave Flaubert (1821-1880). Société française d'histoire la de dermatologie. Disponível em: https://numerabilis.u-paris.fr/partenaires/sfhd/wp-content/uploads/2022/02/Karl-feltgen_Syphilis-au-temps-de-Flaubert.pdf
The National Library of Medicine. Behind the mask. 1851. Disponível em: <https://collections.nlm.nih.gov/catalog/nlm:nlmuid-101435427-img>





WILLIAM HOGARTH

Marriage A-la-Mode, de William Hogarth, é uma série de seis pinturas produzidas entre 1743 e 1745, com a intenção de ser uma crítica contundente à sociedade do século XVIII. Hogarth satiriza os casamentos arranjados entre a nobreza e os ricos, apresenta uma história com personagens, traições, bajulações, tragédia e comédia, além da presença da sífilis em detalhes. As seis obras estão na National Gallery, em Londres.

Em destaque, a terceira tela da série, intitulada pela National Gallery como “In the museum of the quack doctor, the viscount Squanderfield holds out a small pill-box as a girl dabs her face with a handkerchief. Coloured aquatint after William Hogart”, foi gravada por Bernard Baron e finalizada por Hogarth em 1745. Na cena, o jovem visconde visita um médico charlatão, um Quack Doctor, com uma criança prostituta. O visconde segura uma caixa com comprimidos de mercúrio, para o tratamento da sífilis. O local da cena é um museu de curiosidades, tendo um crânio humano com perfurações sífilíticas no osso frontal. Há algumas interpretações sobre a cena, como a possibilidade de o visconde estar levando a menina, pois a teria infectado com a doença. A mulher no centro seria a mãe dessa menina e já apresenta as marcas da sífilis.

Fontes: National Gallery. Hogarth's Marriage A-la-Mode, 1998.

Disponível em: <http://www.william-hogarth.de/ArtCriticMarriage.html>

Wellcome Collection. In the museum of the quack doctor, the viscount Squanderfield holds out a small pill-box as a girl dabs her face with a handkerchief. Coloured aquatint after William Hogarth.

Disponível em: <https://wellcomecollection.org/works/gf99bxmc>



Jovem menina prostituta, médico charlatão, mercúrio, mãe, visconde e crânio com lesões simbolizando a sífilis.



FRANCISCO DE GOYA

O pintor e gravador Francisco José de Goya y Lucientes, considerado o artista espanhol mais importante do final do século XVIII e começo do século XIX, influenciou pintores do século XIX e XX com suas diversas obras, como “Saturno Devorando seu Filho”, “Sábado de Bruxas”, “Três de Maio”, “Maja Desnuda”, entre outras.

Em 1810, Francisco de Goya apresenta ao mundo “El tiempo y las viejas”, duas figuras grotescas de mulheres com feições marcadas pela idade avançada e pela sífilis. Ela usam joias e um vestido elegante, representando, talvez, a aristocracia. Uma delas segura um espelho com a inscrição “Que tal?”. As duas ignoram a presença do Deus Tempo, que seria o Deus Cronos para os gregos ou o Deus Saturno para os romanos.



El tiempo y las viejas

Francisco de Goya

1810

Óleo sobre tela

181 x 125 cm

Acervo Museu de Belas Artes, Lille (França)



J.J. GRANDVILLE

Em 1830, J.J. Grandville (pseudônimo de Jean Ignace Isidore Gérard) publicou a série *Voyage pour l'éternité* (Viagem para a Eternidade), trabalho com nove litografias nas quais um esqueleto aparece diante de uma variedade de pessoas como prenúncio para suas mortes. A impressão foi interrompida pela falta de apoio popular, mas conseguiu a admiração de nomes como o escritor Honoré de Balzac e o crítico de arte Champfleury.

A litografia nº 6 da série trás o tema da sífilis, com a legenda: “Gostaria de subir até minha casa, meu senhorzinho; não ficará desapontado!”

O francês J.J. Grandville era um ilustrador, gravador, pintor, desenhista e caricaturista, conhecido por suas charges políticas em publicações pioneiras como *La Silhouette* e *La Caricature*, na França do século XIX, com críticas ao rei Luís Felipe I. Em 1832, o *La Caricature* declarou Grandville como o “rei da caricatura”.

Voyage pour l'Éternité.

Pl. 6.



Sífilis como esqueleto com máscara (morte disfarçada) e roupas de mulher convidando pessoas a visitar a sua casa.



TOMA GIOACCHINO

A obra *La guardia alla ruota dei trovatelli*, pintada pelo italiano Toma Gioacchino em 1877, traz a sala interna de uma Casa dos Expostos, chamando a atenção a roda com dois buracos para visualizar a movimentação de pessoas no lado externo da instituição. No canto da imensa cama, um bebê enfaixado, gesticulando, protegido por uma almofada. As duas mulheres descansam, talvez aguardando a próxima criança que será abandonada.

Toma Gioacchino é conhecido por temas históricos. Órfão aos seis anos, o pintor italiano viveu entre orfanatos e conventos em sua infância, e essa experiência influenciou parte de suas obras, incluindo uma obra literária sobre suas memórias na infância.



La guardia alla ruota dei trovatelli

Toma Gioacchino

Óleo sobre tela

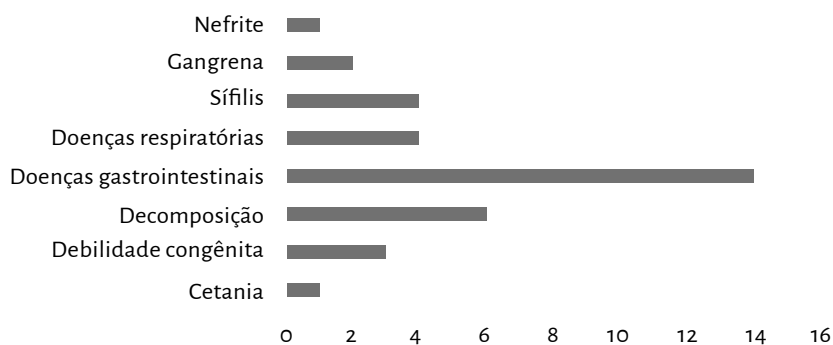
57,5 cm x 83 cm

Acervo do Ministério da Cultura da Itália

RODA DOS EXPOSTOS

A Roda dos Expostos ou Roda dos Rejeitados era uma estrutura de madeira fixada em muros ou janelas de hospitais, conventos e instituições de caridade nos quais se abandonavam bebês. A roda tinha um formato cilíndrico oco que girava no muro, mantendo o anonimato da pessoa. Além do cuidado à criança abandonada e órfã, a Casa dos Expostos exercia a função de abrigo e de hospital infantil.

A sífilis congênita estava presente nessa realidade, sendo uma das principais doenças das crianças ali abandonadas, tais como as gastrointestinais e as vinculadas ao aparelho respiratório. Assim, podemos ver esse gráfico de óbitos na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro de 1918 (abril-maio) por grupos de doença:



Fonte: SANGLARD, Gisele Porto. Entre o Hospital Geral e a Casa dos Expostos: assistência à infância e transformação dos espaços da Misericórdia carioca (Rio de Janeiro, 1870-1920). *Revista Portuguesa de História*, v. 47, p. 337-358, 2016.



Um exemplar da Roda dos Expostos que ficava em uma parede da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Esta Roda foi doada pelo Educandário Romão de Mattos Duarte para o Museu do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Dimensões: altura, 1,58 m; largura, 66 cm; profundidade, 62 cm. Foto de Mauro Romero Leal Passos.



TOULOUSE-LAUTREC

Henri de Toulouse-Lautrec (1864-1901) foi um pintor pós-expressionista e litógrafo francês, famoso por retratar a vida boêmia de Montmartre, bairro boêmio de Paris, no final do século XIX. Participante ativo da vida noturna, Toulouse-Lautrec fez não apenas pinturas, como também cartazes promocionais dos cabarés e teatros, tendo revolucionado o design gráfico e definido o estilo que seria conhecido como Art Nouveau.

A vida desregrada e o excesso de álcool cobraram seu preço. Em 1899, Toulouse-Lautrec foi internado numa clínica psiquiátrica, por sintomas decorrentes da sífilis. Com a saúde muito deteriorada pela doença e pelo alcoolismo, o artista morreu dois anos depois, aos 36 anos.

Uma das características marcantes da obra de Toulouse-Lautrec era o cotidiano das prostitutas, dos bordéis e dos cabarés. Assim o vemos na obra “A Inspeção Médica”. Nesse período, as doenças venéreas, por sua alta prevalência e pela falta de tratamentos realmente eficazes, eram um grave problema sanitário em todo o mundo, sendo consenso, nas diversas instituições de saúde pública, que a prostituição era a grande disseminadora de tais doenças. Para a prevenção do “mal venéreo”, foi considerado imperativo o controle da prostituição. O modelo previa um monitoramento policial e sanitário das prostitutas, que deveriam exercer sua profissão em locais determinados, sendo registradas e submetidas a exames médicos para a detecção precoce das doenças venéreas, particularmente da sífilis.



A Inspeção Médica.

Henri de Toulouse-Lautrec
1894.

Óleo sobre papelão e madeira
83,5 cm x 61,4 cm

National Gallery of Art, Washington, EUA.
Reprodução.



RAMÓN CASAS CARBÓ

Cartaz anunciando o sanatório do Dr. Abreu para sífilíticos em Barcelona, de 1900. A imagem, de Ramón Casas Carbó, apresenta uma mulher prostituta que oferece uma flor, transmitindo a aparência da inocência e da beleza. Porém, esconde a terrível desgraça de ser uma portadora da sífilis, representada pela cobra que esconde em suas costas. Impressão produzida pelo processo calótipo, em três cores (imagem e letras 6,3 x 28,2 cm). No texto Sífilis no topo, a letra “S” aparece em forma de serpente. Vale lembrar que a sífilis foi nomeada por mal serpentino por Diaz de Ysla.

Ramón Casas Carbó (1866-1932) era um dos representantes mais proeminentes do movimento modernista na Espanha. A imagem foi produzida em 1900.

Fonte: FUNDAÇÃO IO. Sífilis de Ramón Casas Carbó. Disponível em: <https://old.com.fundacionio.es/2019/02/21/sifilis-de-ramon-casas-carbo/>

Francinete Dantas, J., de Pinho Dias, A., & Alexandro de Medeiros Valentim, R. (2019). SÍFILIS: A “GRANDE IMITADORA” SOB O OLHAR DAS ARTES ATRAVÉS DOS SÉCULOS. *Revista Brasileira de Inovação Tecnológica em Saúde* – ISSN:2236-1103, 13. <https://doi.org/10.18816/r-bits.vi0.18684>

SÍFILIS



Curación
absoluta y radical
en el
Sanatorio para sífilíticos
Calle Mayor de la Bonanova · 74 ·

Para más informes al Dr. Abreu, calle Vergara · 10 · Barcelona
ó en el mismo establecimiento
al Administrador Sr. Pallas

J. THOMAS - BARCELONA

Acervo do Museu Nacional D'Art de Catalunya, Barcelona, Espanha.

EDVARD MUNCH

O norueguês Edvard Munch (1863-1944) foi um renomado pintor expressionista. Autor da obra “O Grito”, considerado seu principal trabalho, Munch entendia a arte como um instrumento de luta contra as mazelas sociais. Suas obras provocaram reações na sociedade da época, ao expor tabus e tratar, em especial, do desespero e da sexualidade. A doença e a morte também são temas recorrentes, provavelmente em razão de sua história de vida plena de tragédias familiares.



Herança.

Edvard Munch

1897-1899.

Óleo sobre tela

141 cm x 120 cm.

Munch Museet, Oslo, Noruega.

Reprodução.

As obras “Herança” (1897) e “Mulher com Criança Doente” (1905-1906) surgiram de uma experiência do artista em um hospital de Paris. O artista observou, em uma sala de espera, uma mãe desfeita em lágrimas, com seu filho moribundo no colo. Nos dois quadros, a criança está infectada com sífilis congênita. Os corpos das crianças são representados com uma cabeça anormalmente grande, membros finos e erupções vermelhas no peito.



Mulher com Criança Doente.

Edvard Munch

1905-1906.

Óleo sobre tela

119 cm x 100 cm.

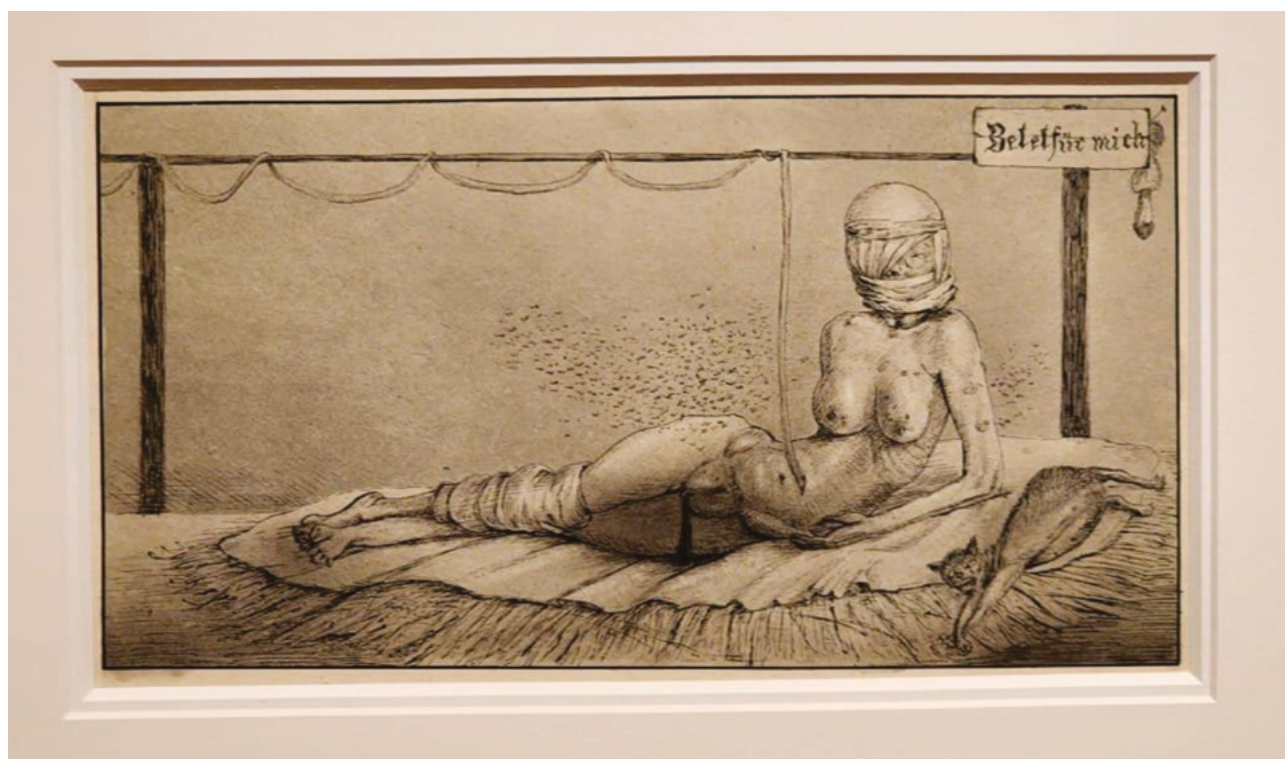
Munch Museet, Oslo, Noruega.

Reprodução.

ALFRED KUBIN

O ilustrador expressionista austríaco Alfred Leopold Isidor Kubin é considerado um importante representante do Expressionismo e do Simbolismo, influenciando pintores surrealistas como o espanhol Salvador Dalí, o abstracionista Paul Klee e outros pintores, além de uma geração de cineastas inovadores e representativos do expressionismo, como o alemão Friedrich Wilhelm Murnau.

Alfred Kubin produziu o desenho “Sífilis” em 1900-1901, retratando uma mulher que aparentemente sofre de sífilis. A inscrição na parte superior da imagem, “Betet für Mich”, significa “Rezem por mim”. Kubin também produziu outros desenhos sobre o drama da sífilis para a peça “Das Liebeskonzil” (1894), de Oskar Panizza, que foi condenado a um ano de prisão por blasfêmia.



Syphilis. 1901.

Tinta sobre papel

SÍFILIS, Rezem por mim

Alfred Kubin

1877-1959

Albertina Museum Vienna

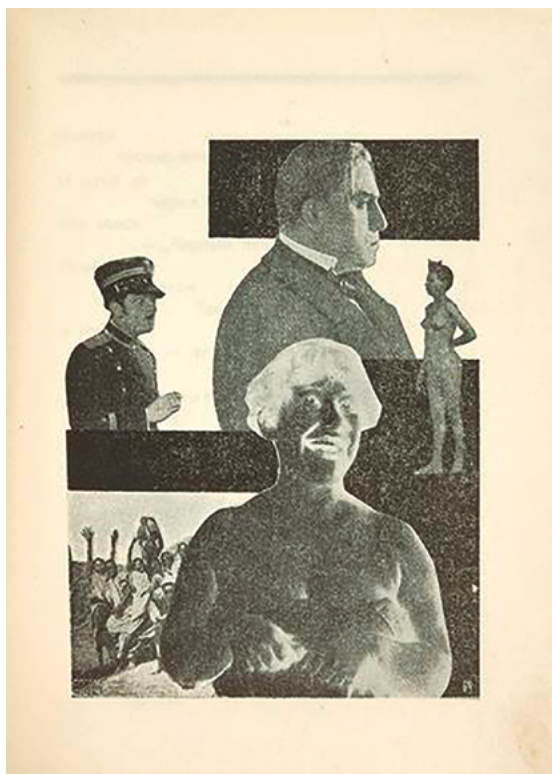
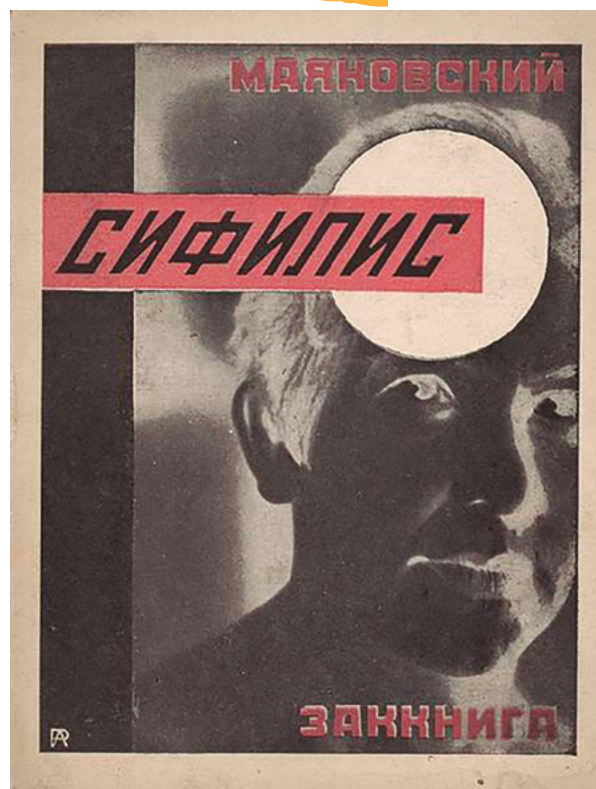
Foto no local de Rodrigo Lins.

RODCHENKO

Aleksandr Mikhailovich Rodchenko, destacado artista russo e líder do movimento construtivista (um estilo abstrato e geométrico), colaborou intensamente com o poeta russo Vladimir Mayakovsky em diversos projetos que uniam poesia e artes visuais. Rodchenko criou fotomontagens inovadoras para ilustrar as publicações de Mayakovsky, considerado o principal poeta da revolução russa. Na primeira metade de 1926, Mayakovsky publicou o poema “Сифилис” (Sífilis, em russo), de 20 páginas, incluindo a capa e mais duas fotomontagens produzidas por Rodchenko. Este poema, escrito após sua volta dos Estados Unidos, é uma crítica social, com destaque para a segregação racial nos Estados Unidos, e traz uma caricatura da sociedade ocidental. A história é sobre a chegada de um navio e a atuação de um médico que examina a tripulação para detectar infecções, constatando sintomas da sífilis em meio às questões sociais apresentadas pelo poema.

O texto (em russo) pode ser lido neste link:
https://viewer.rusneb.ru/ru/000200_000018_RU_NLR_A1SV_88398?page=1&rotate=0&theme=white

Outra referência: <https://rustih.ru/vladimir-mayakovskij-sifilis/>



DIEGO RIVERA

Diego Rivera foi um renomado pintor mexicano do início do século XX, conhecido por suas obras de arte murais que muitas vezes retratavam temas políticos e sociais. Uma de suas obras mais notáveis é o mural intitulado “Man at the Crossroads” (Homem na Encruzilhada), que foi encomendada para decorar o Rockefeller Center, em Nova York, em 1933. Este mural era destinado não só a representar o progresso e a unidade do homem através da ciência, tecnologia e trabalho, mas também abordava questões políticas e ideológicas.

Rivera foi convidado a remover a imagem de Lenin e fazer algumas alterações. Ele se recusou e o mural foi destruído. O filme Frida, vencedor de dois Oscar, mostra alguns detalhes desse acontecimento. Frida Kahlo, também pintora, foi casada com Diego Rivera.

Mais tarde, Rivera recriou uma versão revisada do mural em outra localização, no Palácio de Bellas Artes, na Cidade do México, conhecida como “Man, Controller of the Universe” (Homem, Controlador do Universo), que existe até hoje como uma representação do talento e da visão artística de Rivera. Essa controvérsia ilustra a complexa relação entre arte, política, sociedade e sexualidade que permeou a vida do artista.

Uma das imagens notáveis nesse mural é a representação de treponemas apontando em direção ao patriarca John D. Rockefeller, que aparece bebendo martini. Além da sutil crítica, simbolizando, também, o papel da ciência na compreensão e no combate às doenças, destaca os avanços na medicina. Ao lado dos treponemas há imagem de célula com gonococos, causadores da gonorreia, assim como de um microscópio.



Man at the Crossroads.

Versão recriada da pintura, conhecida como Man, Controller of the Universe.

Diego Rivera

1933 (réplica em 1934).

Afresco 4,85 m × 11,45 m.

Original destruída (EUA).

Réplica no Palacio de Bellas Artes, México.

DADY SIMON

Dady Simon nasceu no Haiti, em 9 de julho de 1983. É um artista dotado de muitos talentos e de alta sensibilidade. Certa vez, em Foz do Iguaçu, assisti a uma palestra sobre DST e se sentiu tocado com a dinâmica da minha fala e das imagens apresentadas. Dias depois, quando deixava o hotel para o aeroporto, Dady, acompanhado da professora Wilma Arze, na recepção, entregou-me um quadro que mostrava uma vulva com lesões papulosas imitando sífilis. Fiquei impressionado com a tradução que o artista fez dos slides apresentados, especialmente porque ele pintou todo o quadro em tons de azul. Cabe dizer que foi um presente do querido artista. Acervo de Mauro Romero Leal Passos.

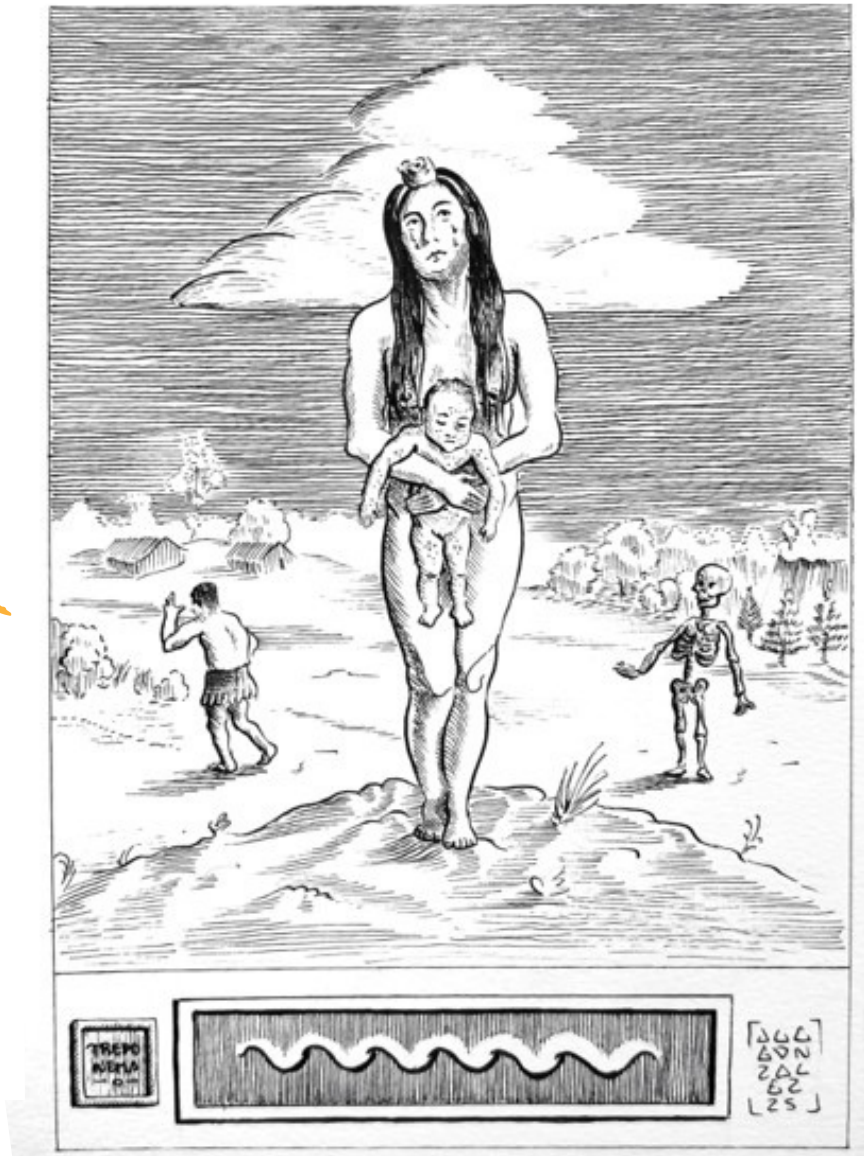
Quando decidimos expor o quadro da vulva em tons de azul, procurei a professora Wilma Arze e pedi que entrasse em contato com Dady Simon para encomendar uma tela com desenho de um pênis mostrando características de lesões ulceradas por sífilis. Mas, agora, em tons de rosa. Custeamos os materiais usados, apenas. Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos.



Vulva com lesões de sífilides (condiloma plano sífilítico).
Óleo sobre tela
90 cm x 70 cm
2018
Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos.



Pênis com ferida de cancro duro.
Óleo sobre tela
80 cm x 60 cm
2021
Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos.



JULIÁN GONZÁLEZ

A imagem é dilacerante. Uma mulher nua caminha em direção a quem observa, carregando nos braços o corpo debilitado de seu filho – marcado pela doença, à beira da morte. Uma pequena criatura enferma pela sífilis, expressão gráfica e simbólica daquilo que deveria ser evitável. À esquerda, um homem vira as costas e retorna à aldeia, ignorando a dor. À direita, a morte aguarda, impassível. A obra “Mujer Sosteniendo a su Hijo Enfermo” nos lembra que a doença não é apenas biológica: é também social, política, ecológica. Ela revela quem olha, quem foge, quem abandona.

Em técnica de hachura com tinta sobre papel (21 cm × 15 cm), o artista colombiano Julián González nos convoca a refletir sobre o lugar da doença em nossa história e existência.

66 A obra do artista foi um presente dado ao professor Mauro Romero Leal Passos para a exposição realizada em 2025 no Congresso Brasileiro e Latino-Americano da SBDST, na cidade do Rio de Janeiro.



AIRÁ O CRESPO E MAURO ROMERO

A luta para dar visibilidade ao combate à sífilis ganhou mais um artista de peso. Em 2021, o MC Grafiteiro carioca Airá o Crespo e Mauro Romero (encomenda, concepção e orientações) trazem uma releitura da obra de Edvard Munch “Herança” e inserem mais dois personagens nessa tragédia que ainda está presente no Brasil e no mundo. O médico (ou profissional de saúde) e o pai (ou o infectante), duas pessoas que se colocam de maneira abalada na cena, consternados e, de certo modo, escondidos ou fingindo não saber o que aconteceu. A mãe e seu filho, as duas grandes vítimas da sífilis congênita, estão em destaque.

Airá o Crespo produziu duas obras sobre o tema (encomenda, concepção e orientações de Mauro Romero Leal Passos). A primeira foi um mural perto da estação de trem do Maracanã, com a provocação que dá nome a essa exposição. Já a segunda, uma proposta de tela para compor a exposição em Niterói, trazendo essa cena, que comove e nos apresenta a realidade de fato. Até onde sabemos estas foram as primeiras releituras expostas em ambientes públicos.



Precisamos Falar Sobre Sífilis.

Airá o Crespo e Mauro Romero
2021

Grafite sobre mural. Rio de Janeiro

Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos.

Dimensões: 4,5 m de altura X 3,5 m de largura.



LUIZ BALTAR

Carioca e morador do subúrbio da Zona Norte do Rio de Janeiro, o premiado Luiz Baltar utiliza a fotografia como ferramenta de expressão ativista e crítica, articulando questões sociais com a estética urbana. Recentemente, em um de seus projetos autorais, Baltar explorou a obra de Airá o Crespo, um grafite inspirado na pintura “Herança” (Arv), de Edvard Munch.

A partir de sua perspectiva única, Baltar realizou uma fotomontagem do grafite, criando uma nova narrativa visual que destaca o diálogo entre memória coletiva, saúde pública e espaço urbano. Essa abordagem integra sua prática artística com um olhar sensível sobre a cidade e seus dilemas sociais, ressignificando territórios marginalizados e promovendo reflexões críticas sobre questões como mobilidade urbana, violência e direito à cidade.



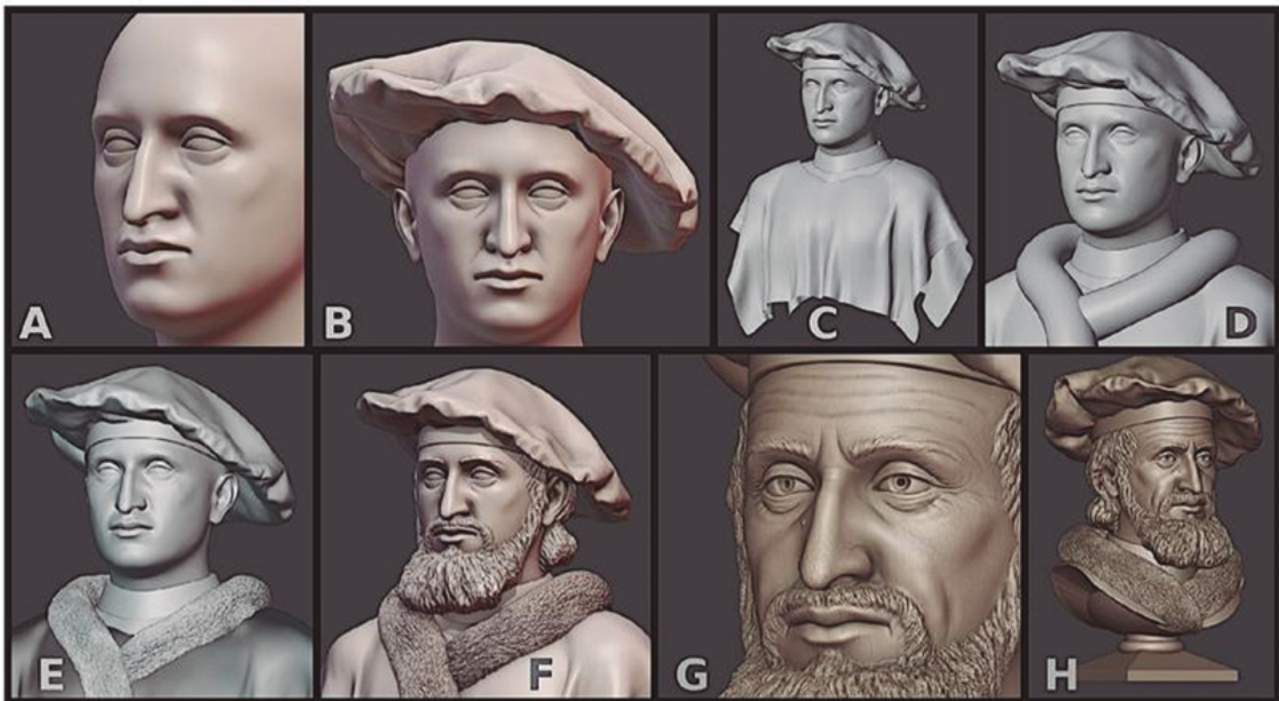
Luiz Baltar
2022
Fotomontagem.

BUSTO DE FRACASTORO

Durante séculos, o italiano Girolamo Fracastoro recebeu homenagens em forma de arte nas mãos de escultores, xilogravuristas, pintores e outros.

Esse busto foi produzido em 2021 pelo *designer* 3D Cícero Moraes, com apoio dos estudos de Mauro Romero Leal Passos e Thiago Petra. O objeto foi impresso em 3D, utilizando filamento ABS (*Acrylonitrile Butadiene Styrene*) em camadas de 3 mm.

A pesquisa desenvolvida para a produção deste busto foi publicada em abril de 2026 no periódico internacional *Digital Applications in Archaeology and Cultural Heritage*, como o título “Digital Reconstruction of Girolamo Fracastoro’s Face: A 3D Bust Derived from Historical Portraits”. Acesse o artigo científico neste link: [//www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2212054826000378?via%3Dihub](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2212054826000378?via%3Dihub)



Como parte dos esforços para gerar conhecimento, promover a educação em saúde e a ciência, e seguindo o valor da ciência aberta, os autores disponibilizaram o arquivo do busto na plataforma Wiki Commons, sob a licença CC-BY-SA-4.0 para que qualquer pesquisador, estudante, instituição ou interessado possa imprimir a peça.

Para baixar o arquivo aberto do busto, acesse:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Girolamo_Fracastoro.stl



RETRATO DE GIROLAMO FRACASTORO
TICIANO
C. 1528
Óleo sobre tela
84 cm x 73,5 cm
The National Gallery, Londres, Reino Unido
Reprodução



Busto de Girolamo Fracastoro.

Dimensões: 59 cm x 38 cm

Acervo de Mauro Romero Leal Passos.

MUSEU DO OSSO

Ao explorar os vastos acervos da medicina e da saúde, muitas vezes encontramos museus incríveis, seja em grandes instituições universitárias, seja em espaços independentes, que guardam peças essenciais para entender a história das doenças. Um exemplo fascinante é o The Bone Museum, ligado à *startup* Jons Bones, que oferece um olhar único sobre como as patologias afetam o esqueleto humano. Este museu abriga espécimes raros, incluindo crânios e ossos que contam a história visual da sífilis em seu estágio mais avançado. Um dos crânios em exibição, por exemplo, mostra os efeitos da sífilis terciária, a fase mais severa da infecção, evidenciando as lesões extensas e as marcas de cura esclerótica.

O museu, inaugurado em 2023, está localizado no Brooklin, Nova York, Estados Unidos. O site do Museu é <https://www.thebonemuseum.org/> e o instagram é [@bonemuseum](https://www.instagram.com/bonemuseum)



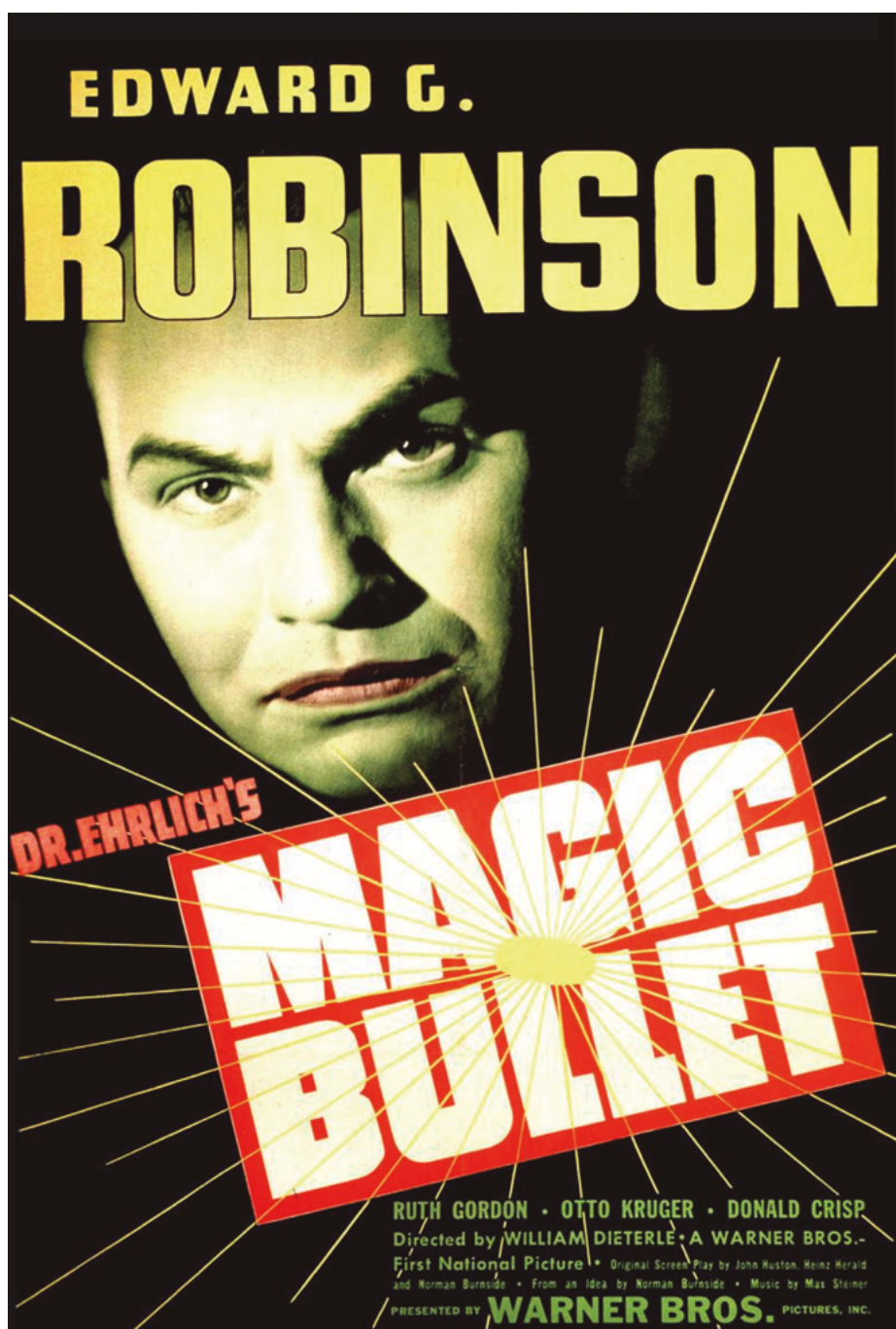
AUDIOVISUAIS

A relação entre os audiovisuais e a saúde é uma área rica e multifacetada, na qual filmes, novelas, séries de TV e produções em plataformas de *streaming* desempenham um papel crucial na abordagem de temas médicos e sociais. A sífilis, como uma doença historicamente carregada de estigmas e implicações éticas, tem sido retratada em diversas narrativas audiovisuais, ampliando o debate sobre saúde pública. Essas produções não apenas informam, mas também sensibilizam o público, utilizando a força do audiovisual para provocar reflexões profundas sobre a história da medicina, o desenvolvimento de tratamentos e as injustiças enfrentadas por diferentes grupos ao longo do tempo. Ao mergulhar em contextos distintos e estilos narrativos variados, o audiovisual se estabelece como uma ferramenta essencial na construção de conhecimento e na disseminação de mensagens de saúde pública.

DR. EHRLICH'S MAGIC BULLET

É um filme de drama biográfico de 1940, dirigido por William Dieterle. O filme conta a história do Dr. Paul Ehrlich, um médico alemão que desenvolveu um tratamento para a sífilis na virada do século XX com o composto 606 Arsfenamina, comercialmente chamado Salvarsan. Com sua equipe, Ehrlich trabalha arduamente para descobrir a cura para a doença, que era considerada incurável na época. O filme apresenta Edward G. Robinson como Ehrlich, em uma atuação aclamada pela crítica, e foi indicado ao Oscar de Melhor Roteiro Original.

Paul Ehrlich é considerado o pai da quimioterapia e recebeu o Prêmio Nobel de Medicina em 1908 pelos estudos na área da imunização.



THE PEOPLE AT NUMBER 19

Feito pela Crown Film Unit em 1949, “The People at Number 19” é um filme de terror melodramático sobre DST que relata os males da sífilis. O filme foi patrocinado após o aumento de casos relatados de doenças sexualmente transmissíveis durante e após a Segunda Guerra Mundial. Mas, como este filme testemunha, a licença sexual entre os soldados na linha de frente não foi a única causa. De volta ao front doméstico, para muitas mulheres, como Joan do nº 19, a solidão ou a independência recém-descoberta agiam como um incentivo à promiscuidade extraconjugal.

O filme foi dirigido por J.B. Holmes com um roteiro de John Rowdon, trabalhando para o Central Office of Information (COI), e direcionado diretamente a mulheres jovens.

“Isso não poderia acontecer comigo”, Joan repete em descrença atordoada ao saber de seu médico que ela contraiu sífilis. Todos os ingredientes essenciais dos “filmes femininos” são chamados para levar para casa a mensagem de que o casamento e a maternidade são o caminho certo a seguir.



Fonte:
<https://archive.org/details/75704ThePeopleAtNo19>



A PELE

O filme “La Pelle” (1981) é uma coprodução Itália/França dirigida pela cineasta italiana Liliana Cavani, baseada no livro homônimo de Curzio Malaparte, que também assina o roteiro junto com a diretora, Catherine Breillat e Robert Katz. O longa tem Marcello Mastroianni no papel principal, interpretando o capitão Curzio Malaparte.

“La Pelle” se passa em Nápoles no final da Segunda Guerra Mundial, durante a ocupação americana e marroquina após a retirada das tropas nazistas e fascistas. A cidade, mergulhada na miséria, vê a prostituição se tornar um meio de sobrevivência, e a sífilis emerge como consequência direta desse cenário. O filme explora como a doença se espalha em um ambiente de desespero, destacando a ignorância sobre sua transmissão e a negligência diante da descoberta da penicilina. A narrativa também resgata o estigma histórico da “doença de Nápoles” e evidencia a limitação da compreensão da saúde na época.



KEN MARSHALL · ALEXANDRA KING · CARLO GIUFFRÉ · YANN BABILÉE · JACQUES SERNAS
Y CON CLAUDIA CARDINALE
Y BURT LANCASTER EN "EL GENERAL"
GUION DE
ROBERT KATZ Y LILIANA CAVANI ADAPTACION LIBRE DE LA NOVELA "LA PIEL" DE CURZIO MALAPARTE
MUSICA DE LALO SCHIFRIN
PRODUCCION POR RENZO ROSELLINI ITALIA OPERA FILM PRODUZIONE ROMA GAUMONT S.A. PARIS NOVELA EDITADA POR PLAZA & JAMES

ENTRE DOIS AMORES

Filme dirigido por Sydney Pollack e estrelado por Meryl Streep e Robert Redford, é uma cativante história que explora os desafios emocionais e físicos enfrentados por Karen Blixen, uma aristocrata e fazendeira, ao descobrir a infidelidade de seu marido Bror durante uma viagem à África. O filme destaca a jornada de Karen, que retorna à Europa para tratar a sífilis contraída do marido, antes de voltar ao continente africano. A maneira como Karen lida com a doença revela camadas complexas de resiliência e superação. Além de sua rica narrativa, “Entre Dois Amores” recebeu reconhecimento e venceu diversos prêmios, incluindo o Oscar de Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Trilha Sonora e Melhor Fotografia, solidificando sua posição como uma obra-prima do cinema. “Out of Africa” é o título original, e o lançamento foi em dezembro de 1985.



MISS EVERS' BOYS

É um filme de drama de 1997, dirigido por Joseph Sargent. O filme conta a história real de Eunice Evers, uma enfermeira afro-americana que trabalhou no infame “Estudo de Tuskegee”, realizado entre 1932 e 1972 nos Estados Unidos, e que investigou o curso natural da sífilis em homens afro-americanos. Evers é confrontada com o dilema ético de sua participação no estudo e a proteção de seus pacientes, incluindo aqueles que considerava seus amigos. O filme levanta questões sobre racismo, ética médica e direitos humanos; recebeu vários prêmios e indicações.

No Brasil, o título do filme recebeu a tradução de “Cobaias”.



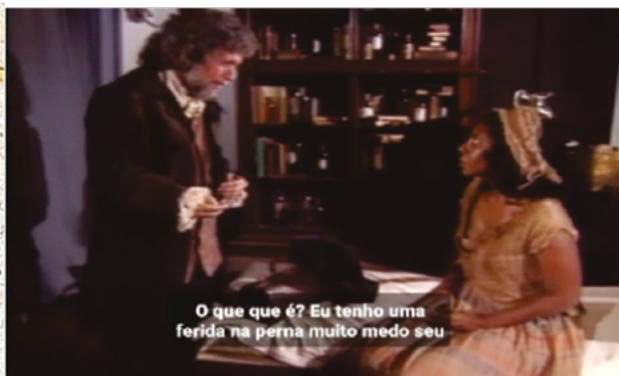
XICA DA SILVA

Xica da Silva é uma telenovela brasileira produzida pela Rede Manchete e exibida de 17 de setembro de 1996 a 11 de agosto de 1997, em 231 capítulos.

Escrita por Walcyr Carrasco, com colaboração de José Carvalho, sob direção de João Camargo e Jaques Lagoa, J. Alcântara, Lizâneas Azevedo e direção-geral de Walter Avancini. Foi livremente baseada nos romances *Chica que Manda*, de Agripa Vasconcellos, e *Xica da Silva*, de João Felício dos Santos. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Xica_da_Silva_\(telenovela\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Xica_da_Silva_(telenovela))

A sífilis é retratada na personagem de Maria Benguela (Lucimara Martins), jovem escravizada, meretriz, como eram conhecidas as prostitutas na época, que trabalhava na cantina de Jacobino (Altair Lima), onde em quarto separado mantinha relações sexuais com muitos homens “brancos”, entre eles o personagem Santiago Cabral (Charles Möeller), jovem da elite social do Brasil colonial do século XVIII.

A história mostra as dificuldades de os escravizados acessarem auxílio médico e devidos tratamentos, assim como os tristes desfechos nos acometidos. A doença é relatada como mal gálico, doença que vem da França, na fala do Doutor Pedras (personagem de Sérgio Fonta). Mas vale lembrar a sifilização do Brasil pelos portugueses segundo Gilberto Freyre, em *Casa-Grande & Senzala*.

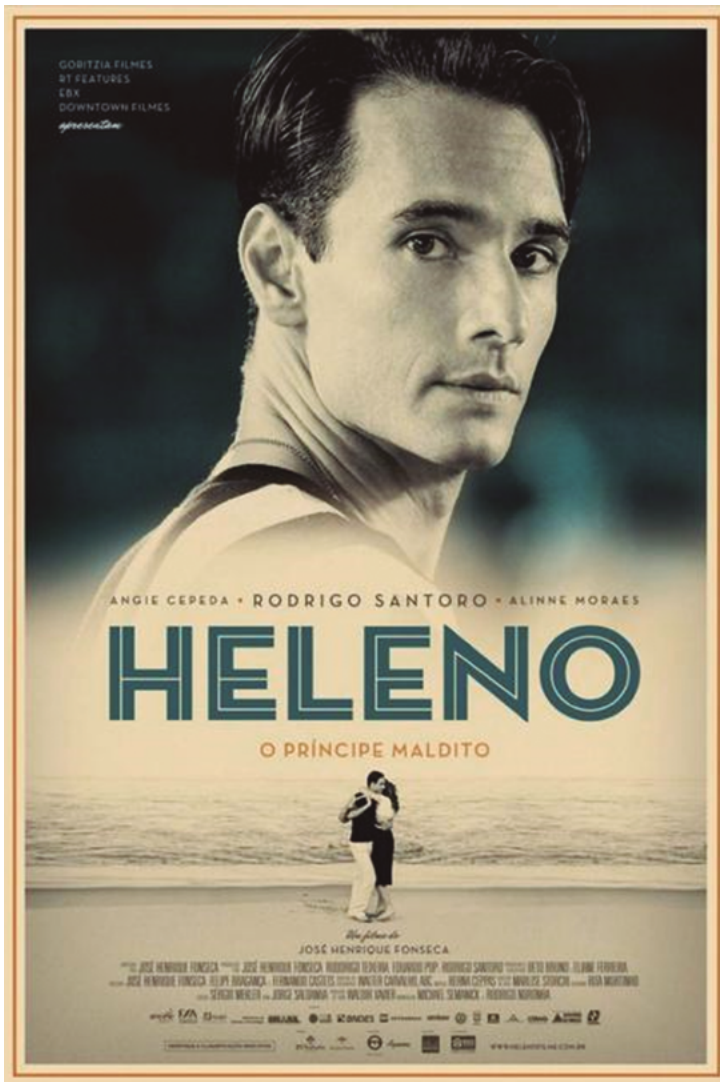


HELENO – O PRÍNCIPE MALDITO

É um filme brasileiro de drama biográfico de 2012, dirigido por José Henrique Fonseca. Ele conta a história de Heleno de Freitas, um famoso jogador de futebol brasileiro da década de 1940, que contraiu sífilis e sofreu as consequências da doença em sua vida pessoal e profissional. Ao longo do filme, vemos Heleno lidando com a progressão da doença e suas implicações na carreira, em relacionamentos e na saúde mental.

Porém, as questões referentes à doença são pouco faladas, como podemos ver no artigo “A desconstrução de Heleno”, publicado na coluna do jornalista Ancelmo Gois, em 2012: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/a-desconstrucao-de-heleno-441396.html>.

Heleno morreu num hospital psiquiátrico em Barbacena, cidade do estado de Minas Gerais, Brasil, que ficou “consagrada” como cidade onde inúmeras pessoas eram internadas em hospitais para doentes mentais. Muitos desses pacientes da saúde mental tinham neurosífilis sem os devidos diagnósticos e/ou tratamentos.



Direção: José Henrique Fonseca.
 Produção: Eduardo Pop e Rodrigo Teixeira.
 Roteiro: Felipe Bragança, Fernando Castets e José Henrique Fonseca.
 Baseado no livro biográfico *Nunca Houve um Homem como Heleno*, de Marcos Eduardo Neves.
 Elenco: Rodrigo Santoro, Alinne Moraes, Angie Cepeda, Othon Bastos, Herson Capri e Orã Figueiredo.
 Distribuição: Downtown Filmes.
 Lançamento: 30 de março de 2012.

PARIS POLICE 1905

É dezembro de 1904, e o prefeito reformista da polícia Louis Lépine (Marc Barbé) deu ordens para que as ruas de certos distritos de Paris sejam limpas de prostitutas. Tanto a ordem pública quanto a higiene estão por trás de sua decisão – a sífilis está se alastrando na capital francesa.

O programa Paris Police 1905, em francês com legendas, tendo cada episódio 53 minutos de duração, foi ao ar no Canal+ em dezembro de 2022.



Fonte: <https://crimefictionlover.com/2023/02/paris-police-1905-back-on-bbc-four/>

LES COMBATTANTES

Camille Treiner, ao criar a série “Les Combattantes” (Netflix, 2022), optou por abordar temas como a prostituição e a sífilis para retratar de forma realista e multifacetada a vida das mulheres durante a Primeira Guerra Mundial. Esses temas foram escolhidos porque refletem as complexidades e os desafios enfrentados pelas mulheres naquela época, especialmente em um contexto de guerra, em que as desigualdades sociais e de gênero eram ainda mais evidentes.

Ao incluir esses temas, Treiner busca não apenas destacar a resistência e a luta das mulheres, mas também explorar as nuances de suas vidas, mostrando como eram afetadas por questões sociais, econômicas e de saúde. Essa abordagem contribui para uma narrativa mais rica e autêntica, que reconhece as múltiplas dimensões da experiência feminina durante um período turbulento da história.



A INGLESA

A série conta a história de uma aristocrata inglesa nos Estados Unidos de 1890 que, guiada por um Pawnee (tribo nativa de indígenas norte-americanos), ex-membro da cavalaria dos Estados Unidos, começa a atravessar uma paisagem violenta construída sobre sonhos e sangue em busca de vingança.

A trama acompanha Lady Cornelia Locke, que se junta a um rastreador indígena, Eli, para cruzar as paisagens inóspitas dos Estados Unidos daquela época. A caminho da nova cidade de Hoxem, Wyoming, eles seguem juntos sem ter ideia de que seus passados estão conectados.

É lá que o xerife Robert Marshall e a jovem viúva Martha investigam muitos assassinatos bizarros e macabros, descobrindo aos poucos a história sombria que conecta os protagonistas.

O diretor e escritor Hugo Blick dá algumas pistas para compreender o que se passa nas memórias atormentadas por passados mais violentos do que os capítulos possam aterrorizar o espectador. “A Inglesa” é obra imperdível para quem acredita que diferentes vivências podem gerar diferentes memórias e atitudes (vinganças?). O primeiro episódio foi exibido em novembro de 2022.



MAHARAJ (O REI DO POVO)

O filme indiano, lançado em 2024, é baseado em um caso real, ocorrido em 1862, que envolve o guru Jadunathji Brijratanji Maharaj, acusado de violência sexual contra as mulheres de sua seita.

A história é sobre um jornalista corajoso, Karsandas Mulji, que questiona o comportamento imoral de um líder religioso respeitado. As acusações resultaram no famoso Caso Maharaj, um processo de difamação que gerou grande repercussão e debate público em Bombaim, levando Mulji a defender a liberdade de expressão e o direito de expor abusos.



Direção: Sidharth Malhotra
Roteiro: Sneha Desai, Vipul Mehta
Elenco: Jaideep Ahlawat, Sharvari Wagh, Shalini Pandey
Título original: Maharaj
Disponível em: Netflix

O PACTO (PAGTEN)

“O Pacto”, no original *Pagten*, de 2021, narra a relação da famosa escritora dinamarquesa Karen Blixen (a mesma do livro/filme *Entre dois amores/Out of Africa*) com um jovem poeta.

Aos 63 anos, Blixen (Birthe Neumann) é internacionalmente famosa e vive isolada – até conhecer o poeta Thorkild Bjørnvig (Simon Bennenbjerg), de 30 anos. Juntos, eles fazem um pacto: ela promete fazer dele um grande escritor, em troca de ele obedecê-la cegamente.

Ela, acometida de sífilis e dos efeitos deletérios dos “tratamentos” da época (mercúrio e derivados arsenicais), em diversos momentos apresenta sofrimentos físicos e emocionais.

O filme é baseado em fatos reais e, no Brasil, está disponível na Prime Video.



LAW & ORDER

Na série Law & Order, Temp. 2, Epi. 21 – Scourge ou Lei e Ordem, Temporada 2, Episódio 21 – Punição, de 2001, os autores discorrem sobre assassinatos em série de profissionais do sexo.

Durante as investigações, os agentes públicos se deparam com situações inusitadas e denunciam importantes mecanismos para autocorreção de problemas de violência e de saúde pública.

Para nós, é imperdível para se acreditar na obrigatoriedade de investigação epidemiológica de cada caso (descobrir oportunidades perdidas) e de responsabilização, quando são detectados erros graves de condutas.

No Brasil está disponível em GloboPlay.

LAW & ORDER

SPECIAL VICTIMS UNIT



THE FRANKENSTEIN CHRONICLES: SERIES 1, EPISODE 3 – “ALL THE LOST CHILDREN”

Em *The Frankenstein Chronicles* (episódio 3 da 1ª temporada, 2015) o inspetor Marlott está investigando uma série de assassinatos brutais em que corpos de crianças são “costurados” (saturados). Ele também está lidando com sua própria mortalidade e com a dor de ter perdido a esposa e o filho para a sífilis que contraiu durante as Guerras Napoleônicas.

Marlott encontra um médico, Sir Daniel Hervey, que imediatamente identifica os sinais da doença no inspetor. Hervey oferece a Marlott um possível remédio natural, porém mais importante, o leva para ver outro paciente em estágio avançado (fase terciária) de sífilis.

O rosto desse paciente está horrivelmente desfigurado, em parte corroído por lesões da sífilis (lembra pinturas, desenhos de séculos anteriores retratando mortes), e ele sofre convulsões que o levam à beira da morte. Esse espetáculo horripilante tem o objetivo de aterrorizar Marlott e forçá-lo a confrontar seu próprio declínio inevitável e sua mortalidade, já que ele está apenas tomando comprimidos de mercúrio os quais só mantêm a doença sob controle. A cena serve para destacar a natureza disseminada e devastadora da doença no século XIX e seu impacto psicológico sobre Marlott.



FRANKENSTEIN

A menção à sífilis não está presente na obra original de Mary Shelley, mas sim em algumas adaptações cinematográficas, como o recente filme “Frankenstein” (2025) de Guillermo del Toro, e em séries de televisão, como Penny Dreadful e The Frankenstein Chronicles.

Nessas adaptações, a sífilis é usada para adicionar camadas de contexto histórico e dramático, bem como motivações específicas para os personagens.

Contexto dramático e pessoal: no filme de 2025, a doença é introduzida como parte do passado (e do presente) de um dos personagens, o total financiador do experimento de Victor Frankenstein.

Ela serve para explorar temas de decadência, obsessão e as consequências dos limites da ciência e da mortalidade. A doença, sífilis, pode ser uma motivação para que o cientista, Dr. Frankenstein, ou outros personagens envolvidos, especialmente o financiador, busquem desesperadamente a imortalidade ou a cura, como uma forma de superar as limitações da existência humana e da medicina da época.

No Brasil, está disponível na Netflix



FLORENCE: QUEM É ESSA MULHER? (FLORENCE FOSTER JENKINS)

Florence Foster Jenkins, a personagem central do filme “Florence: Quem é Essa Mulher?” (2016), era uma socialite americana que sonhava em se tornar cantora de ópera, apesar de sua voz, considerada terrivelmente desafinada. O filme retrata sua paixão pela música e a busca obstinada por uma carreira como cantora, mesmo com a falta de talento.

O filme se passa durante o período da Segunda Guerra Mundial, 1944.

Dirigido por Stephen Frears, o filme explora a relação de Florence com seu marido, St. Clair Bayfield, que a protege da verdade sobre sua falta de talento e a jornada para se apresentar no Carnegie Hall, Nova York. A história é baseada em fatos reais e destaca a ironia de sua situação: uma mulher rica, com paixão pela música, mas sem a capacidade de cantar.

É importante notar que, na vida real, Florence Foster Jenkins teria sido diagnosticada com sífilis, adquirida na noite de núpcias, uma doença que pode ter afetado sua audição e voz. O filme, no entanto, não explora, por muito tempo, essa questão. Mas mostra o suficiente sobre as suas cicatrizes na pele, alopecia total, desfechos de “tratamentos” com mercúrio, derivados arsenicais, produtos de alta toxicidade, e décadas de uma doença que pode afetar todo o corpo.

Meryl Streep interpreta essa mulher acometida pela sífilis desde os 18 anos, cuja saúde, então bem fragilizada, é sustentada por paixões. Até onde sabemos, Meryl Streep é a única atriz a representar duas vezes uma mulher que sofre de sífilis.

O filme, no Brasil, está disponível em Prime Video.



PEÇAS TEATRAIS

O teatro, com sua capacidade única de imersão e envolvimento emocional, tem sido historicamente um espaço privilegiado para a discussão de temas sociais e de saúde. A sífilis, com sua trajetória marcada por preconceitos e dilemas éticos, encontrou no palco um meio expressivo para ser debatida. O teatro permite uma proximidade singular com o espectador. Ele torna o drama humano mais tangível, reafirma seu papel histórico como veículo de reflexão e transformação social, bem como utiliza a arte para educar e sensibilizar sobre questões de saúde.

ESPECTRO

“Espectro” (originalmente *Gengangere* em norueguês) é uma peça teatral escrita pelo dramaturgo norueguês Henrik Ibsen. Foi publicada e encenada pela primeira vez em 1881 e é uma das obras mais impactantes e controversas do autor. A peça lida com temas sombrios, como segredos familiares, culpa e o impacto do passado na vida das pessoas.

A história se passa na Noruega e é sobre uma viúva, Sra. Helene Alving, que revela ao seu conselheiro espiritual segredos mantidos para que seu casamento perdurasse. O mesmo pastor teria aconselhado a protagonista a casar com o noivo, apesar de vida promíscua.

O enredo da peça toma um rumo ainda mais complexo quando a protagonista descobre que seu filho Oswald, a quem ela enviou para longe na tentativa de protegê-lo da influência negativa de seu pai, está sofrendo de sífilis congênita. Esse diagnóstico é devastador, lançando uma sombra de desespero sobre a vida de Oswald e a de sua mãe.



Assista à peça no Youtube, produzida pela Cia. Mamba de Artes e dirigida por Francisco Medeiros: <https://www.youtube.com/watch?v=bZPZjtc27YM>

Cena da peça Espectros em Berlim (1983), no Chamber Play Theatre, apresentando os atores Inge Keller, Ulrich Mühe e Simone von Zglinicki (Wikipedia).

SPIROCHETE

Peça de teatro desenvolvida com apoio do Federal Theatre Project, programa de teatro desenvolvido pela Works Progress Administration (WPA), agência estadunidense criada no New Deal como resposta à grande depressão, que empregou milhões de pessoas, incluindo profissionais da cultura.

A peça “Spirochete”, que traça a história da doença entre 1493 e 1937, foi apresentada em cinco cidades, sendo um sucesso na estreia em Chicago, mas alvo de grandes críticas em sua transferência para a Filadélfia. Ela partiu dos esforços da WPA para apoiar a declaração de uma “guerra” contra a sífilis feita pelo cirurgião geral Thomas Parran em dezembro de 1936. O roteiro da peça pode ser baixado nesse link: <https://mars.gmu.edu/items/97c1ea24-654e-4d6c-8396-a1623e5ebfcf>

Fonte: Sarah Guthu. Living Newspapers: Spirochete. 2009. Disponível em: https://depts.washington.edu/depress/theater_arts_living_newspaper_spirochete.shtml

The Time. The Theatre: Spirochete. 1938. Disponível em: <https://time.com/archive/6758902/the-theatre-spirochete/>

THE TRIBUNE SAYS:

**Syphilis Story
Well Told in
a Good Drama**

“SPIROCHETE”

A dramatic representation of the history, treatment, and study of syphilis; staged in the Blackstone Theater, April 29, 1938, by the Federal Theater project (WPA), under the direction of Harry Minturn.

BY CHARLES COLLINS

The Federal Theater Project makes a valuable contribution to anti-syphilis propaganda with a dramatic spectacle called “Spirochete,” which had its premiere in the Blackstone theater last night before an attentive and responsive audience. It presents a mass of material, historical and clinical, related to its subject in a decidedly interesting way, and, although it is largely a lecture illustrated by brief dramatic tableaux, it fulfills the average playgoer’s demand for a “good show.”

EVES. (EXCEPT MON.) 25¢ 40¢ 55¢ 83¢

CHAS. & SARTY, CHICAGO

Anúncio da peça, com texto escrito por Charles Collins no The Tribune.

BLACKSTONE THEATRE
 NOW PLAYING
 60 EAST BALBO - TELEPHONE HARRISON 6609

FEDERAL THEATRE PRESENTS

Spirochete

By ARNOLD SUNDGAARD
 Produced by HARRY MINTURN

A LIVING NEWSPAPER

Direction of ADDISON PITT
 Settings by CLIVE RICKABAUGH

PRICES
 83¢ 55¢
 40¢ 25¢

EVERY NITE EXCEPT MONDAY - CURTAIN 8:30
 WORKS PROGRESS ADMINISTRATION



Anúncio da peça.



Cena da produção de Spirochete do Federal Theatre Project, em Seattle, 1939. Public domain, Federal Theatre Project 1935-1939.



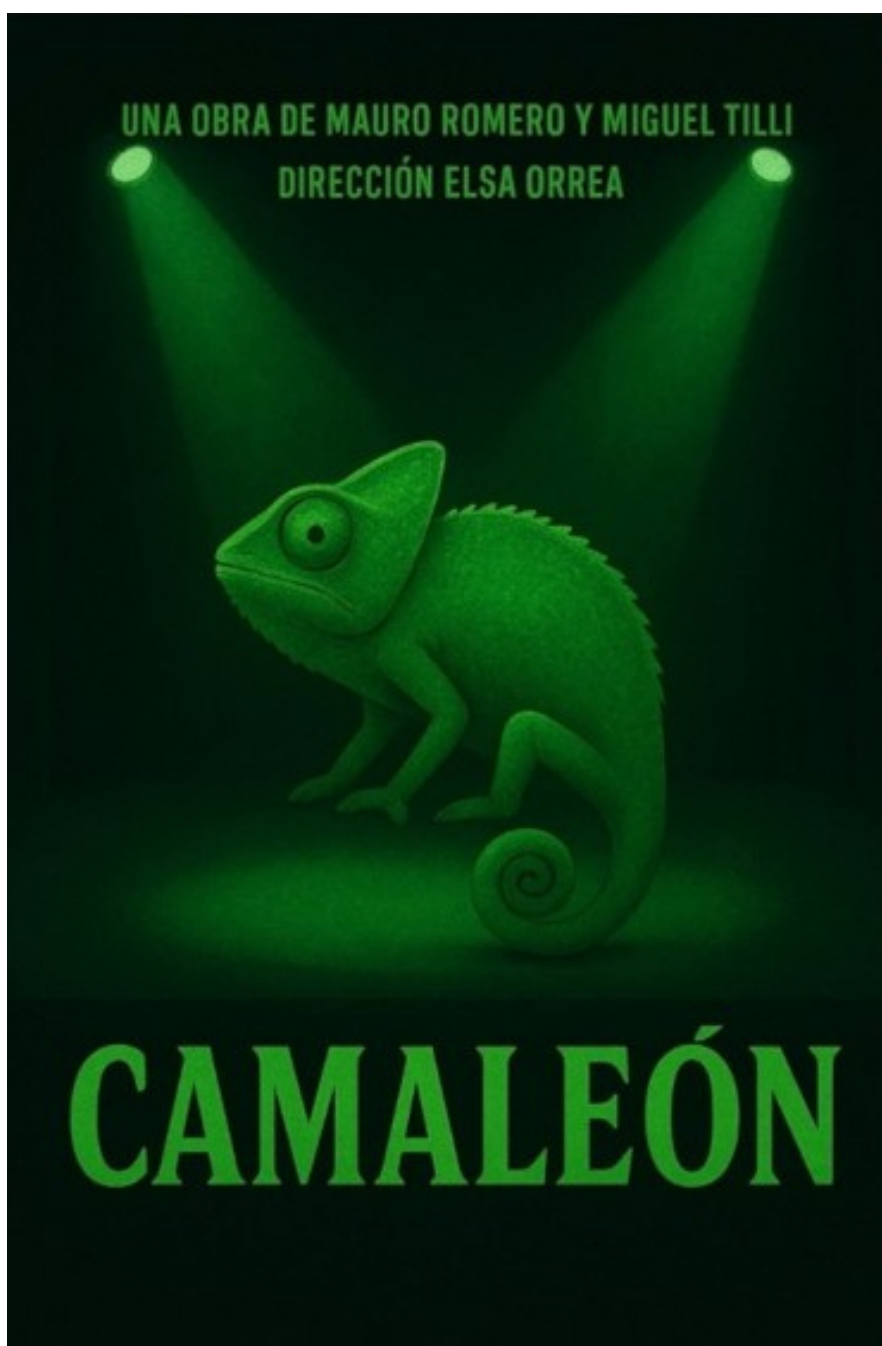
Cena da produção de Spirochete do Federal Theatre Project, em Seattle, 1939. Public domain, Federal Theatre Project 1935-1939.



Cena da produção de Spirochete do Federal Theatre Project, em Seattle, 1939. Public domain, Federal Theatre Project 1935-1939.

CAMALEÓN (ARGENTINA-BRASIL)

A obra Camaleón é uma iniciativa recente do uso da linguagem teatral para prevenção de doenças crônicas. Com roteiro de Mauro Romero Leal Passos e de Miguel Tilli, produzida por Miguel Tilli e dirigida por Elsa Orrea, Camaleón conta com sete atrizes e atores argentinos e foi produzida para o público geral. A estreia da peça aconteceu no dia 18 de outubro de 2025 na Botica del Ángel, um teatro localizado em Buenos Aires, na Argentina. Camaleón apresenta um ato com oito cenas. O projeto já trouxe impacto, visto que o Município de San Martín declarou o terceiro sábado de outubro como o “Día Municipal para la Eliminación de la Sífilis y la Sífilis Congénita”. Saiba mais no perfil do Instagram @camaleonlaobra





LEITURA DRAMÁTICA

Os autores dessa obra, Thiago e Mauro, conversam muito sobre as possibilidades criativas de abordar a temática da sífilis em ambientes não convencionais. Essa conversa surge quase diariamente. Em uma dessas ocasiões, Thiago apresentou a ideia: “O que acha de experimentarmos uma leitura dramática de algum texto que discorra sobre sífilis, uma atividade que vai sensibilizar de maneira que só o teatro consegue?”. A ideia surgiu de apresentações com casa cheia realizadas pela grandiosa atriz brasileira Fernanda Montenegro: “Nelson Rodrigues por ele Mesmo” e “Fernanda lê Simone de Beauvoir”. A partir dessa inspiração, a escolha do conto “O Castigo”, de Nelson Rodrigues, foi um pulo só, pois o texto abarca várias possibilidades para debates em roda de conversa após a apresentação teatral. Thiago e Mauro entraram em contato com os detentores dos direitos autorais do dramaturgo e obtiveram a autorização para realizar a leitura dramática para fins educacionais. A atividade já foi realizada por Mauro Romero em universidades, escolas públicas e congressos.



Imagens da leitura dramática realizada por Mauro Romero Leal Passos no 49º Congresso da Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia do Rio de Janeiro, em 2025.



MÚSICAS

A relação entre a música e a temática da sífilis é uma faceta interessante e variada da cultura musical ao longo dos anos. Muitas músicas abordam de alguma forma a sífilis, embora não sejam necessariamente textos detalhados sobre a doença em si.

Apresentamos aqui algumas letras brasileiras que mencionam a sífilis de forma tangencial, mostrando como a arte da música pode ser uma plataforma criativa para explorar questões de saúde, relacionamentos e condição humana de maneira mais ampla. Ao incorporar a sífilis em suas letras, os compositores muitas vezes destacam a complexidade das experiências humanas e fornecem uma lente única para examinar esses temas.

O DIA DA CRIAÇÃO

Vinicius de Moraes
Rio de Janeiro, 1946
Macho e fêmea os criou.
Bíblia: Gênese, 1, 27

(...)

Há uma mulher que vira homem

Porque hoje é sábado.

Há criancinhas que não comem

Porque hoje é sábado.

Há um piquenique de políticos

Porque hoje é sábado.

Há um grande acréscimo de sífilis

Porque hoje é sábado.

Há um ariano e uma mulata

Porque hoje é sábado.

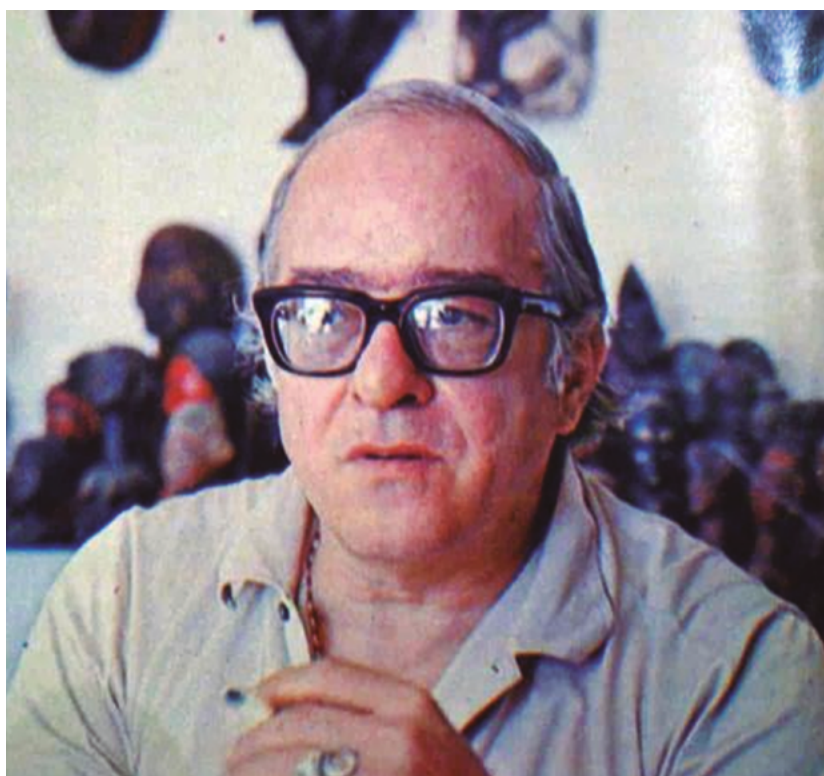
Há uma tensão inusitada

Porque hoje é sábado.

Há adolescências seminuas

Porque hoje é sábado.

(...)



FADO TROPICAL

Interpretada por Chico Buarque / Composta por Chico Buarque e Ruy Guerra

(...)

Ai, esta terra ainda vai cumprir o seu ideal

Ainda vai tornar-se um imenso Portugal

Sabes, no fundo eu sou um sentimental

Todos nós herdamos no sangue lusitano

Uma boa dose de lirismo, além da **sífilis**, é claro

Mesmo quando as minhas mãos estão ocupadas

Em torturar, esganar, trucidar

Meu coração fecha os olhos e sinceramente chora

(...)



Capa do álbum **Chico Canta**, de 1973, Polygram.

No período da ditadura militar no Brasil, a palavra “sífilis” foi censurada na música Fado Tropical, sendo trocada por um chiado, “algo como um ‘shishshish’” (Fonseca, 2013).

FONSECA, Rodrigo. Marco da censura no Brasil, Calabar faz 40 anos com nova montagem. O Globo on-line. 2013. Acesso em: 19 set. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/marco-da-censura-no-brasil-calabar-faz-40-anos-com-nova-montagem-8363246>

VILA DO SOSSEGO

Interpretada e composta por Zé Ramalho

(...)

Meu **treponema** não é pálido nem viscoso

Os meus gametas se agrupam no meu som

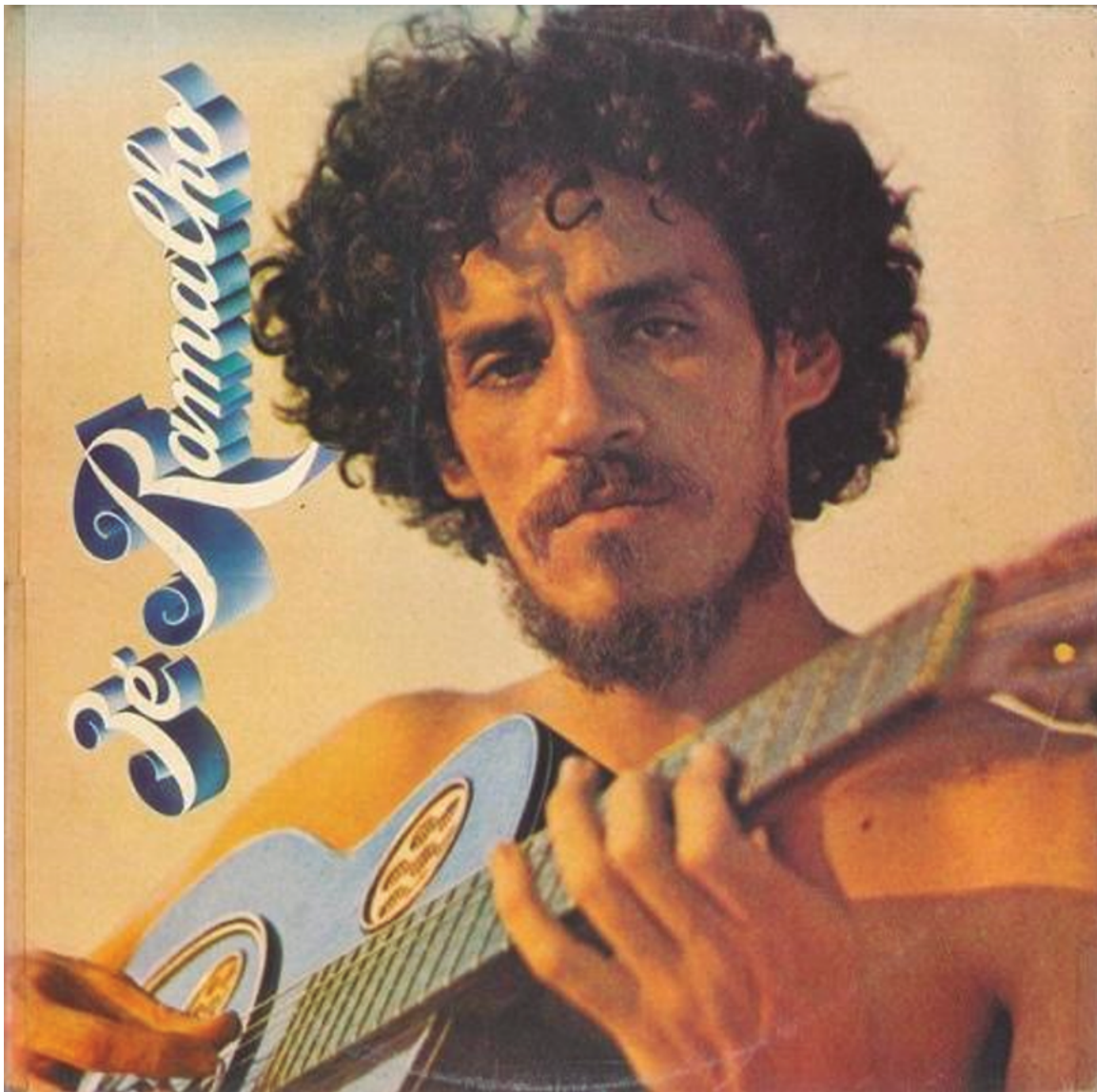
E as querubinas meninas rever

Um compromisso submisso, rebuliço no cortiço

Chame o Padre Ciço para me benzer

Oh, com devoção

(...)



Capa do álbum **Zé Ramalho** (Avôhai), Avôhai Music 1978.

O PULSO

Interpretada por Titãs / Composta por Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Tony Bellotto

(...)

O pulso ainda pulsa

Hepatite, escarlatina, estupidez, paralisia

Toxoplasmose, sarampo, esquizofrenia

Úlcera, trombose, coqueluche, hipocondria

Sífilis, ciúmes, asma, cleptomania

O corpo ainda é pouco

O corpo ainda é pouco

(...)



Capa do álbum **Õ Blésq Blom**, da banda brasileira de rock Titãs, lançado em 1989 pela WEA.

DRAMA DE ANGÉLICA

Interpretada por Alvarenga & Ranchinho /
Composta por Murilo Alvarenga e G. M. Barreto

Fomos ao médico de muita clínica
Com muita prática e preço módico
Depois do inquerito, descobre o clínico
O mal atávico, mal sífilítico



“Drama de Angélica”, lançada em 1949 pela dupla sertaneja Alvarenga & Ranchinho, mistura tragédia e crítica social num tom irônico. A letra é construída em três atos e cada verso termina com uma palavra proparoxítona: “lívida”, “frígida”, “fatídica” — criando um ritmo marcante e quase teatral. A música conta a história de Angélica, diagnosticada com sífilis e submetida a remédios perigosos: ácidos fênico e prússico. Ao final, ela não morre da doença, mas de uma confusão na farmácia, quando “aquele farmacêutico, mocinho estúpido / errou na fórmula, fez despropósito”. A sátira está por todo lado — a dor ganha ritmo e rima, revelando como a ciência e o descaso podem falhar com quem sofre.

Fonte: RAIMUNDO FLORIANO. As proparoxítonas. São Paulo, 2025.

Disponível em: <https://www.pontodevistaonline.com.br/asproparoxitonas-violante-pimentel/>.

Acesso em: 11 jul. 2025.

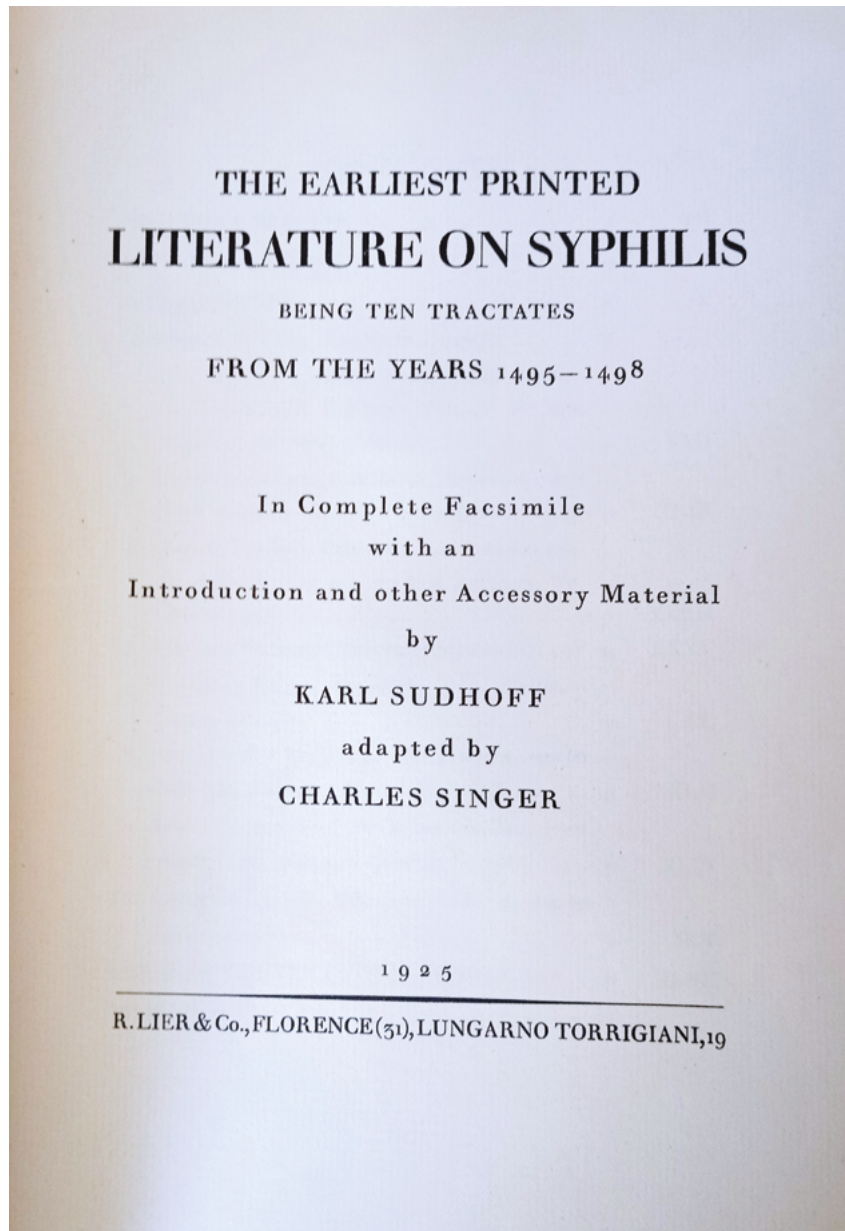
LITERATURA

A sífilis exerceu um impacto profundo na história da saúde e da sociedade. Desde suas primeiras descrições até as abordagens mais contemporâneas, essa infecção sexualmente transmissível tem ocupado um lugar de destaque em várias obras literárias. Ao longo dos séculos, a sífilis não apenas figurou como tema médico, mas também serviu como cenário para explorações que transcendem o âmbito clínico, abrangendo aspectos como moralidade, estigma social, sexualidade e complexidade da condição humana.

Inúmeros trabalhos literários têm mergulhado nos meandros da sífilis, oferecendo abordagens diversas e reflexões profundas que ultrapassam os limites da mera ciência. Essas obras têm sido um documento valioso para o entendimento evolutivo da percepção sobre a sífilis ao longo dos séculos, encurtando as distâncias entre a ciência rigorosa e um público amplo e diversificado.

THE EARLIEST PRINTED LITERATURE ON SYPHILIS, BEING TEN TRACTATES FROM THE YEARS 1495-1498

A obra em questão foi produzida por Karl Sudhoff, adaptada em inglês por Charles Singer (com revisão final do próprio Sudhoff), e revela uma série de tratados produzidos por médicos entre os anos de 1495 e 1498 que estão no grupo dos primeiros tratados sobre sífilis conhecidos. A obra apresenta uma introdução histórica sobre essas primeiras publicações e sobre os respectivos autores, além do fac-símile das obras, incluindo as xilogravuras já mostradas em nosso catálogo. A publicação é de 1925.

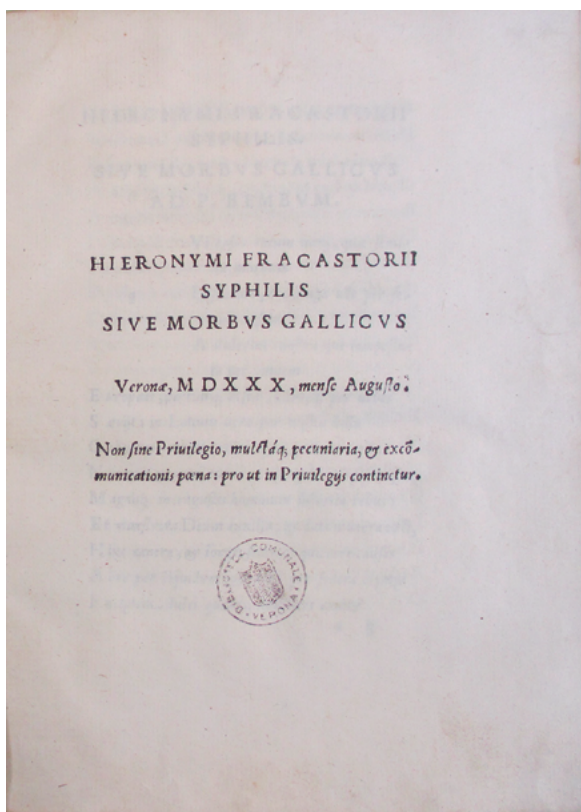


Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos.

SYPHILIS SIVE MORBUS GALLICUS – SÍFILIS OU MAL FRANCÊS LATIM E PORTUGUÊS

Syphilis Sive Morbus Gallicus (Sífilis ou Mal Francês) é uma obra escrita pelo italiano renascentista Girolamo Fracastoro. Publicado em Verona, em 1530, o livro é um poema épico que descreve a origem, os sintomas e o tratamento da sífilis, chamada de Mal Francês por parte da Europa naquele período. O poema é um ótimo exemplo de uma relação possível no Renascimento entre a literatura e a medicina. Nessa obra, Fracastoro cunhou o termo sífilis para esta doença.

Em 2021 (Niterói, Editora Proprietas), Mauro Romero Leal Passos lança a primeira tradução completa desta obra para o português em uma edição comentada, inclusive a saga de finalizar a referida obra.



Capa do livro de Fracastoro de 1530

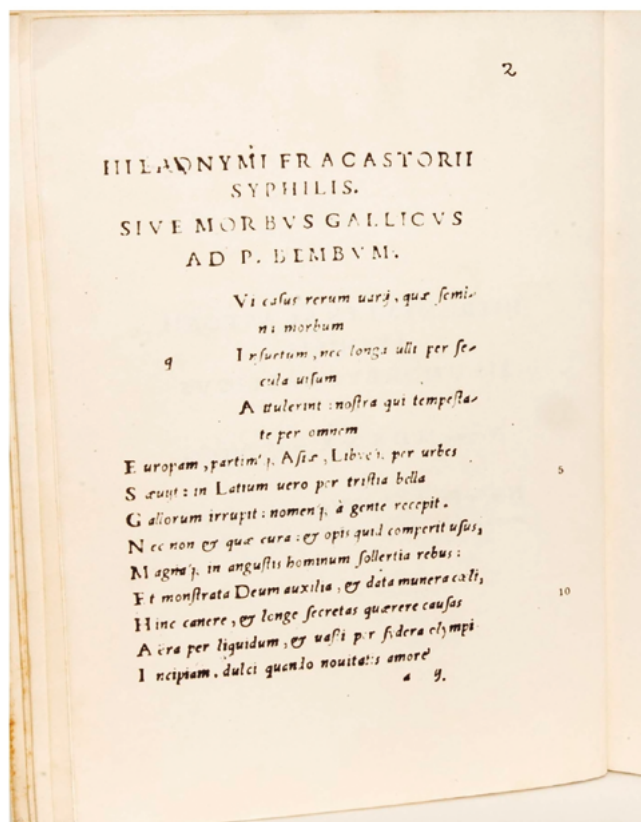


Foto do livro original por Mauro Romero Leal Passos, Biblioteca Cívica de Verona, Verona, Itália, 2013.

TRATADO CONTRA O MAL SERPENTINO

Nessa obra, cuja primeira edição foi em 1539, *Tratado contra o Mal Serpentino* da Ilha Espanhola, o médico espanhol Ruy Diaz d'Ysla publica os seus relatos sobre a mesma doença que Girolamo Fracastoro, em 1530, designou *Syphilis Sive Morbus Gallicus* (Sífilis ou Mal Francês). Diaz d'Ysla era um médico que procurava apresentar as noções de forma direta e didática. Assim, descreveu a mesma doença que Girolamo e a mostrou com ênfase na descrição do doente – as manifestações de lesões em pele, a posição no leito, as faces, a cor da pele, o pulso.

O fato que nos chama a atenção é que Diaz d'Ysla dedica longo parágrafo de seu tratado sobre o Mal Serpentino ao tema contágio, transmissibilidade. Fala dos perigos do contato com enfermos que apresentam bubões (adenomegalias inguinais) e deixa evidente que a infecção pode ser transmitida da mãe para o filho durante a gravidez ou o período de amamentação, fato que outro médico, este italiano de Florença, Antonio di Paolo Benivieni (1443-1502), estudioso de patologia, pioneiro de autópsia (necrópsia), já havia observado muito antes de o próprio Girolamo Fracastoro descrever a sífilis.

Vale conferir, também, dados sobre Antonio Benivieni em: https://en.wikipedia.org/wiki/Antonio_Benivieni



Con priuilegio imperial
y del rey de Portugal.



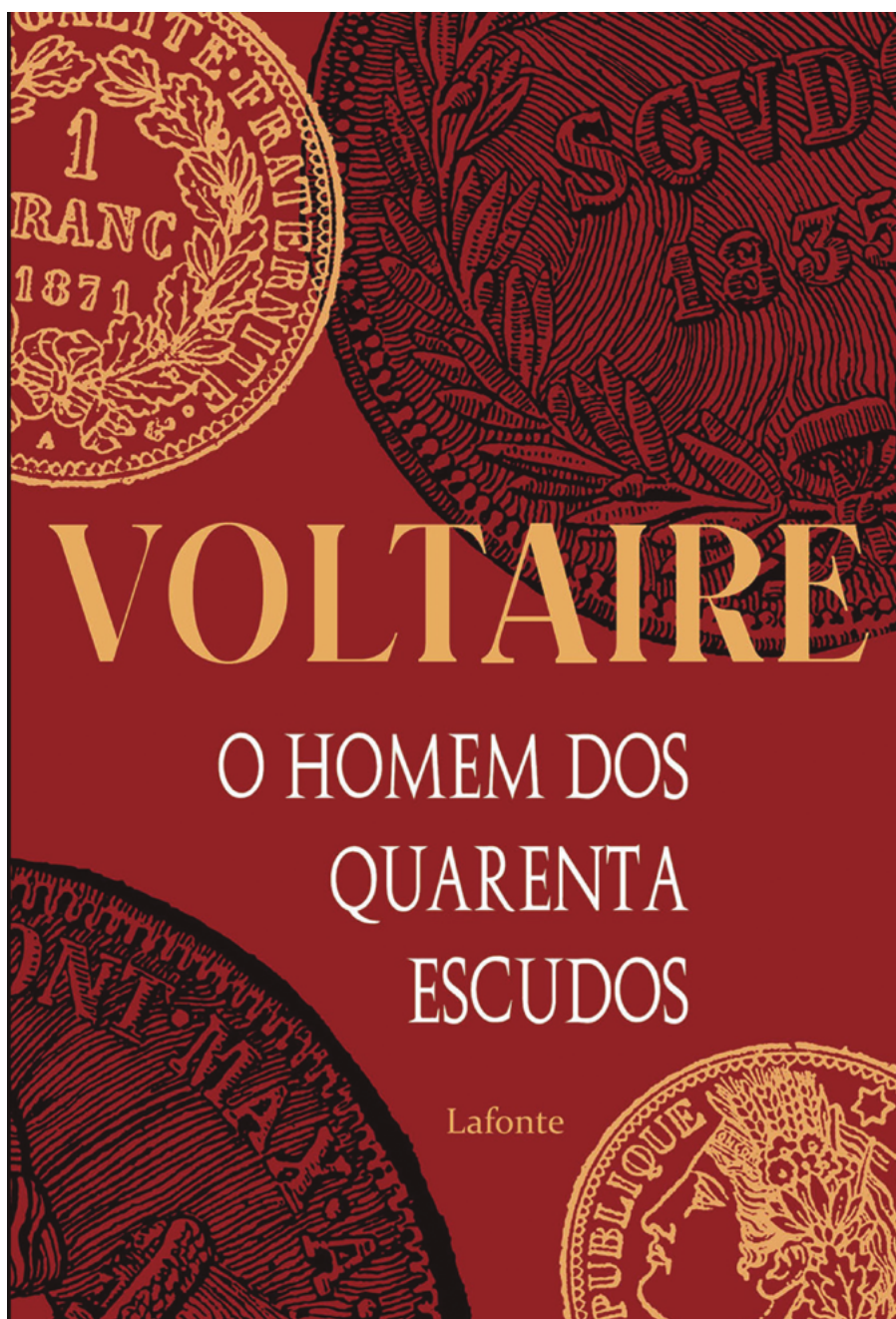
Tractado cótra el mal
serpentino: que vulgarmen
te en España es llamado
bubas q̄ fue ordenado
en el ospital de todos
los santos d̄ Lisboa
na: fecho por ruy
diaz de ylla.



O HOMEM DE QUARENTA ESCUDOS

Voltaire (1694-1778), ou melhor, François-Marie Arouet, foi um escritor, historiador e filósofo iluminista francês famoso por sua sagacidade e suas críticas ao cristianismo – especialmente à Igreja Católica Romana – e à escravidão.

O livro, *O Homem dos Quarenta Escudos*, escrito em 1768, reflete o nome da suposta renda média de um agricultor francês, vinte milhões na época, em que Voltaire vai lendo e conversando com um amigo, geômetra por formação, e começa a refletir sobre esse sistema que retira metade de seus parques ganhos, mas isenta outros que lucravam centenas de vezes mais do que ele ou aqueles que nada faziam além de rezar. Tãmanha desigualdade leva-o a criticar o que ele considerava como uma injustiça. (Luís Rafael Araújo Corrêa é professor do Colégio Pedro II e Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense, UFF).

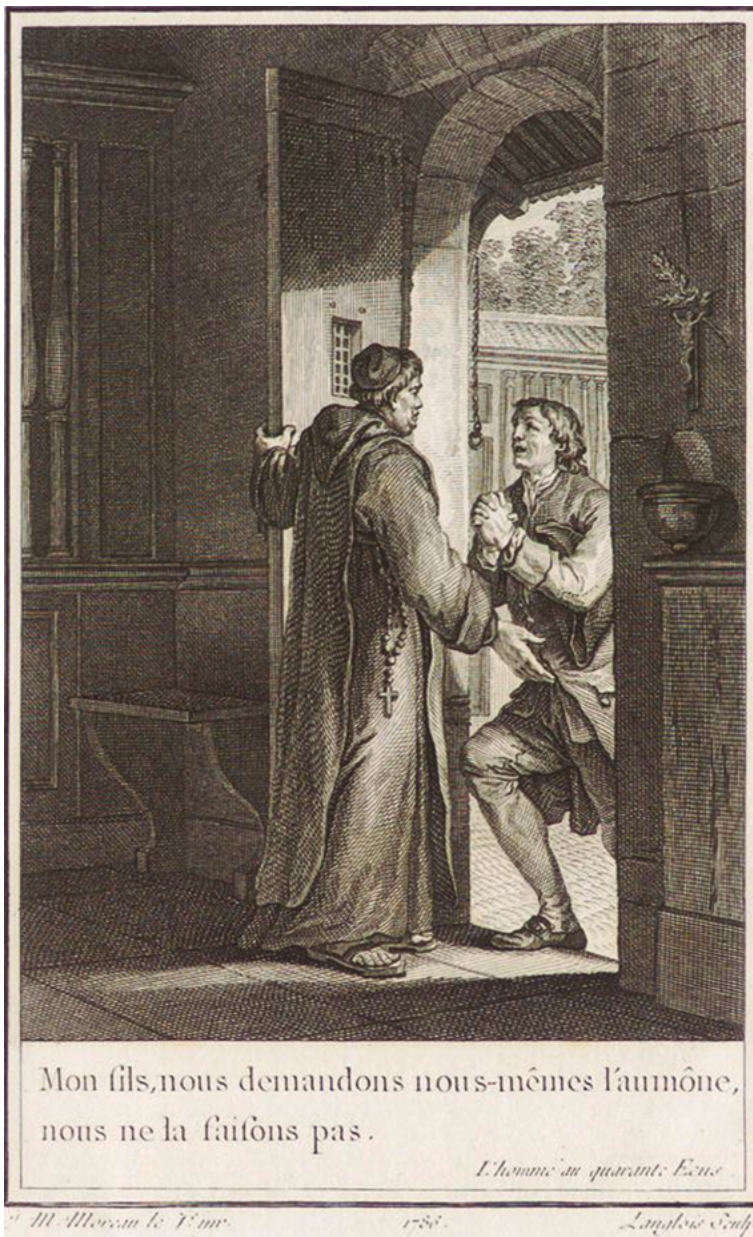


E assim começa o capítulo dedicado exclusivamente à sífilis: o homem dos quarenta escudos morava num pequeno cantão, onde fazia uns 150 anos que não acampavam soldados. Os costumes daquele desconhecido rincão eram mais puros do que o ar que o banhava. Não se sabia que alhures pudesse o amor ser infeccionado de um veneno destrutivo, que as gerações fossem atacadas no seu germe e que a natureza, contradizendo a si mesma, pudesse tornar a carícia horrível e o prazer medonho; entregavam-se ao amor com segurança da inocência. Chegaram tropas, e tudo mudou.

Dois tenentes, o esmoler (pessoa que dá esmolas por conta própria ou por incumbência de outrem) do regimento, um cabo e um recruta proveniente do seminário bastaram para envenenar doze aldeias em menos de três meses.

Entre muitas pessoas, duas lindas primas do homem dos quarenta escudos sucumbiram à doença, à sífilis.

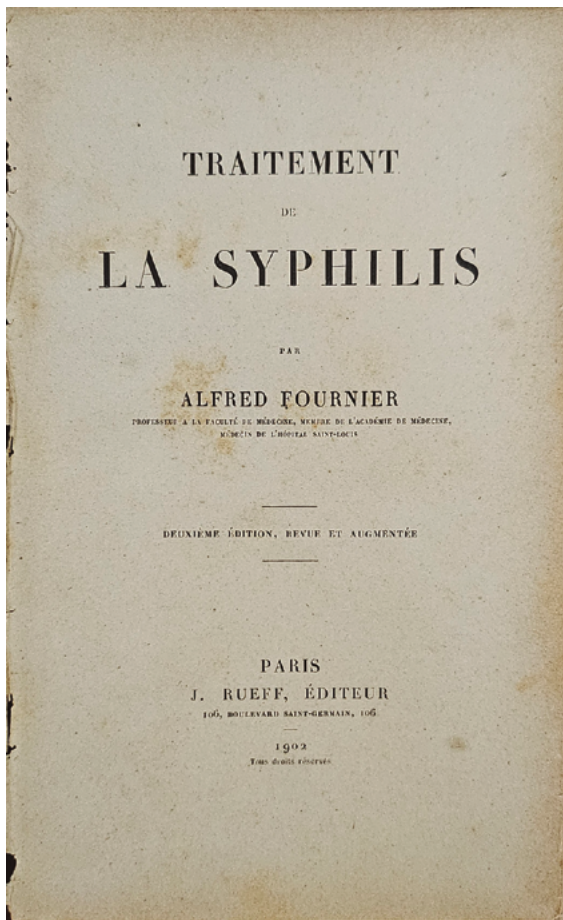
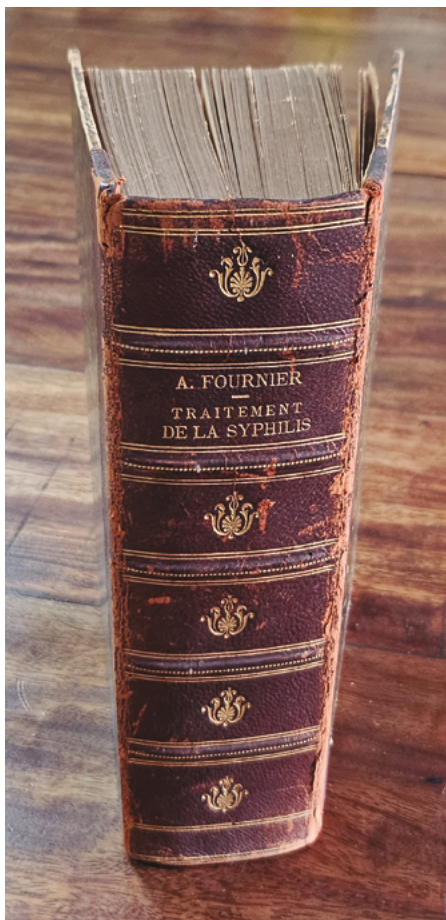
Entre umas palavras e outras, o homem dos quarenta escudos ouve do amigo com quem mantém esse diálogo que os franceses levaram a doença para a Turquia, chamada, entre os turcos, de mal cristão.



Gravura de Vincent-Marie Langlois segundo Jean-Michel Moreau, obra completa de Voltaire, edição de Kehl (1784-1789).

TRAITEMENT DE LA SYPHILIS

Nesta obra de 732 páginas, Alfred Fournier discorre sobre o tratamento da sífilis antes do uso de Salvarsan, Neosalvarsan e penicilina. Hoje, 2024, o tratamento das várias formas clínicas da sífilis adquirida, sífilis em gestantes e sífilis congênita cabe em poucas páginas dos mais diversos protocolos.



Alfred Fournier, L. Rueff Éditeur, Paris, 1902.
Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos.



Selo em homenagem a Alfred Fournier.
Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos.

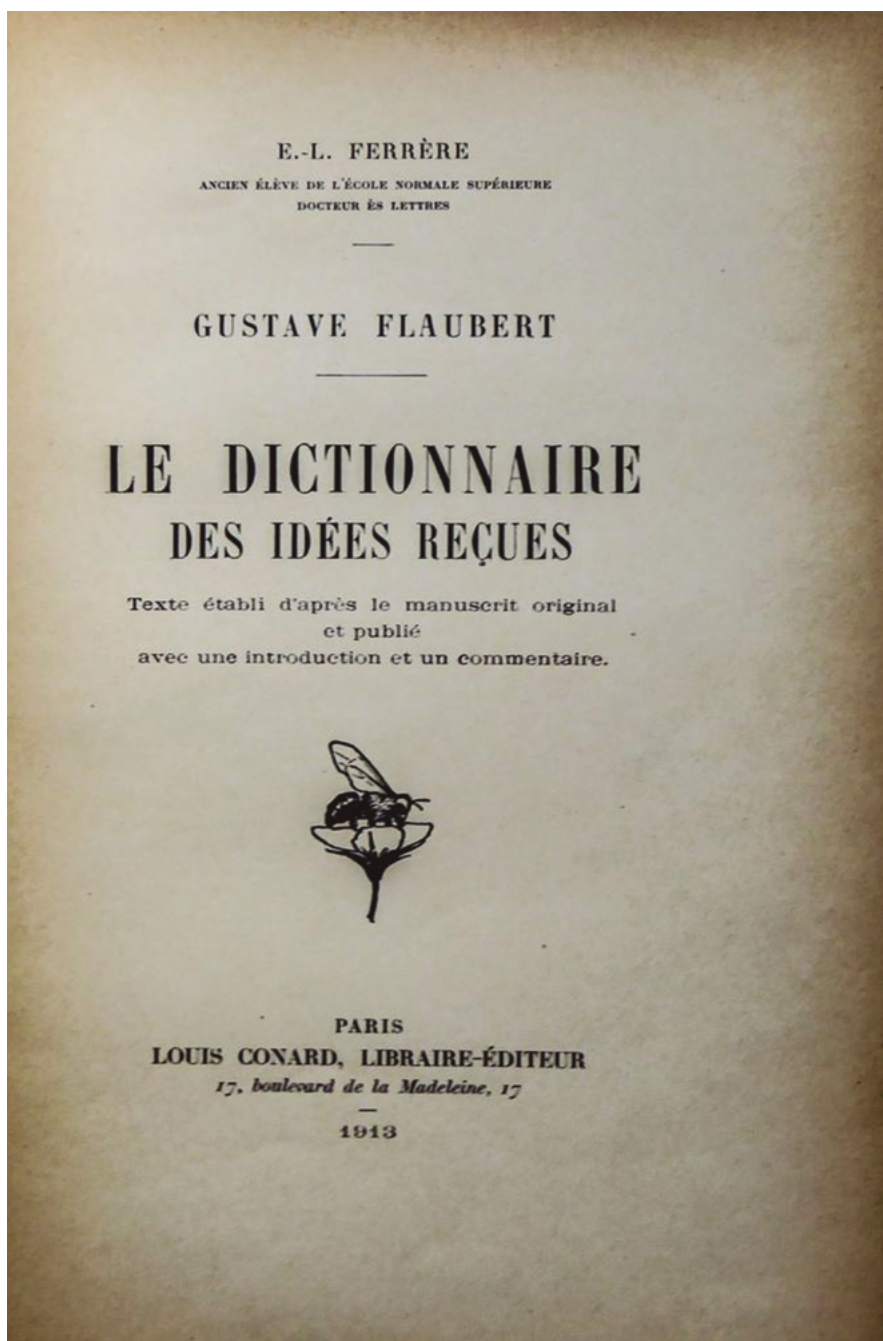
DICIONÁRIO DAS IDEIAS FEITAS

Autor do clássico *Madame Bovary*, o escritor francês Gustave Flaubert escreveu o *Dicionário das Ideias Feitas* (publicação póstuma em 1913), obra satírica inacabada que apresenta definições de dicionários, aforismos e clichês, a partir da visão do autor sobre a sociedade francesa no século XIX. Um dicionário com formato de paródia.

Flaubert contraiu sífilis e escrevia muito sobre suas atividades sexuais com prostitutas em suas viagens.

Esta é a definição de sífilis no *Dicionário das Ideias Feitas*, de Flaubert:

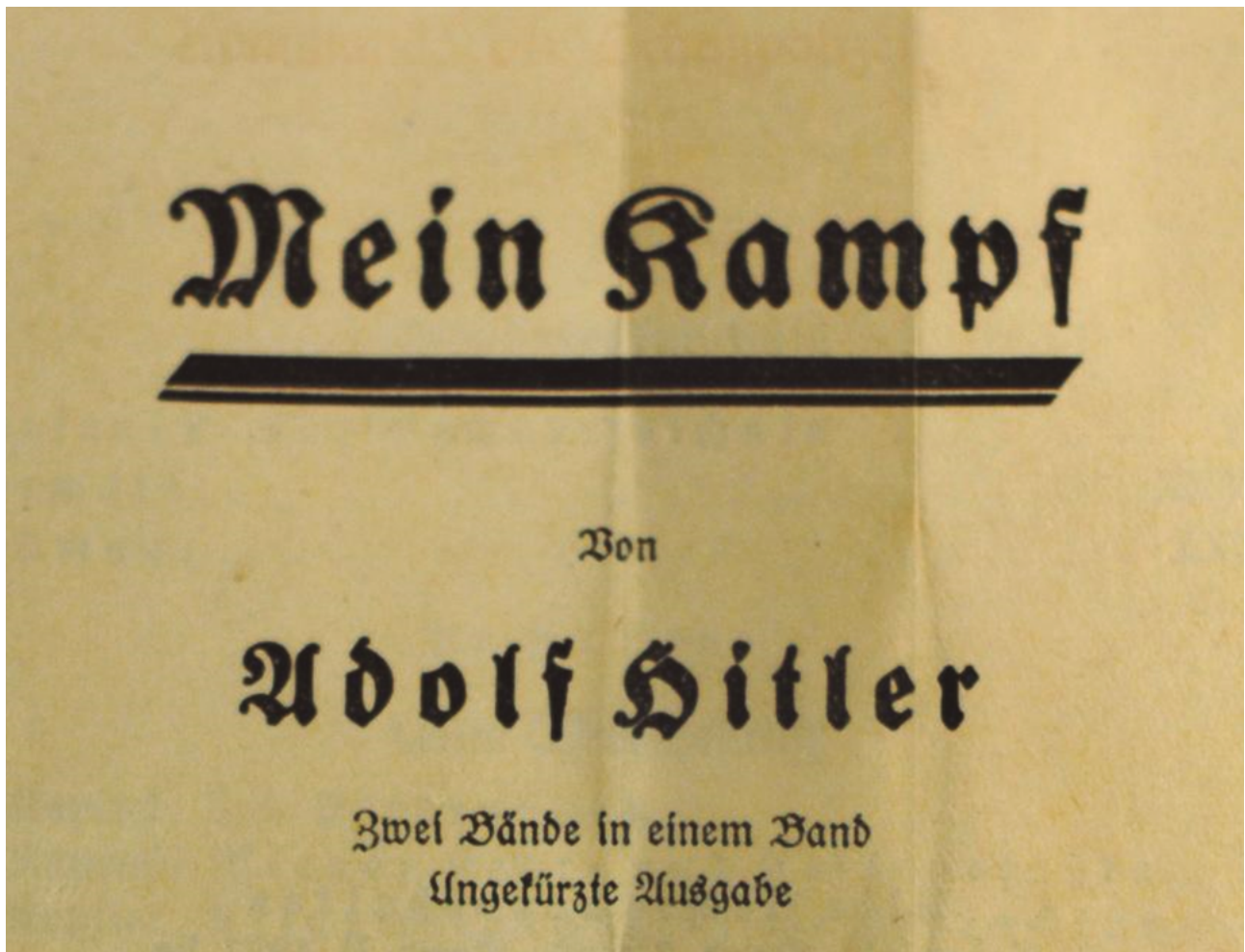
“Mais ou menos, todo mundo tem (sífilis)”.



Flaubert G. **Le Dictionnaire des Idées Reçues**. Paris: Louis Conard, Libraire-Editeur; 1913.

MEIN KAMPF

O livro *Minha Luta* (título original *Mein Kampf*), publicado em 1925 por Adolf Hitler, revela aspectos horripilantes da mente do líder nazista, incluindo suas ideias sobre a sífilis. Em seu manifesto, Hitler aborda a disseminação da sífilis na população alemã, associando-a, especialmente, à prostituição e argumentando que medidas mais radicais deveriam ter sido tomadas para combater essa epidemia. Seus vários parágrafos dedicados ao tema revelam não apenas a repugnância de suas ideias, mas também a crueldade de suas considerações sobre a prostituição, acusando os judeus de envenenarem a alma do povo através da mercantilização das relações entre os sexos. A visão de Hitler sobre a sífilis e sua conexão com a prostituição destaca uma perspectiva doentia que, junto com suas outras atrocidades, contribui para o horror associado à sua figura repulsiva. Abordamos aqui esse livro para destacar a importância de compreender e condenar tais pensamentos perigosos que moldaram um dos períodos mais sombrios da história.



Capa da edição de 1940. Exposição no Centro de Documentação dos Rally Grounds do Partido Nazista em Nuremberg – Wiki Commons.

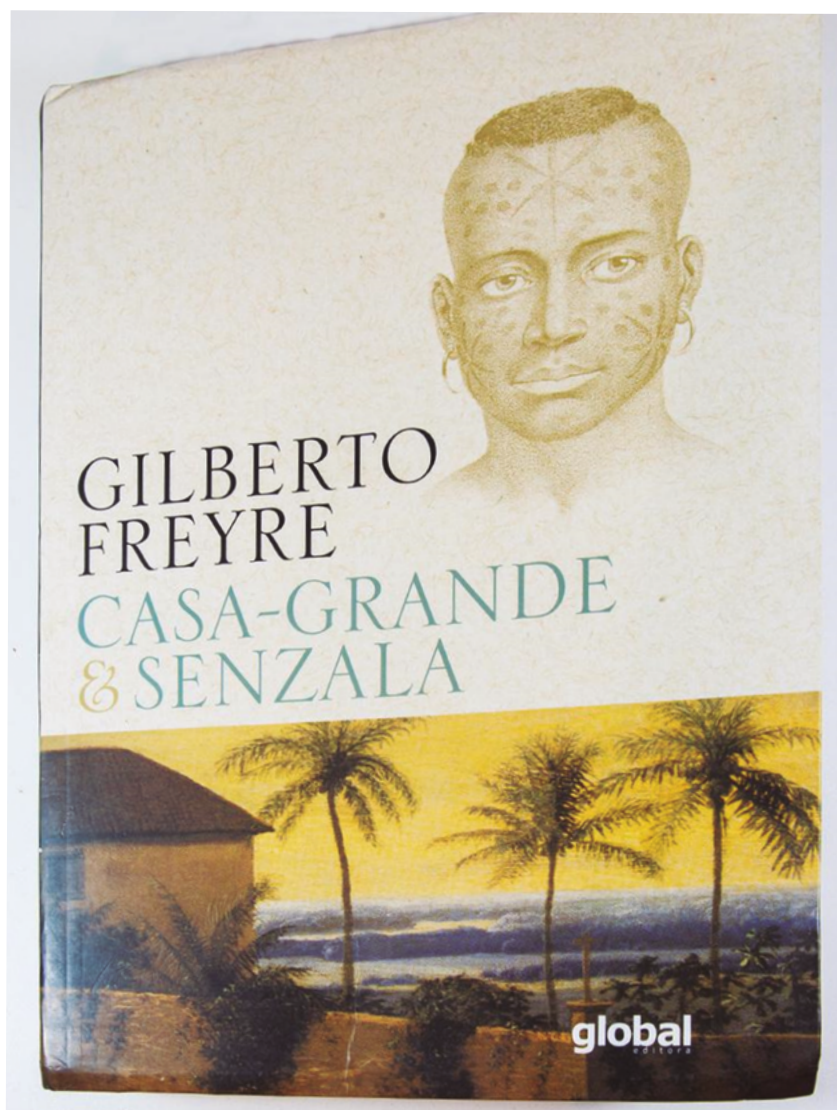
CASA-GRANDE E SENZALA

Publicado em 1933, *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, é considerado um clássico da literatura brasileira por sua análise da formação social do país a partir da miscigenação entre povos indígenas, africanos e europeus. Um dos conceitos da obra é a “sifilização”, que aparece associada à violência sexual no contexto da escravidão.

Freyre reconhece que a construção do povo brasileiro se deu de forma ambígua – entre a idealização da mestiçagem e os impactos de doenças como a sífilis. No trecho a seguir, ele relaciona essas questões com a aparência física da população e com a responsabilização racial pelas marcas sociais e biológicas da época:

“À vantagem da miscigenação correspondeu no Brasil a desvantagem tremenda da sifilização [...], responsabilizando-se a raça negra ou a ameríndia ou mesmo a portuguesa [...] pelo ‘feio’ e pelo ‘bisonho’ das nossas populações mestiças mais afetadas de sífilis ou mais roídas de verminose.” (*Casa-Grande & Senzala*, 2000)

Hoje, trechos como este são alvo de críticas por naturalizarem desigualdades e associarem questões de saúde a traços raciais, reforçando estereótipos que ainda marcam o imaginário social brasileiro.



MALARIOTERAPIA NA SÍFILIS NERVOSA

Em 1917, o impaludismo foi inoculado pela primeira vez. Nove paralíticos foram inoculados com *Plasmodium vivax*. Houve três remissões completas, três incompletas e três sem modificação. O autor foi o psiquiatra vienense Wagner von Jauregg.

No Brasil, Waldomiro Pires, do serviço de neurologia da Fundação Gaffrée e Guinle, Rio de Janeiro, encontrou 35% de remissões mais ou menos completas.

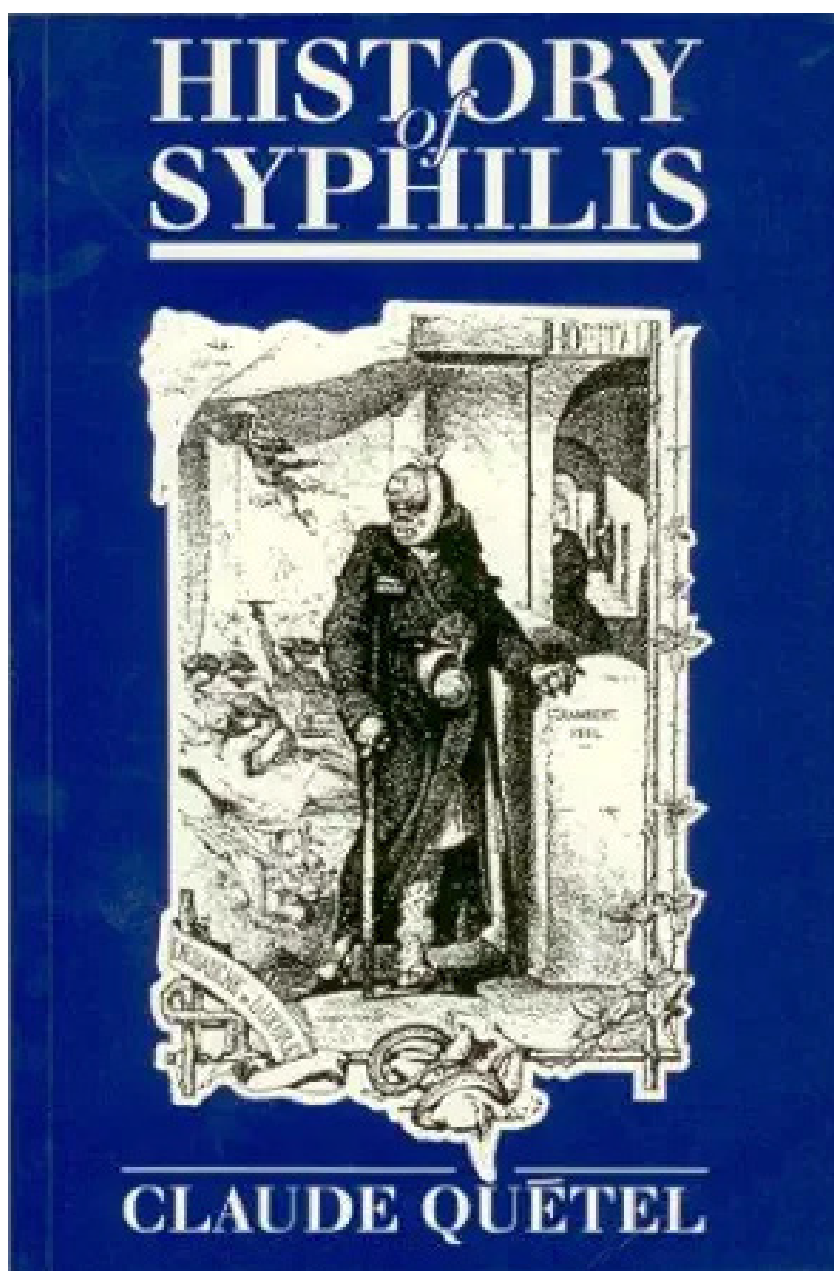
Mais detalhes deste tratamento podem ser observados na página 155.



PIRES, Waldomiro.
Malaria Therapy.
Rio de Janeiro:
Editora Guanabara, 1934.

The History of Syphilis

Em *História da Sífilis*, Claude Quétel traça uma cronologia abrangente da sífilis, desde seu surgimento na Europa no século XV até os desdobramentos médicos e sociais da década de 1990. A obra revela que o combate à enfermidade não foi apenas científico, mas um embate cultural entre o controle do comportamento sexual e a busca pela cura, frequentemente associando a doença ao pecado e à vergonha. Além de analisar tratamentos históricos e mitos como o do “gênio sífilítico”, Quétel estabelece paralelos contemporâneos com a epidemia de Aids, demonstrando como estigmas sociais persistem na gestão de crises sanitárias. O livro destaca-se, portanto, por equilibrar o rigor da investigação médica com uma profunda análise das representações literárias e propagandísticas que moldaram nossa percepção sobre a patologia ao longo de cinco séculos.



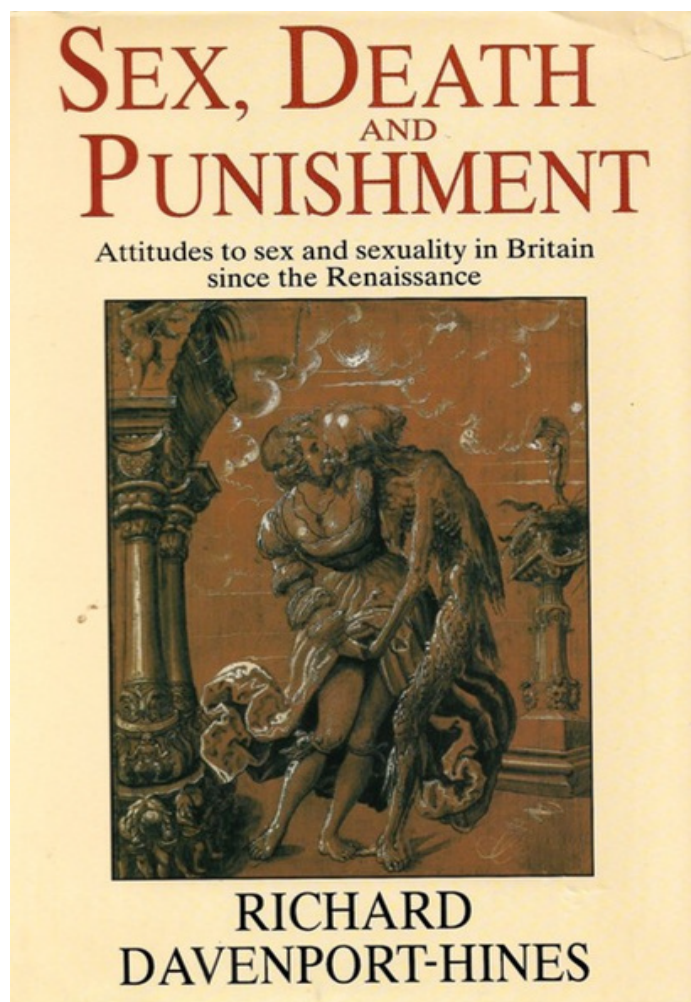
SEX, DEATH AND PUNISHMENT ATTITUDES TO SEX AND SEXUALITY IN BRITAIN SINCE THE RENAISSANCE

A obra *Sex, Death and Punishment – Attitudes to sex and sexuality in Britain since the Renaissance* (Sexo, Morte e Punição – Atitudes em relação ao sexo e à sexualidade na Grã-Bretanha desde o Renascimento) de 1990, do historiador britânico Davenport-Hines, apresenta uma vasta gama de materiais históricos, incluindo panfletos do século XVIII e registros hospitalares, para argumentar que a história sexual britânica é marcada por uma repressão que reflete as ansiedades e hipocrisias da sociedade, em vez de uma preocupação genuína com a moralidade.

Davenport-Hines argumenta que a legislação e a moralidade pública em torno do sexo foram frequentemente motivadas por uma combinação de puritanismo e ódio a si mesmo por parte das classes dominantes. Ele descreve a perseguição de homossexuais e pessoas com doenças venéreas, incluindo a crise da Aids, como manifestações desse ódio.

O livro, em 439 páginas, aborda como as doenças sexualmente transmissíveis, com um capítulo extenso sobre a sífilis, foram representadas e tratadas ao longo do tempo, ligando o medo da doença ao medo da sexualidade “desviante”.

Sex, Death and Punishment – Attitudes to sex and sexuality in Britain since the Renaissance, CollinsPublishing Group, London; 1990.



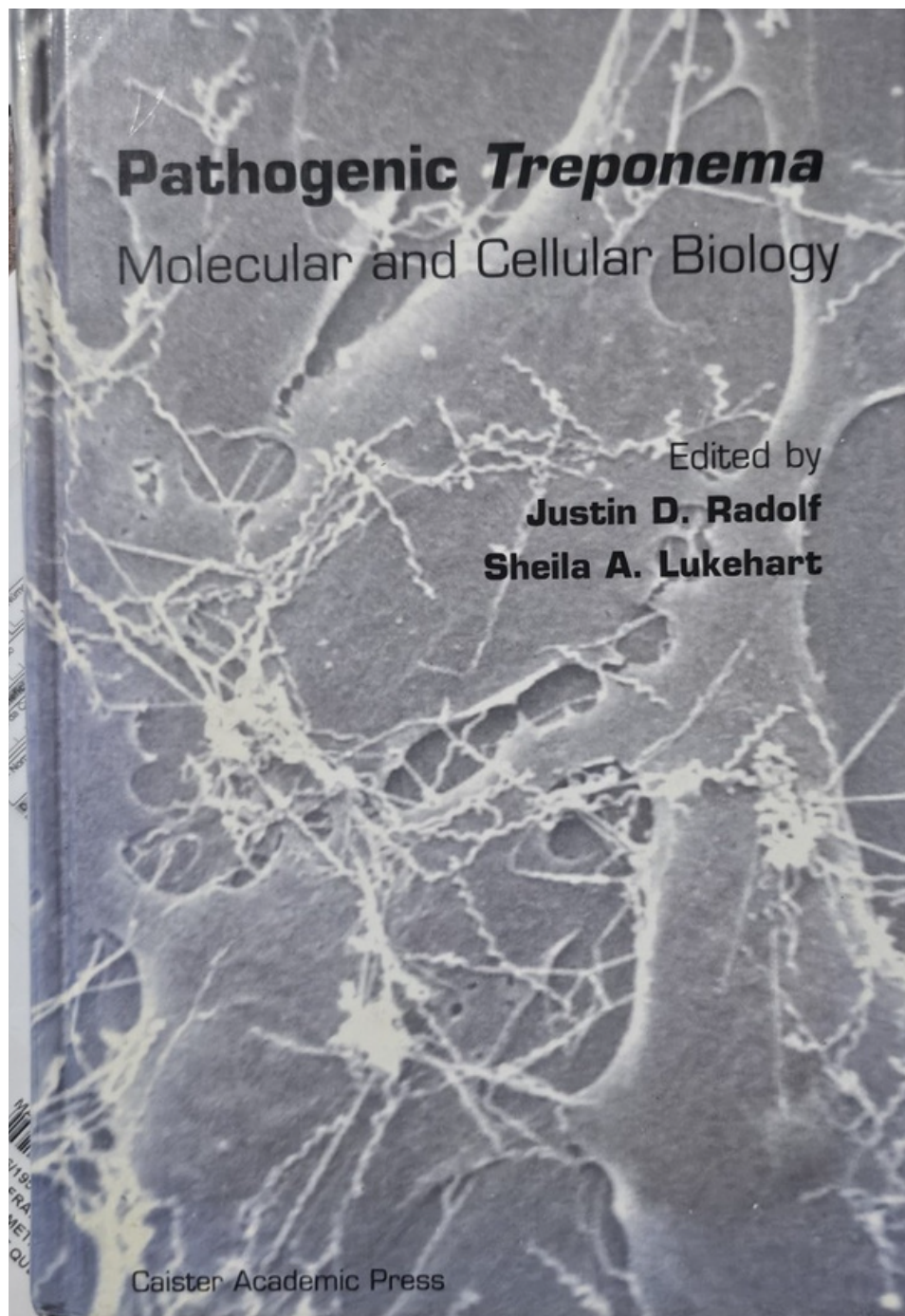
PATHOGENIC TREPONEMA

Molecular and Cellular Biology

Os editores Justin D. Radolf e Sheila A. Lukehart juntos com mais 33 colaboradores produziram o livro mais completo do início do século XXI (466 páginas em 18 capítulos) sobre os aspectos científicos da bactéria *Treponema*. Detalhes da biologia são abordados de forma profunda e robusta.

Caister Academic Press, Wymondham; 2006.

ISBN: 1-904455-10-7

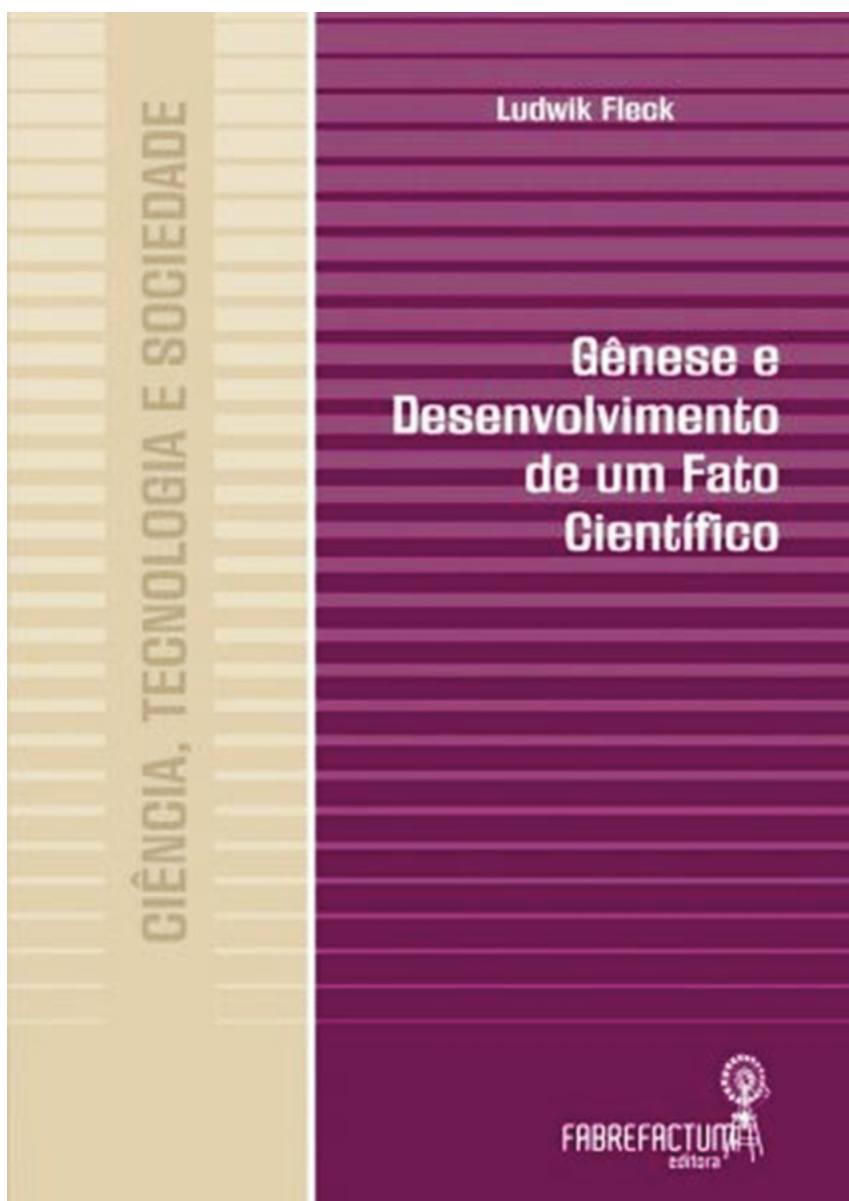


GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DE UM FATO

Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico, de Ludwik Fleck, destaca-se por sua análise pioneira sobre a construção dos fatos científicos, e um exemplo marcante disso é sua abordagem da sífilis, na qual ele inclui o teste de Wasserman. Fleck, um médico e filósofo da ciência polonês, examina como a compreensão da sífilis mudou ao longo do tempo.

Ele ilustra como as concepções sobre a sífilis foram influenciadas por fatores culturais, sociais e históricos, e como diferentes comunidades científicas interpretaram os dados disponíveis de maneiras diversas. Fleck mostra como as ideias sobre a sífilis foram moldadas pelo pensamento coletivo de cada época, destacando a dinâmica complexa entre evidências científicas e crenças prévias.

Ao examinar a sífilis como um estudo de caso, Fleck demonstra como os fatos científicos são construídos e desenvolvidos dentro de uma rede de interações sociais e intelectuais. Essa análise profunda oferece materiais valiosos sobre a natureza da ciência e os processos pelos quais o conhecimento científico é produzido.

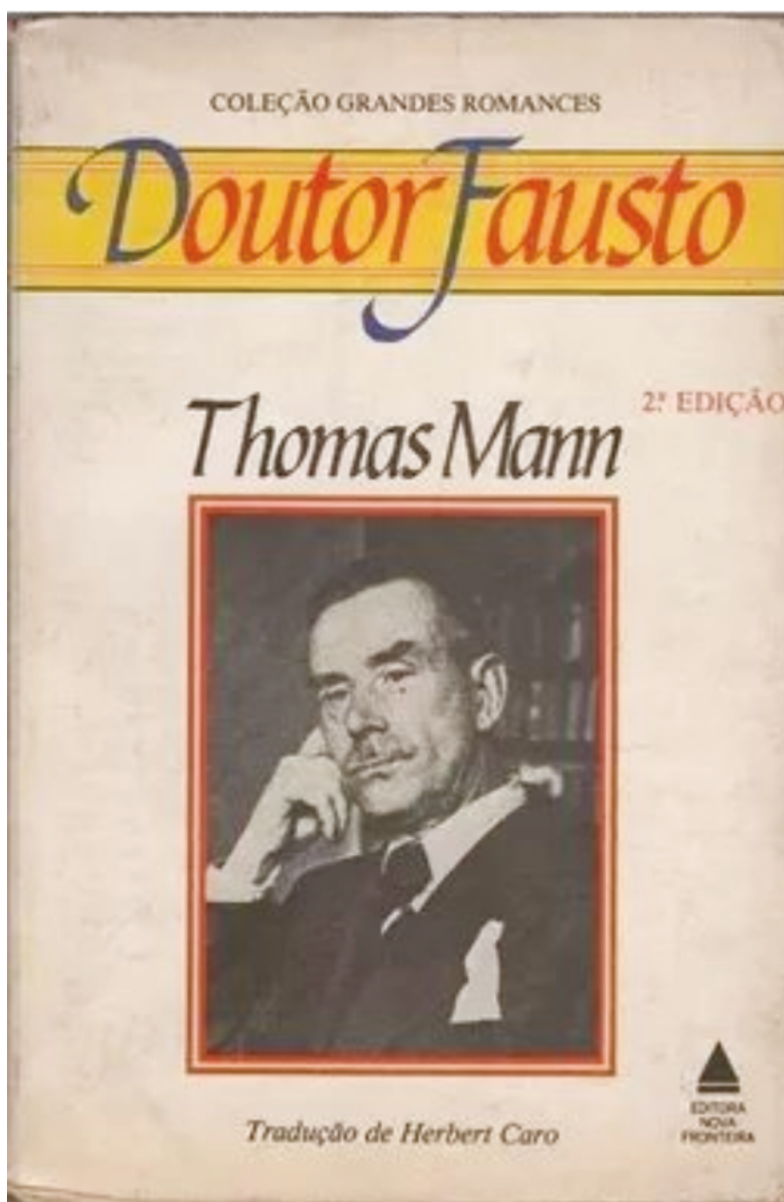


Ludwik Fleck, 1ª. edição em alemão: 1935.

DOUTOR FAUSTO

Último grande romance de Thomas Mann, *Doutor Fausto*, primeira edição em 1947, é uma releitura da lenda de Fausto no contexto da primeira metade do século XX e da convulsão da Alemanha naquele período, culminando na ascensão do Nacional Socialismo, ao mesmo tempo em que desenvolve uma reflexão, com base filosófica nietzschiana, da relação do ser humano com o mal.

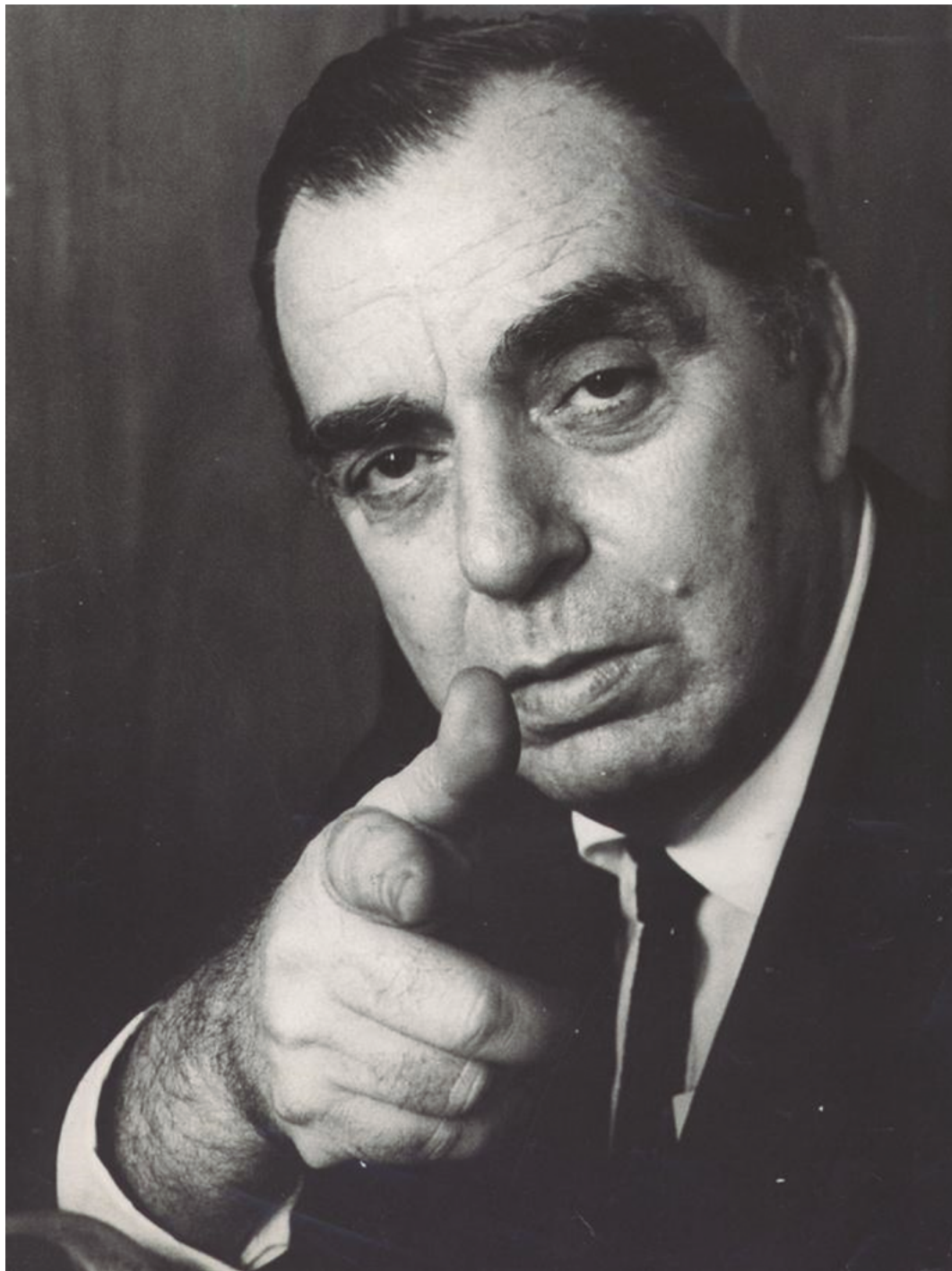
A história apresenta a obra do compositor fictício Adrian Leverkühn, narrada por seu amigo de infância Serenus Zeitblom. O Fausto do século XVI, que pelo desejo de um maior conhecimento entrega sua alma ao demônio, dá lugar ao Fausto de Mann, um músico que estabelece o pacto demoníaco ao se predispor ao contágio da sífilis em troca de uma grande habilidade musical.



Mann T. *Doutor Fausto*: a vida do compositor alemão Adrian Leverkühn narrada por um amigo. Tradução Herbert Caro; posfácio Jorge de Almeida. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras; 2015.

O CASTIGO

O conto 25, “O Castigo”, de *A Vida Como Ela É*, primeira edição em 1961, do jornalista, dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues, traz a história de Odésio, diagnosticado com sífilis, que decide não se tratar à espera dos sintomas da “loucura” e das liberdades que teria com isso.



Nelson Rodrigues

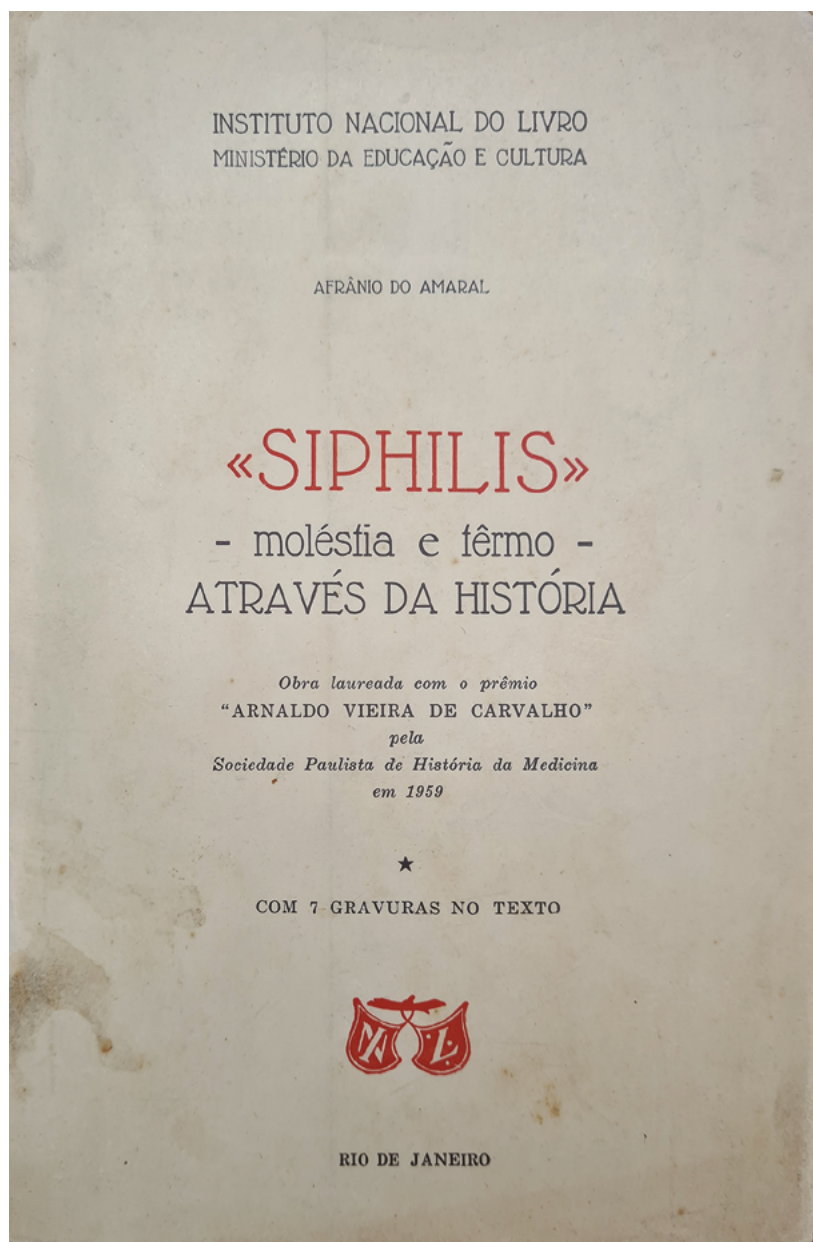
“Sífilis, rapaz! No último grau!”

SIPHILIS – MOLÉSTIA E TERMO – ATRAVÉS DA HISTÓRIA

Obra de Afrânio do Amaral, laureada pela Sociedade Paulista de História da Medicina, 1959. Foi livro inspirador para a compreensão mais ampla da sífilis e, especialmente, um melhor entendimento sobre o livro de Girolamo Fracastoro, de 1530. Foi ainda o marco para buscar uma versão em português do poema latino original, pois, na página 27, o autor escreve:

“Devemos, finalmente, recordar que o poema de Fracastoro apareceu em repetidas edições e já se acha traduzido em várias línguas. Dêle infelizmente, ao que nos conste, não apareceu até agora versão alguma feita no Brasil. No idioma português, cabe registrar a seguinte:

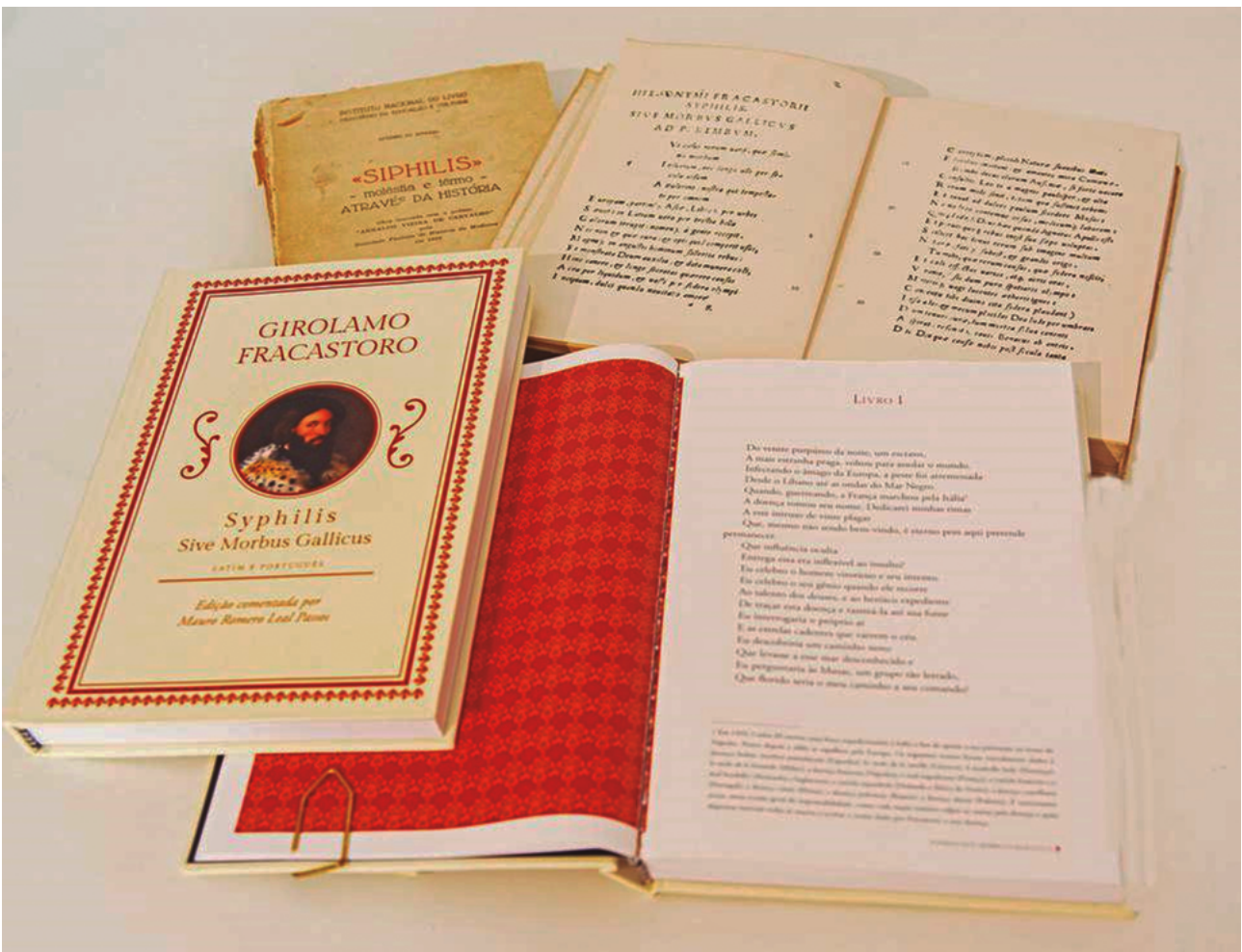
(13-A) Raposo, B. – A syphilis. Tradução do poema latino de Fracastoro, in A Medicina Contemporanea. Lisboa, 1883 (I: 1-3, 17-21, 85-89), 1884 (II: 25-30), 1885 (III: 154-157, 178-179).”



Amaral, Afrânio do. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura. 1959.

SÍFILIS OU MAL FRANCÊS EM PORTUGUÊS

Deste ponto de partida buscamos, então, a mencionada referência. Em janeiro de 1983 identificamos que a Biblioteca Central da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Portugal, tinha tais publicações. Recebemos cópias de várias páginas de *Medicina Contemporânea* contendo partes da tradução, em *Folhetim*, pé de página da publicação, feita pelo professor Bettencourt Raposo. Após atenta leitura, e comparação com cópia do original do poema, observamos que a obra completa de Fracastoro não se encontrava nos documentos cedidos. Após solicitar todas as citações, em abril de 1983, recebemos carta do professor encarregado da Direção da Biblioteca, José António Matos Godinho, na qual informava terem me enviado tudo de que dispunham. Assim, descobrimos que o eminente professor não concluiu a tradução de todo o livro de Girolamo Fracastoro.



Passos, Mauro Romero Leal. *Syphilis Sive Morbus Gallicus*, Latim e Português. Edição comentada. Niterói, RJ. Editora Proprietas; 2021.

ADEUS, ELIXIR DE NOGUEIRA

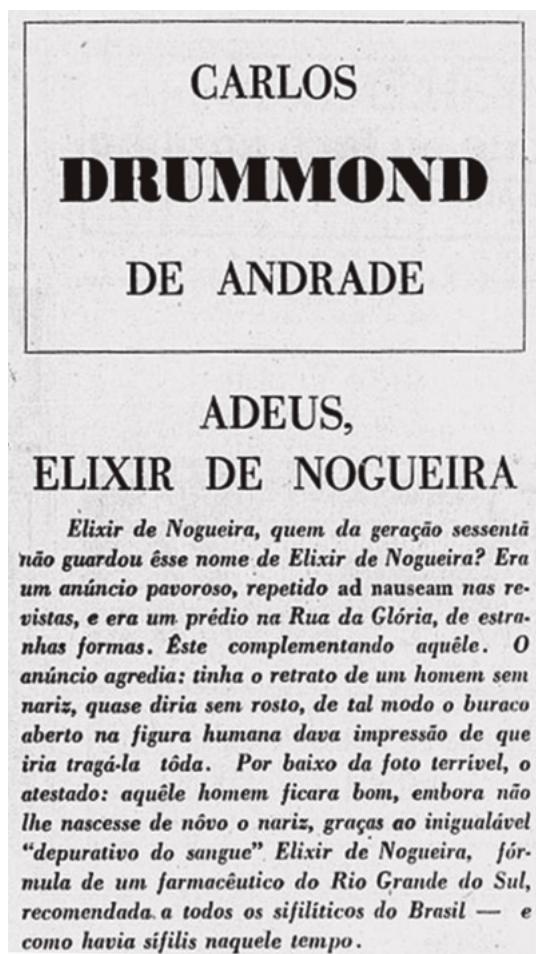
Carlos Drummond de Andrade escreveu a crônica “Adeus, Elixir de Nogueira”, em 1970, no *Jornal do Brasil*, edição 242, sobre a demolição do prédio do Elixir de Nogueira, localizado na rua da Glória. O texto trazia a memória do depurativo no imaginário dos brasileiros, lembrando a relação do prédio, uma arquitetura ousada, com as suas lembranças. Fala dos anúncios com imagens de pessoas portadoras de sífilis, do espanto com a arquitetura do prédio (estilo art nouveau) e de sua indignação diante da demolição do edifício.

A fábrica, que funcionou até 1959, tornou-se um marco arquitetônico polêmico no bairro da Glória. O prédio, projetado de maneira vanguardista, gerou debates intensos sobre sua preservação ou demolição. Após resistir até o início dos anos 1970, a estrutura foi finalmente demolida, encerrando um capítulo significativo na história do Elixir de Nogueira e sua notável fábrica no Rio de Janeiro. A crônica está publicada no livro *O Poder Ultrajovem*, 21ª ed. Rio de Janeiro: Record; 2011, de Carlos Drummond de Andrade.

Assim termina o texto:

“O progresso é às vezes uma espécie de sífilis, que corrói e mata.”

Jornal do Brasil, edição 242, 1970.



A SÍFILIS NAS OBRAS DE WILLIAM SHAKESPEARE

A sífilis também aparece nas obras do maior dramaturgo da história, o inglês William Shakespeare. O estudo presente na obra *Shakespeare and the New Disease*, de Greg W. Bentley (1989), apresenta as referências à sífilis em “Troilo e Créssida” (*Troilus and Cressida*, 1602), “Medida por Medida” (*Measure for Measure*, 1603) e “Timão de Atenas” (*Timon of Athens*, 1606). E mais, revela como Shakespeare emprega grupamento de imagens para revelar e definir os principais temas das peças: comércio sexual, calúnias e usuras.



Troilus e Créssida, Ato V, Cena II, gravura de Luigi Schiavonetti (1795) baseada em uma pintura de Angelica Kauffmann (1789). Nas próprias palavras de Kauffmann: “[Troilo] vê sua esposa em um discurso amoroso com Diomedes e quer correr para dentro da tenda para surpreendê-los, mas Ulisses e os outros o seguram à força”.

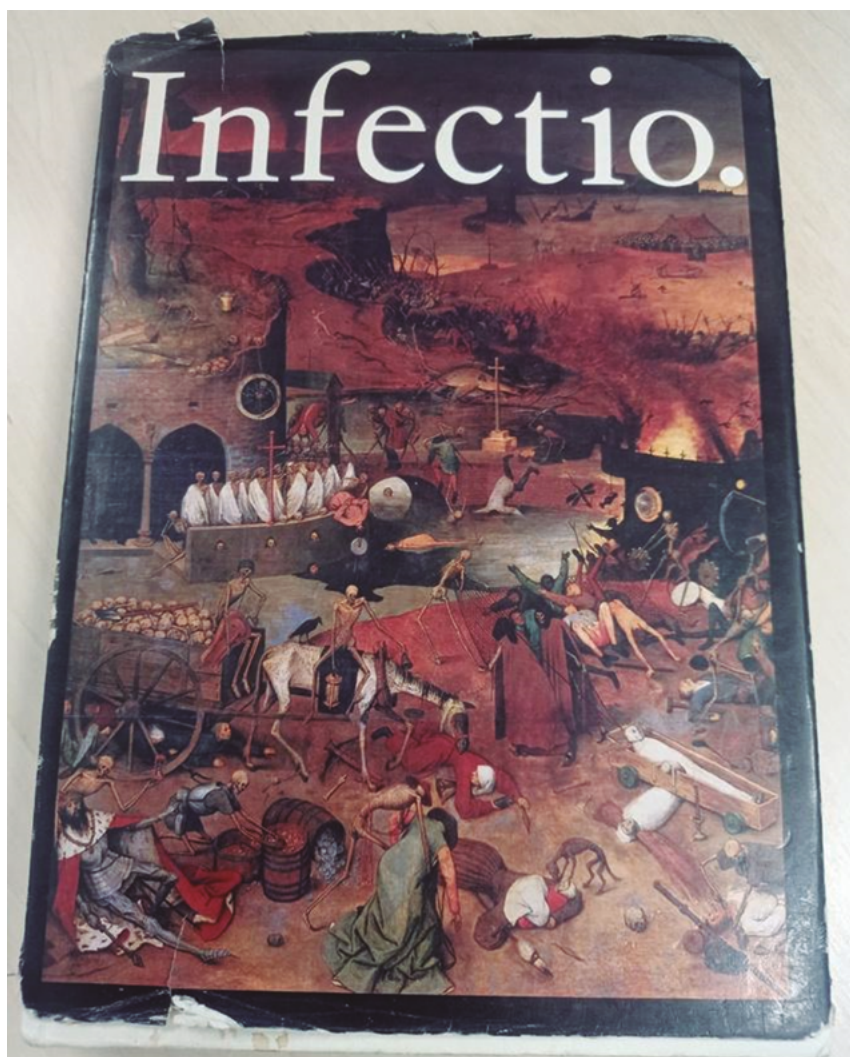
INFECTIO

O livro apresenta as histórias de algumas doenças infectocontagiosas, demonstrando a evolução do conhecimento sobre cada patologia com elementos históricos, científicos e artísticos. Uma publicação primorosa, da autoria de Werner Schreiber e Friedrich Karl Mathys, com ilustrações de Doris Aebi. O capítulo da sífilis apresenta, em meio à abordagem histórica, reproduções de obras de grandes pintores e gravuristas.

Casas de banho em Leuk, Valais (século VI), Hans Bock, o Velho, Basileia, Kunstmuseum. Texto que está no livro *Infectio*:

“Os banhos promíscuos de homens e mulheres em banheiras ou piscinas constituíam uma prática generalizada desde o final da Idade Média. Este quadro de Hans Bock, o Velho, que data do século XVI (Basileia, Kunstmuseum), mostra a casa de banhos em Leuk, Valais”.

Todas as alegrias do banho estão representadas em detalhe. Havia jogos com tabuleiros de todos os tipos e tomavam-se refeições em bandejas flutuantes. Era inevitável que ocorressem relações sexuais, disseminando-se a sífilis rapidamente. As autoridades proibiram, por isso, os banhos promíscuos em muitas cidades, e as casas de banho tiveram de ser fechadas.

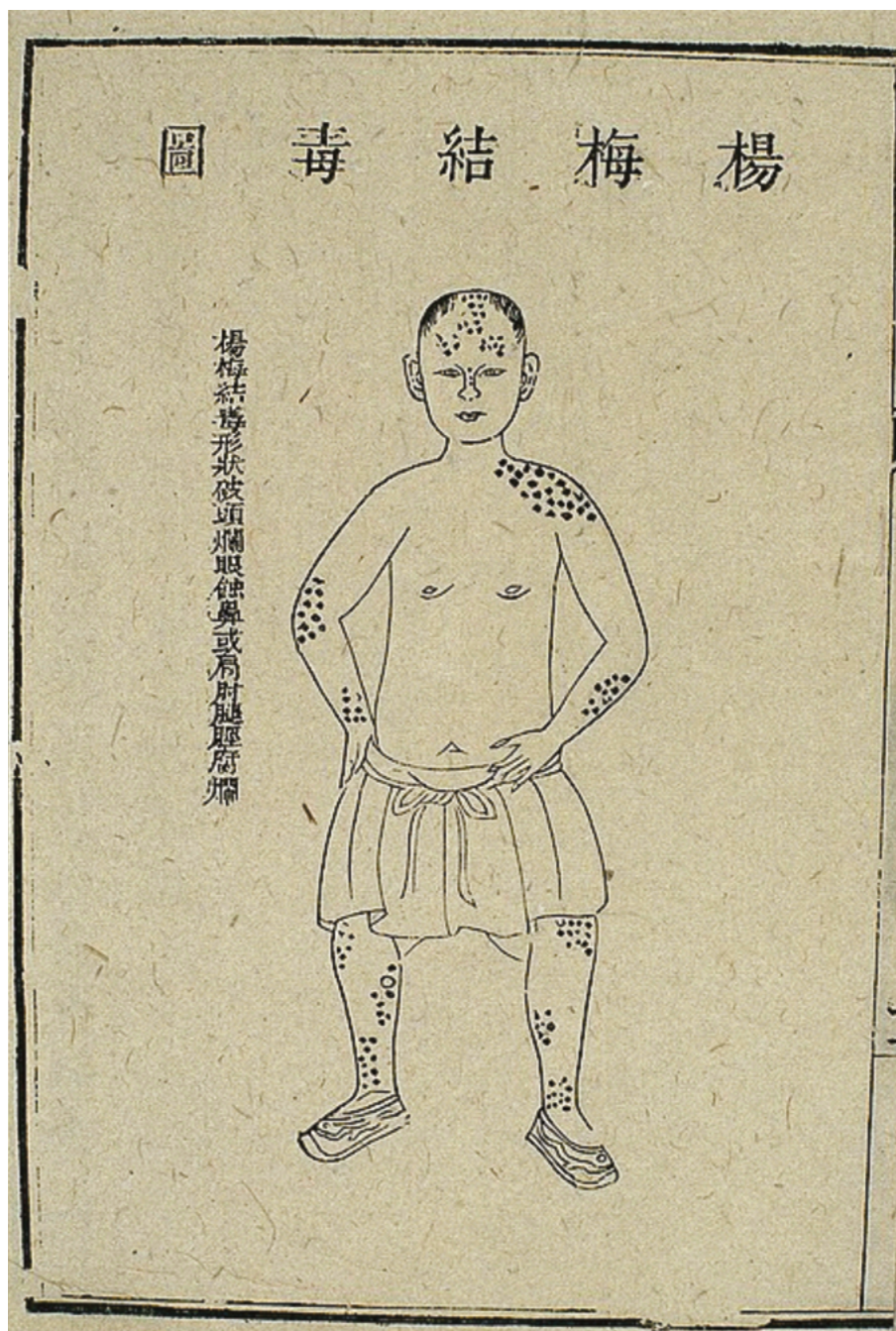




The Bath at Leuk
Hans Bock the Elder
1597
Óleo sobre tela
Acervo Kunstmuseum Basel

YIZONG JINJIAN

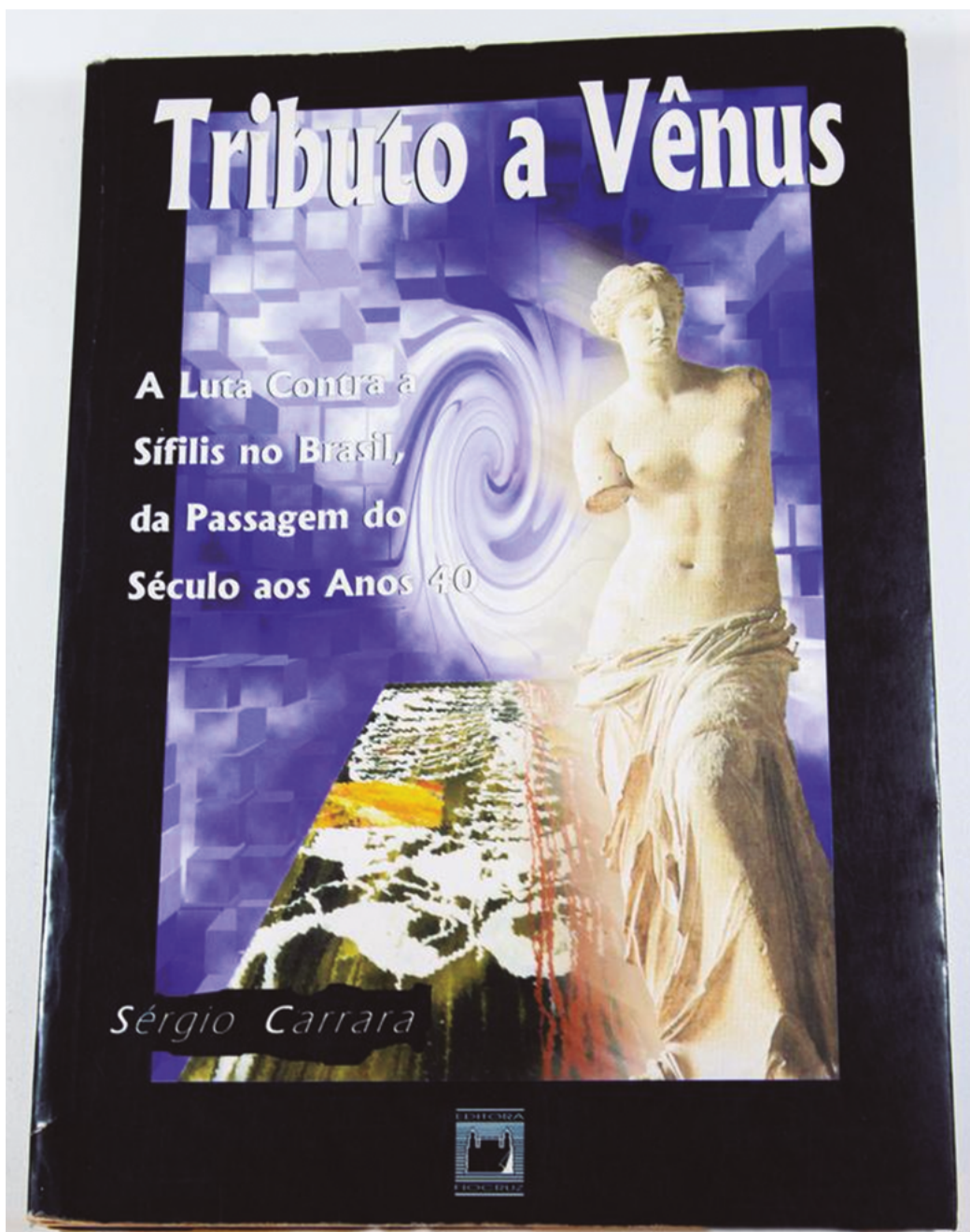
Essa imagem é uma xilogravura chinesa do início do século XVIII, demonstrando feridas sifilíticas. A ilustração consta no *Yizong jinjian* (O Espelho dourado da medicina, em tradução livre), uma antologia médica em 90 volumes, e foi desenvolvida por uma comissão imperial, contando com aspectos importantes da medicina chinesa. A obra é o único tratado médico que o Imperial imprimiu na dinastia Qing (1636 a 1912, sendo a última dinastia imperial na China). Foi amplamente difundida e estabelecia uma ortodoxia médica para orientar os médicos em sua prática.



Fonte: M.J.S. Yang. Medical illustration in China: the Golden Mirror, an 18th-century imperial court medical text. Clin. Dermatol., 39 (5) (2021), p. 904-906, 10.1016/j.clindermatol.2020.11.009

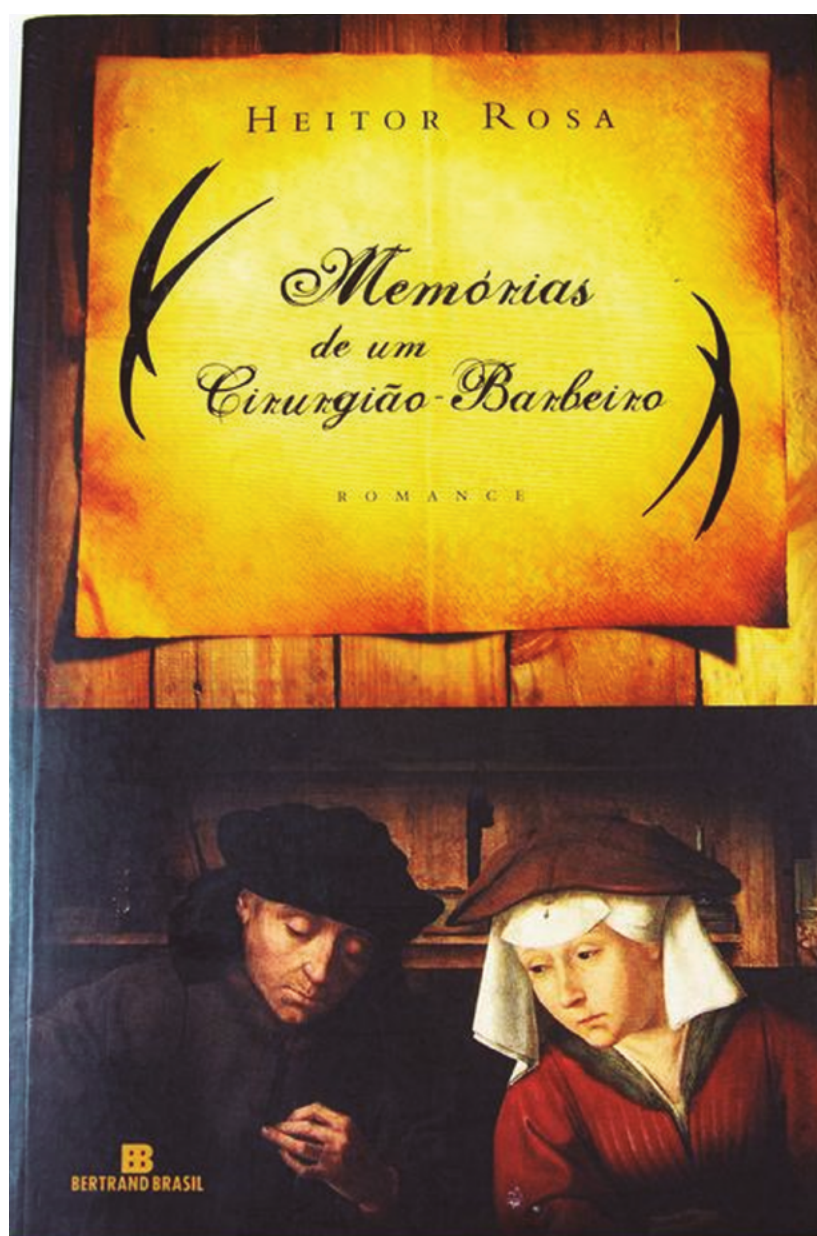
TRIBUTO A VÊNUS - A LUTA CONTRA A SÍFILIS NO BRASIL DA PASSAGEM DO SÉCULO AOS ANOS 40

Magnífica obra do pesquisador Sérgio Carrara, explorando a sífilis numa perspectiva social complexa, que a caracteriza como uma das doenças mais temidas na história da humanidade. A pesquisa aborda metodologicamente o assunto como um campo dinâmico de disputas e o analisa enquanto conjunto de discursos e de práticas inter-relacionadas, indo além do campo científico. Apresenta as referências e os impactos do processo de institucionalização do cuidado e da “luta antivenérea” no Brasil, além da formação dos profissionais, entre outros. É um livro de referência obrigatório para quem estuda, pesquisa e milita no combate à sífilis e à sífilis congênita.



MEMÓRIAS DE UM CIRURGIÃO-BARBEIRO

No século XVI, um flagelo espalha-se pela Europa causando mortes e mutilações. Conhecida como o Mal Francês, essa doença aparentemente incurável assustou enfermos e sadios durante décadas, até que Girolamo Fracastoro, famoso médico e poeta, foi convocado para desvendar os seus mistérios. *Memórias de um Cirurgião-Barbeiro*, romance do médico-escritor brasileiro Heitor Rosa, parte de uma minuciosa pesquisa histórica para resultar numa leitura prazerosa, ambientada numa época em que realizar cirurgias, fazer barbas e cortar cabelos eram atividades bem semelhantes. O narrador é Gioacchino dalla Rosa, o cirurgião-barbeiro do título, que, entre outras coisas, revela o porquê de Fracastoro ter batizado de sífilis aquela terrível doença. O livro, narrado com muita leveza e humor, é um romance histórico. Ao retratar a medicina há mais de 500 anos, numa sociedade em que credence, religião e política se misturavam, Rosa mostra que, em certos aspectos, nosso mundo não mudou tanto assim.

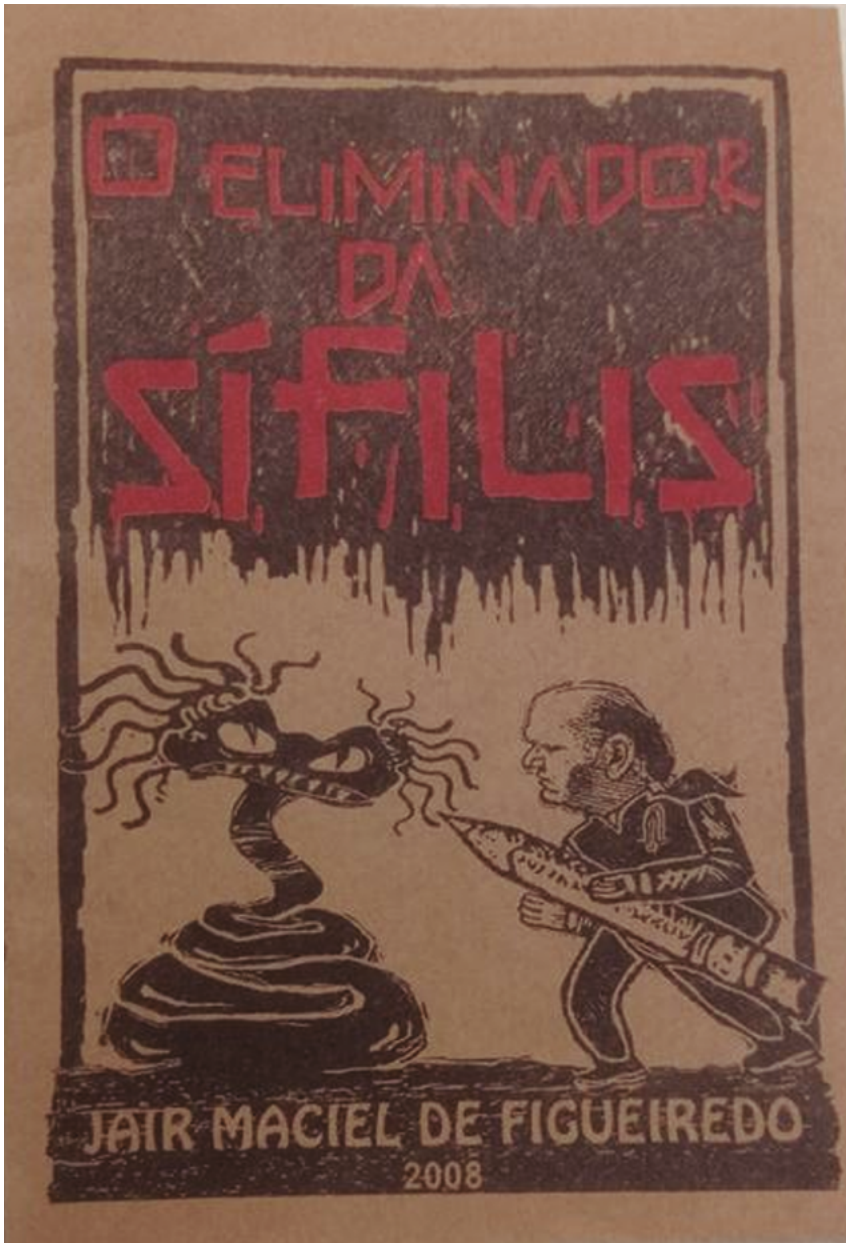


Rosa, Heitor.
Rio de Janeiro: Bertrand; Brasil, 2006.

O ELIMINADOR DA SÍFILIS

O cordel *O Eliminator da Sífilis*, de autoria do médico e cordelista Jair Maciel de Figueiredo e dedicado a Mauro Romero Leal Passos, pretende sensibilizar estudantes e profissionais de saúde para a campanha de eliminação da sífilis.

A literatura de cordel é uma forma de poesia popular tradicional no Nordeste brasileiro, caracterizada pela impressão em folhetos de papel barato, com ilustrações e textos rimados que narram histórias de amor, aventura, religião e crítica social. É uma manifestação cultural que se mantém viva até hoje, com poetas e cordelistas produzindo novos versos e divulgando a tradição pelo país.



Cordel de Jair de Figueiredo, Natal, RN, 2008.

CLÍNICA, ARTE E SOCIEDADE

Organizada pela antropóloga portuguesa Cristiana Bastos, a obra *Clínica, Arte e Sociedade: a Sífilis no Hospital do Desterro e na Saúde Pública* apresenta as memórias do Hospital de Nossa Senhora do Desterro, em Lisboa, Portugal, encerrado em 2007. Uma parte do livro é dedicada ao acervo de moldagens de cera representando momentos da sífilis e ao Museu Sá Penella de dermatologia. Na terceira parte do livro, os autores abordam a perspectiva da sífilis, com materiais de propaganda usados para prevenção e educação em saúde.



Clínica, Arte e Sociedade

A Sífilis no Hospital do Desterro e na Saúde Pública

Cristiana Bastos
(organizadora)

ICS

Fonte: Bastos, Cristiana (Ed.) (2011). *Clínica, arte e sociedade: a sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/20068/1/ICS_CBastos_Clinica_LEN.pdf da



Modelo de cera de um corpo com gomas sífilíticas.

Código CHLC0056

Coleção Sá Penella

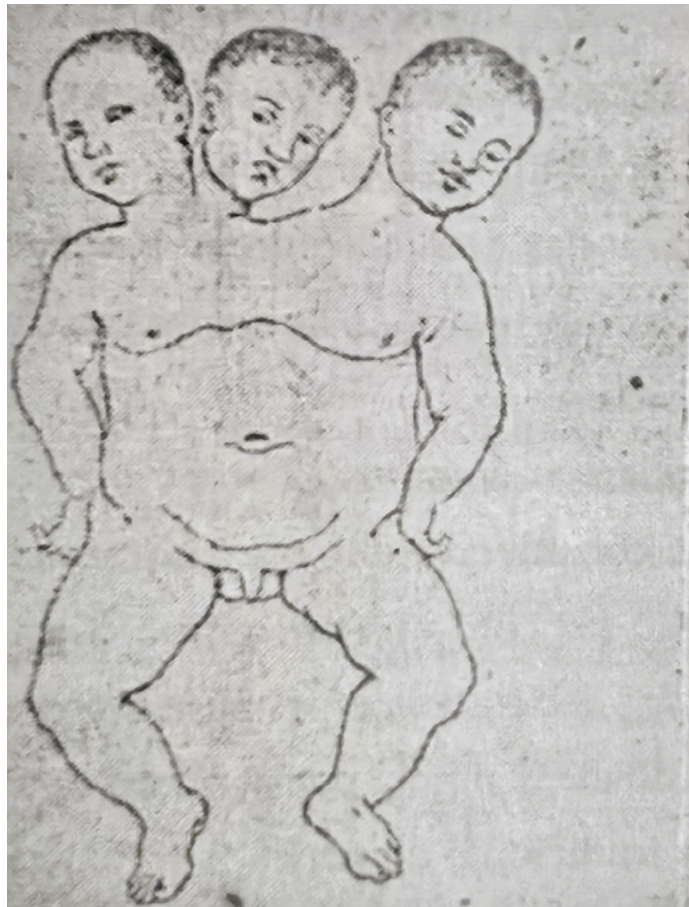
Foto do objeto: Dani Reis.

SÍFILIS E REFORMA DA SAÚDE NA BAHIA (1920-1945)

O livro é resultado da pesquisa de doutorado do historiador baiano Ricardo dos Santos Batista, que investiga a trajetória político-sanitária da Bahia entre 1920 e 1945, com foco no combate à sífilis e na Reforma Sanitária. A partir de fontes como teses da Faculdade de Medicina da Bahia, jornais e relatórios médicos, o estudo analisa as representações da doença e os estigmas associados, influenciados por ideias eugênicas e concepções de monstruosidade. O trabalho também destaca as tensões políticas entre o poder central e as elites locais, que usavam a saúde como instrumento de negociação.



Fonte: Batista, Ricardo dos Santos. *Sífilis e Reforma da Saúde na Bahia* (1920-1945). SciELO – EDUNEB, 2017.



Segundo o estudo de Ricardo Batista, os chamados “sifilíticos hereditários” ou “heredo-sifilíticos” eram entendidos, até por médicos, como criaturas degradadas, não desenvolvidas, uma raça inferior. Essas imagens eram representações de degenerações físicas atribuídas aos bebês que nasciam com sífilis e foram retiradas da propaganda do medicamento *Antigal* no jornal *Diário de Notícias*, 4 de agosto de 1920.

ATLAS DE DST & DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL PORTUGUÊS E INGLÊS

O *Atlas de DST & Diagnóstico Diferencial*, primeira edição em 2002, é uma publicação de referência para profissionais de saúde do Brasil e do mundo. Esta obra tem um detalhe especial: os autores disponibilizam, em DVD, junto com o livro, todas as imagens publicadas. Escrito por Mauro Romero Leal Passos, Gutemberg Leão de Almeida Filho, Ivo Castelo Branco Coelho e Luiz Carlos Moreira, com a colaboração de dezenas de especialistas, esta obra rara, de ensino e de consulta, permite o aprendizado das Infecções Sexualmente Transmissíveis de maneira objetiva e rica em imagens, explorando aspectos particulares de cada enfermidade.

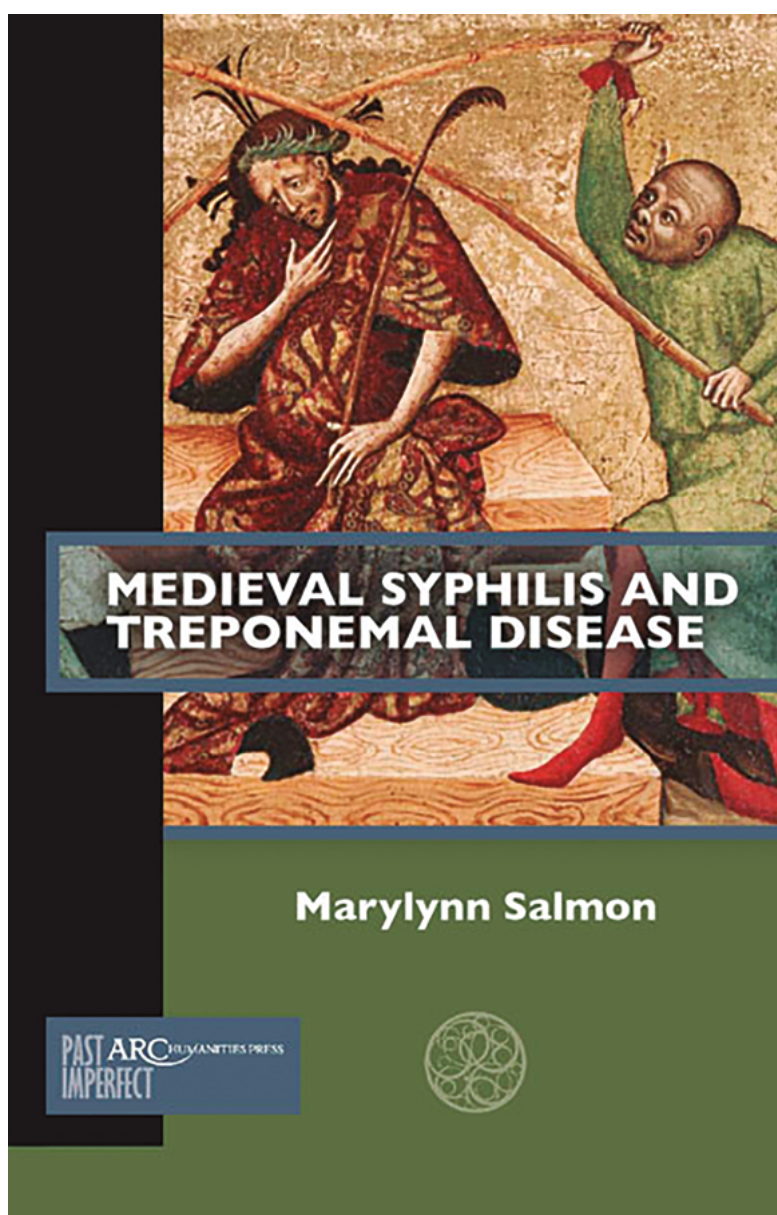
A versão atualizada em inglês foi publicada em 2018 (Springer, Cham, Switzerland).



Passos MRL et al. **Atlas de DST & Diagnóstico Diferencial**. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Revinter; 2012.
 Passos MRL et al. **Atlas of Sexually Transmitted Diseases**. Clinical Aspects and Differential Diagnosis. Springer Nature, Cham; 2018.

MEDIEVAL SYPHILIS AND TREPONEMAL DISEASE

Líderes no campo da paleopatologia encontraram evidências suficientes para provar que a treponematose, incluindo a sífilis, existia na antiga e medieval Afro-Eurásia, encerrando um debate de décadas. No entanto, evidências documentais e artísticas para apoiar este importante trabalho permanecem escassas. Depois de resumir os casos confirmados de treponematose detectados até o momento, este livro se volta para relatos contemporâneos sobre a morte do rei inglês, Eduardo IV, que indicam fortemente a sífilis como a causa. Em seguida, considera mais evidências sugerindo a consciência contemporânea de que as elites tendiam a experimentar a doença mais severamente do que os plebeus, e inclui vários exemplos de tratados médicos e obras de arte que são altamente sugestivos de que tanto a treponematose endêmica quanto a venérea (bejel e sífilis) estavam presentes na Europa medieval tardia. Ao fazer isso, a autora espera desencadear uma conversa não apenas sobre a existência da doença em vários lugares e épocas, mas também seu impacto mais amplo na sociedade e cultura pré-modernas.



Salmon, M. Medieval Syphilis and Treponemal Disease. York, ARC Humanidades Press; 2022.

A SÍFILIS OU MORBO GÁLICO

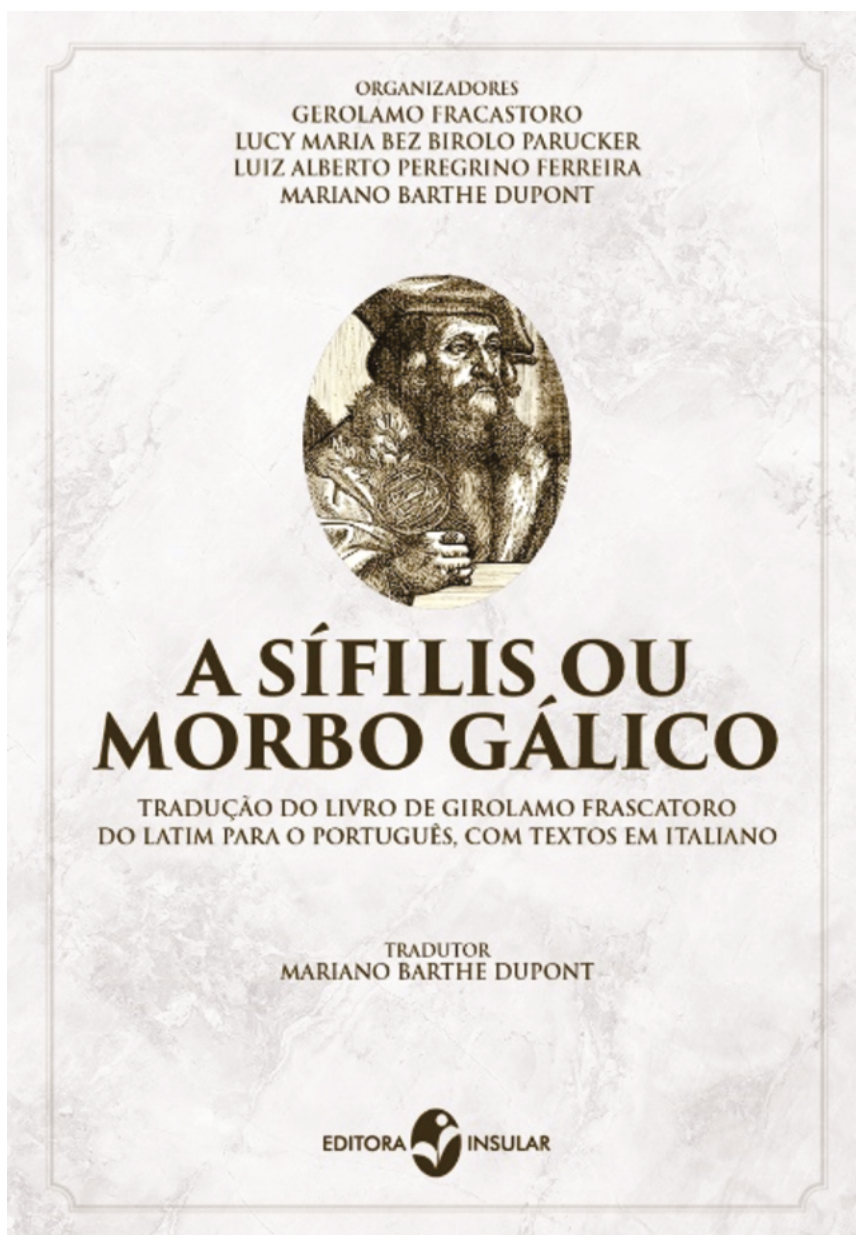
Mais uma obra ímpar que deve estar no acervo de todos os que se interessam pelo tema. Editora Insular, Florianópolis, 2024.

Trata-se de uma tradução do livro de Girolamo Fracastoro do latim para o português, com textos em italiano.

Organizadores: Gerolamo Fracastoro, Lucy Maria Bez Birolo Parucker, Luiz Alberto Peregrino Ferreira e Mariano Barthe Dupont. Tradutor: Mariano Barthe Dupont.

Segundo a publicação, Gerolamo Fracastoro, um dos autores desse livro, é descendente direto de Girolamo Fracastoro, autor do livro original de 1530.

Além da tradução para o português, o livro narra detalhes da vida pessoal e formação acadêmica de Girolamo Fracastoro.



ESTUDOS POLÊMICOS / *CONTROVERSIAE STUDIORUM*

NORUEGA, ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E GUATEMALA

A história da sífilis tem episódios muito tristes e polêmicos que merecem destaque. Entre os anos de 1890 e 1910, ocorreu um estudo na Noruega com a finalidade de acompanhar o comportamento da sífilis em homens sem o tratamento, que, na época, ainda era limitado ao uso de substâncias tóxicas ou formas não convencionais. Foram cerca de 1.980 pacientes com sífilis, internados no departamento de dermatologia do Hospital de Oslo, Noruega. No estudo, foram documentados o diagnóstico e o curso clínico da doença em todos os pacientes. Esse o estudo foi finalizado exatamente após o início do tratamento promissor com Salvarsan 606.

Em 1932, o Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos iniciou um estudo em 400 homens afro-americanos, para analisar o efeito da sífilis não tratada em organismos humanos – *O Estudo de Tuskegee*, no Alabama, Estados Unidos, como é conhecido. Esses homens participaram de um “estudo” sobre o efeito da sífilis não tratada no organismo humano. Sim, o mesmo de Oslo. Embora o uso do Salvarsan tenha sido iniciado em 1910, a pesquisa foi realizada sem o emprego adequado de qualquer tratamento. Com o advento do tratamento com a penicilina, a partir dos anos 1940, o estudo se manteve, sem que os homens soubessem da possibilidade de um tratamento digno e efetivo. Foram 40 anos de pesquisa antiética. Uma mancha vergonhosa que é lembrada até hoje na história da saúde dos Estados Unidos.

Além das pesquisas realizadas em Oslo e Tuskegee, outro execrável estudo foi realizado na Guatemala. Em 1946, o médico estadunidense John Cutler, que também participou de Tuskegee, organizou uma pesquisa no país da América Central. Iniciado com pessoas já diagnosticadas com sífilis, o estudo atuou também inoculando a sífilis em cerca de 1.300 pessoas, entre crianças, soldados, pessoas com transtornos mentais, profissionais do sexo e prisioneiros. A pesquisa durou até 1948 e tornou-se pública em 2010, na gestão do presidente Barack Obama. Obama pediu desculpas às vítimas desse estudo, assim como Bill Clinton pediu desculpas aos sobreviventes e familiares das vítimas de Tuskegee.



Médico retirando sangue de um paciente como parte do estudo de sífilis de Tuskegee. 1932. National Archives Atlanta, USA.

ACESSE OS VÍDEOS

Documentário que conta a história do estudo da Guatemala e as consequências na população até os dias atuais. Em 2010, o então presidente estadunidense Barack Obama apresentou um pedido de desculpas em nome do governo dos Estados Unidos.



Laboratório de Sífilis (2011): O legado dos experimentos de sífilis dos Estados Unidos ainda atormenta a Guatemala. Disponível em: <https://youtu.be/nha9MsSSkVc>.



Discurso do pedido de desculpas de Bill Clinton às vítimas do estudo de Tuskegee. Disponível em: <https://youtu.be/l1A-YP24QwA>.

RECONSTRUÇÃO NASAL

O italiano Gaspare Tagliacozzi é considerado o pioneiro da cirurgia plástica e reconstrutiva. Em sua obra principal, *De Curtorum Chirurgia per Insitionem* (publicada em 1597 em Veneza), Tagliacozzi descreve o chamado “método italiano” de reconstrução nasal. Pela imagem, podemos ver que o paciente era preparado com um vestido para amarrar o braço na cabeça e permanecer imóvel por meses, com a parte da pele do braço suturada no espaço do nariz. Essa técnica era utilizada para reconstruir os narizes de sífilíticos que tinham perdido parte da estrutura nasal devido aos efeitos destrutivos da doença.

TRATAMENTO / CURATIO



Fonte: Tomba P, Viganò A, Ruggieri P, Gasbarrini A. Gaspare Tagliacozzi, pioneer of plastic surgery and the spread of his technique throughout Europe in “*De Curtorum Chirurgia per Insitionem*”. *Eur Rev Med Pharmacol Sci.* 2014;18(4):445-50. PMID: 24610608.



Treatment for syphilis in a seventeenth century hospital, creditado a David Abercromby, 1701 ou 1702. Xilografura, The National Library of Medicine.

O FORNO



Réplica, em ferro galvanizado, de forno usado no século XVI como suadouro, com aplicação de unguentos à base de mercúrio e até de plantas, tipo guaiaco (da América Latina), em pessoas com sífilis. A quantidade de saliva secretada era medida considerando-se de 1.000 a 1.500 mL em 24 horas, um sinal de bom prognóstico. Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos. Dimensões: 2,10 m de altura X 1,08 m de diâmetro.

No século XVI, o metal mercúrio era usado, em formas diferentes, nos mais populares tratamentos para a cura da sífilis durante séculos. Daí a expressão: “Uma noite com Vênus e a vida com mercúrio”.

Paracelso, médico suíço, alquimista, teólogo leigo e filósofo da Renascença alemã, indicava o uso do mercúrio como pomada, por conta da sua toxicidade.

Outra forma era o uso do forno com sulfeto de mercúrio (HgS) ou cinábrio, como podemos ver em xilogravuras da época. O doente ficava dentro do forno e o corpo era submetido a vapores de mercúrio. Através da salivação induzida e do suor gerado pela alta temperatura do forno e o uso do mercúrio, acreditava-se que o paciente pudesse se curar. Todavia, muitos morriam de envenenamento com mercúrio.

O mercúrio na forma de emplastro foi usado como tratamento para sífilis até o século XX.



O GUAIACO

O Guaiacum, chamado de árvore santa, era utilizado pelos indígenas da América Central para tratar infecções e foi introduzido na Espanha no início do século XVI no tratamento da sífilis.

Acreditava-se que Deus tinha dado um castigo à luxúria dos homens, e a doença havia surgido no novo mundo. Mas Deus também tinha criado a cura no mesmo local. A Árvore Santa (Pau-Santo) era levada para a Europa em troncos grandes no início. Agiam como purgantes, causavam sudoração, diarreia e aumento do débito urinário, sendo consideradas “limpadoras do sangue”.

“Essa árvore parece muito eficaz contra todas as manifestações dessa doença, pois é composta de partes muito finas e partes quentes até a terceira potência, secas, e, por fim, são resinosas; portanto, pode ser dissecada de todas as maneiras: com calor, com secura e por embebição. Também pode provocar o suor, volatilizar e dissolver a matéria, purificá-la e, finalmente, como é também resinosa, pode opor-se fortemente à putrefação e ao contágio. Parece ter ainda outra propriedade farmacêutica, a de habitualmente liberar o corpo.”

Texto de Girolamo Fracastoro, 1546, em *De contagione et contagiosis morbis et curatione* (sobre o contágio e as doenças contagiosas e sua cura).



De ontdekking van Guaiacum als middel tegen syfilis (A invenção do uso do Guaiacum para a sífilis). Por Bruges Joannes Stradanus, 1590, Acervo Museum Plantin-Moretus.



Ilustração "Guaiacum" – Franz Eugen Köhler, 1897.

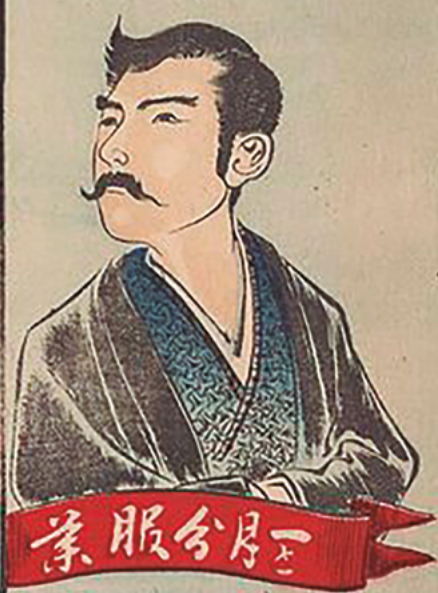
Ilustração japonesa em cartaz do século XIX. Um anúncio para pílulas que curam “doenças tóxicas”, como a sífilis e a gonorreia. A imagem apresenta o que seriam os modelos “antes e depois”, com os personagens no topo mostrando os sintomas da sífilis e da gonorreia, o que indica que o homem possui a sífilis congênita e a mulher, a sífilis regular.

Fonte: Oredsson, Ellen. Depictions of STDs in Art History. blog How To Talk About Art History. Reino Unido. 22 de junho de 2016. Disponível em: <https://howtotalkaboutarthistory.co.uk/reader-questions/depictions-of-stds-in-art-history/>

毒をいどく
 そごとく
 たい毒
 三つどく
 りん病
 毒一切を
 掃除し
 身躰強
 ちらむる
 良薬也
 一名
 一月丸



内腹
 毒
 掃丸



東京山崎帝國堂 和國屋

SALVARSAN

O alemão Paul Ehrlich vinha realizando experiências há alguns anos com o uso de compostos de arsênio no tratamento da tripanossomíase. Ehrlich então começou a fazer testes com compostos de arsênico no tratamento da sífilis em coelhos. Seus experimentos não foram muito bem-sucedidos, pois a maioria dos arsênicos anteriores que ele experimentou eram muito tóxicos. Assim, foi criado o Salvarsan 606, o 606º experimento.

Em 1908, Ehrlich recebeu o prêmio Nobel por sua descoberta.

Isso levou à fabricação de Arsfenamina em 1910, que posteriormente ficou conhecida como Salvarsan, ou a “bala mágica”, e mais tarde, em 1912, Neoarsphenamine, Neosalvarsan ou droga “914”.

O Neosalvarsan foi utilizado como principal tratamento da sífilis até o uso da penicilina.



Paul Ehrlich em seu escritório em Frankfurt, Alemanha, nos idos de 1900.



Cartaz publicitário do Salvarsan 606 do grupo químico e farmacêutico Hoecht, 1910.



Neosalvarsan Produto à base de arsênico, desenvolvido por Paul Ehrlich, utilizado para tratamento da sífilis no início do século XX, a partir de 1912. Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos.



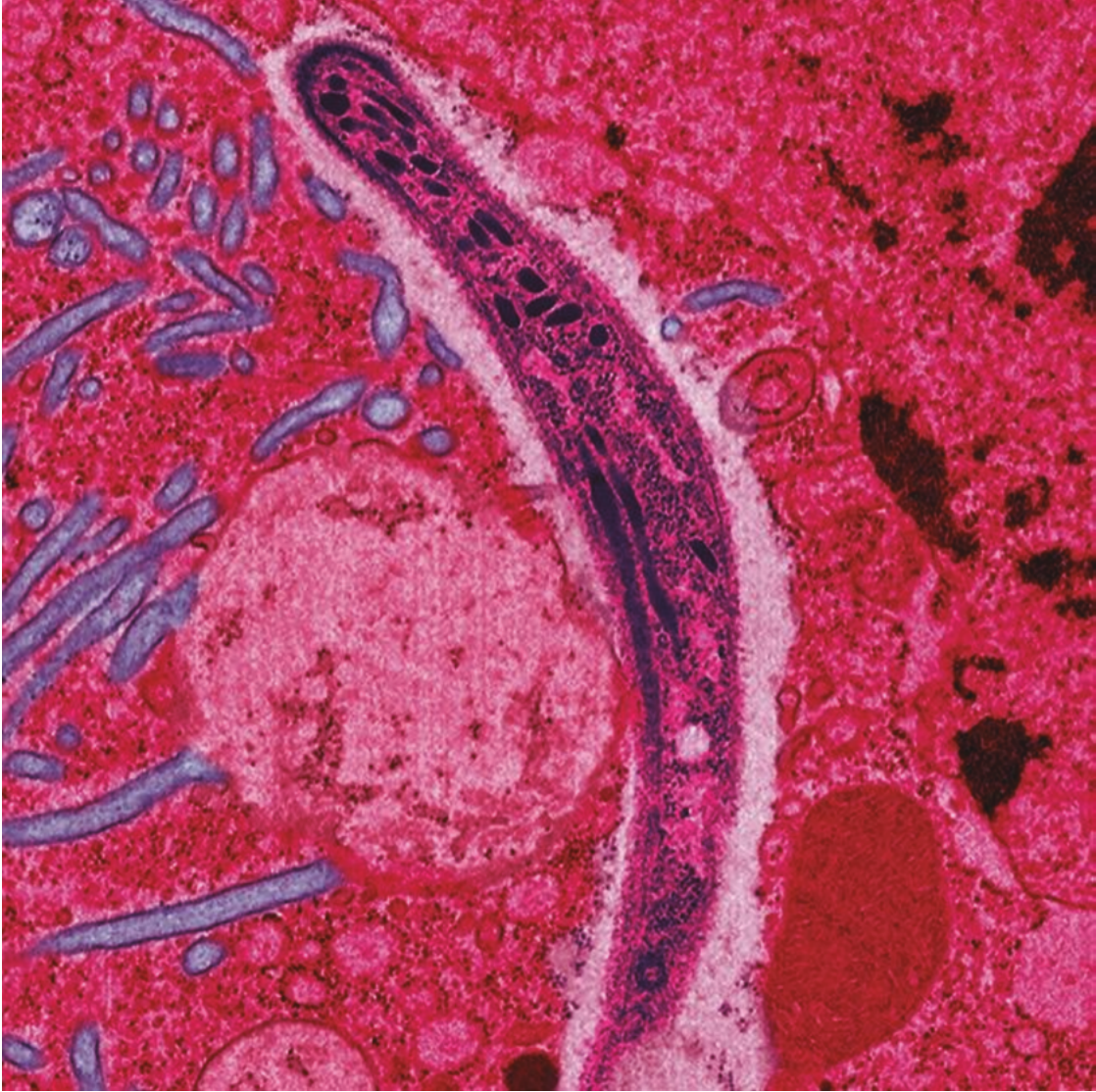
Produto à base de sulfa usado para tratamento de várias doenças infecciosas no início do século XX. Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos.

MALARIOTERAPIA

A técnica da malarioterapia consistia, segundo Accorsi (2015, p. 2), em tratar doentes acometidos pela paralisia geral progressiva (uma forma de sífilis do sistema nervoso) através da infecção malaríca, tendo sido considerado pelos profissionais da área da medicina mental um dos primeiros tratamentos somáticos eficazes.

Em 1917, o médico austríaco Wagner-Jauregg experimentou infectar portadores de sífilis terciária com o agente da malária. Ao colher o sangue de um soldado que havia contraído a malária na guerra dos Bálcãs, o médico inoculou nove pacientes com neurosífilis. Seis apresentaram melhora. O médico Wagner-Jauregg recebeu, em 1927, o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina por essa descoberta.

No Brasil, o médico alienista e neurologista Waldemiro Pires foi a maior referência técnica e científica no tratamento de malarioterapia.



Plasmodium falciparum. Universidade J. Hopkins.

ELIXIR DE NOGUEIRA

O Elixir de Nogueira, desenvolvido pelo Pharmaceutico João da Silva Silveira (1852-1900), ganhou renome como um depurativo do sangue, notavelmente eficaz contra a sífilis. Após concluir seu curso de Pharmacia em 1875, João da Silva Silveira fundou a Pharmacia Popular em Pelotas, Rio Grande do Sul, em 1876. Entre os diversos medicamentos produzidos, o Elixir de Nogueira destacou-se e foi comercializado em todo o Brasil e até na Europa, conquistando prêmios em exposições nacionais e internacionais. Após a morte de João da Silva Silveira em 1900, sua esposa e filhos assumiram o negócio, transferindo a produção do Elixir de Nogueira para o Rio de Janeiro em 1916, onde uma controversa fábrica foi construída na Rua da Glória, nº 62, pelo arquiteto italiano Antonio Virzi.



Santinho Elixir de Nogueira
Panfleto, frente e verso e cartaz. O material era distribuído para divulgação da garrafa de elixir.
Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos.

O Grande Depurativo do Sangue "ELIXIR DE NOGUEIRA"



JOÃO DA SILVA SILVEIRA
PHARMACEUTICO CHIMICO
(Autor da grande formula)

O Grande Depurativo do Sangue "ELIXIR DE NOGUEIRA", do Pharmaceutico e Chimico João da Silva Silveira, tem a sua marca registrada no Brasil e estrangeiro, a fim de evitar imitações e falsificações.

Licenciado em diversos Departamentos de Saude Publica Nacional e estrangeiros.

Premiado em diversas exposições, com medalhas de ouro, entre as quaes as de Chicago de 1893, Rio Grande do Sul 1901 e Nacional 1908 — Na Exposição Internacional de 1922 (Centenario do Brasil), recebeu a maior recompensa "HORS CONCOURS" — MEMBROS do JURY.

ESTE GRANDE REMEDIO E' PODEROSO PARA SYPHILIS E SUAS TERRIVEIS CONSEQUENCIAS!

MILHARES DE ATTESTADOS MEDICOS E DE PESSOAS CURADAS.

UNICO DE GRANDE CONSUMO.
TEM SEU ATTESTADO NA VOZ DO "POVO".



(Marca registrada)

Vende-se em todo o Brasil e Republicas Sul Americanas e em alguns paises da Europa.



Ampolas de bismuto. Caixa em madeira com tampo de vidro contendo ampolas em vidro de Phosphagyrio e Phosphobismol. Laboratório Gross S/A, 1942. Peça doada pelo Laboratório Gross para o acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos.



Spirobismol

Agulha para aplicação de bismuto. Cânula, agulha e mandril.

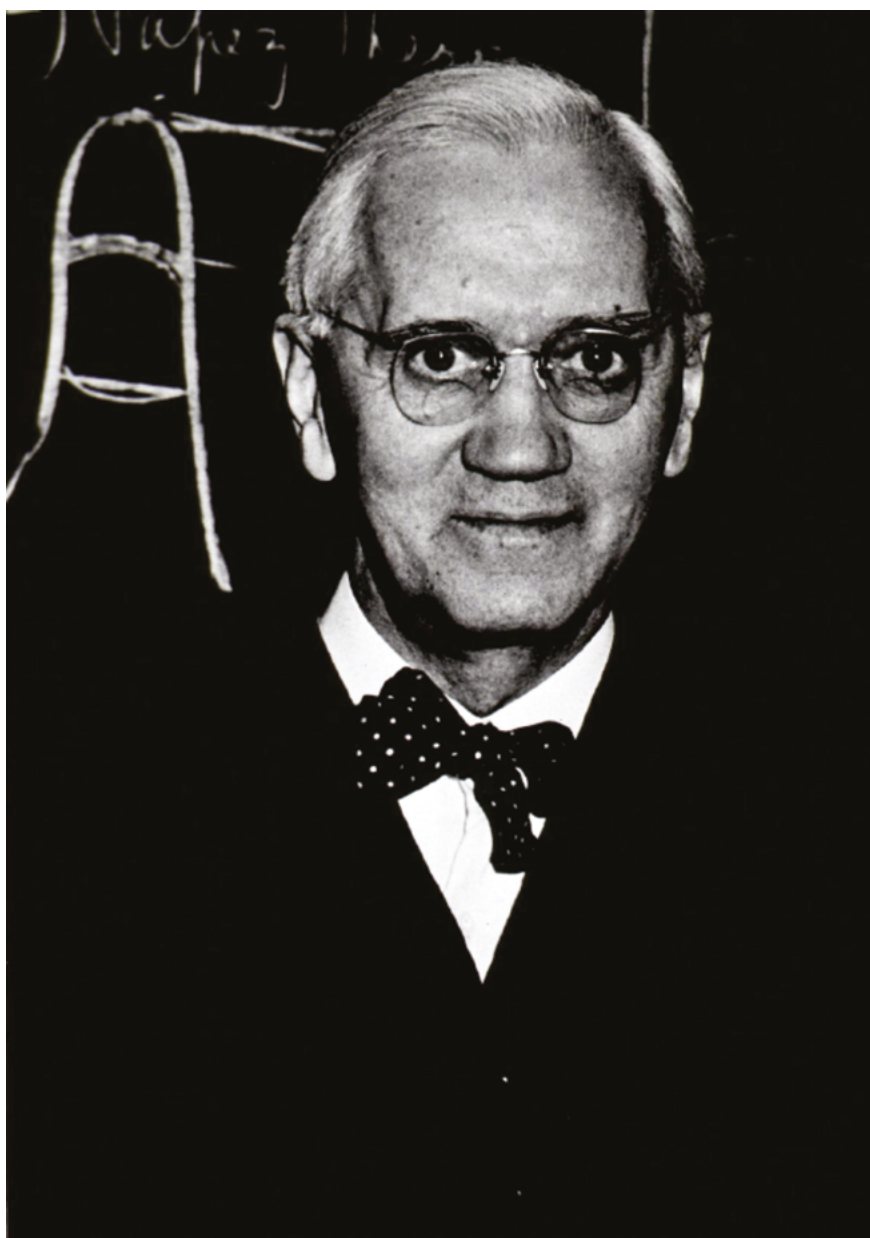
Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos.

PENICILINA

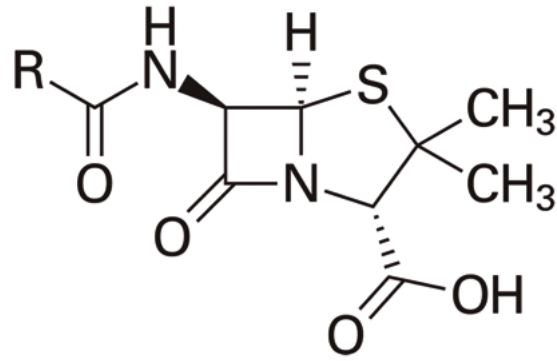
Em 1928, pesquisando substâncias capazes de combater bactérias em feridas, o cientista escocês Alexander Fleming, acidentalmente, descobriu a penicilina. Ao esquecer seu material de estudo quando saía de férias, as culturas de *Staphylococcus aureus* estavam com um bolor, que Fleming percebeu ser capaz de eliminar diversas bactérias.

Em 1943, a penicilina foi introduzida como um tratamento para a sífilis por John Mahoney, Richard Arnold e A. D. Harris.

Howard Walter Florey, Ernest Boris Chain e Norman Heatley foram os responsáveis por transformar a penicilina em medicamento, permitindo a produção industrial nos Estados Unidos no início da Segunda Guerra Mundial. Em 1945, Alexander Fleming, Howard Florey e Ernest Chain receberam juntos o Nobel de Medicina.



Alexander Fleming.



Estrutura molecular da penicilina, da bioquímica inglesa Dorothy Hodgkin.



Penicilina G

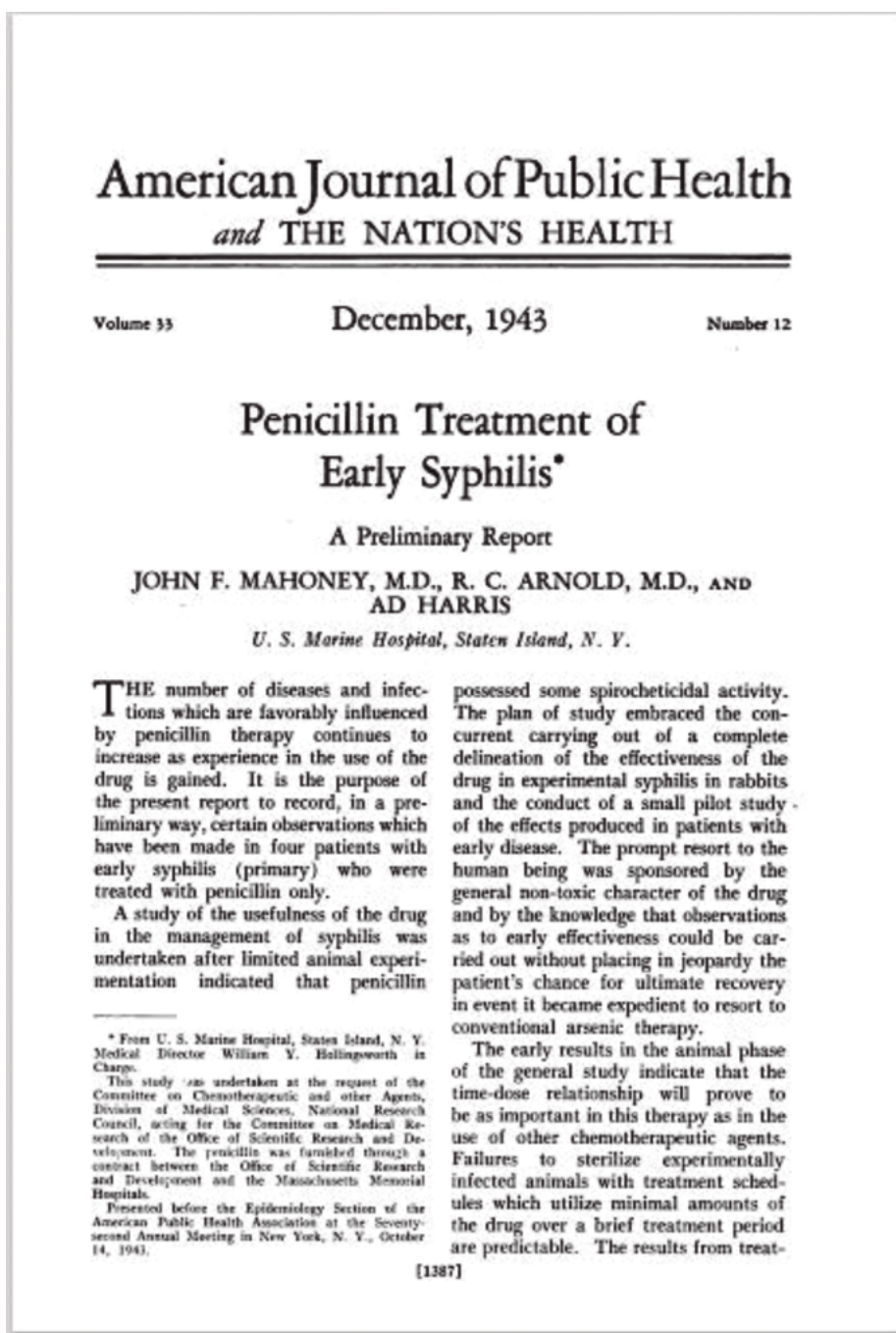
Caixa em papelão contendo seringa plástica e frasco de vidro de penicilina G em óleo e cera de abelha. E.R. Squibb & Sons. Nova York. C. 1940. Validade: 1º de setembro de 1949.

Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos, adquirido de Nilton Netto, farmacêutico e colecionador.

Este estudo foi realizado por John Mahoney, Richard Arnold e A.D. Harris a pedido do Comitê de Agentes Quimioterápicos e outros, Divisão de Ciências Médicas, Conselho Nacional de Pesquisa, atuando em nome do Comitê de Pesquisa Médica do Escritório de Pesquisa e Desenvolvimento Científico. A penicilina foi fornecida por meio de um contrato entre o Escritório de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e os Hospitais Memorial de Massachusetts.

É o resultado da primeira aplicação da penicilina como tratamento para a sífilis e foi apresentado à Seção de Epidemiologia da Associação de Saúde Pública Americana na 72ª Reunião Anual em Nova York, Estados Unidos, em 14 de outubro de 1943.

Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1527687/>.



Propaganda "Luetyl: Elixir-Depurativo"

Revista CARETA. n. 750, ano 15, 1922.

LUETYL

é o melhor remedio para o tratamento de todas as enfermidades provenientes das impurezas do sangue e da syphilis.

PODEROSO FORTIFICANTE

Um só vidro fortalece e augmenta o peso de 1 a 3 kilos e as vezes mais.

❀

Um especifico adoptado nos hospitaes do Exercito e da Marinha depois de Officialmente, estudado e experimentado, ficando provado o seu incomparavel valor.

❀

Um vidro de LUETYL vale por cinco ou dez de qualquer outro. Experimente.

❀

Umico receltado pelos especialistas para tratamento e diagnostico da syphilis, por ser de effeito muito rapido e absolutamente inoffensivo a qualquer organismo.

❀

Tomando um vidro de Luetyl e não sentindo melhora, não de verá tomar outro, porque não sentindo melhora alguma, o que sofre não é devido a syphilis ou sangue impuro.




Propaganda "Luetyl: Elixir-Depurativo, Terror da Sífilis"

Almanaque CAPIVARO, p. 17, ano 23, 1942.

Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos, adquirido de Nilton Netto, farmacêutico e colecionador.



Informe "Tayupira"
 Pharmacia Silva Araújo,
 1920-1938.
 Acervo pessoal de Mauro Romero
 Leal Passos, adquirido de Nilton
 Netto, farmacêutico e colecionador.



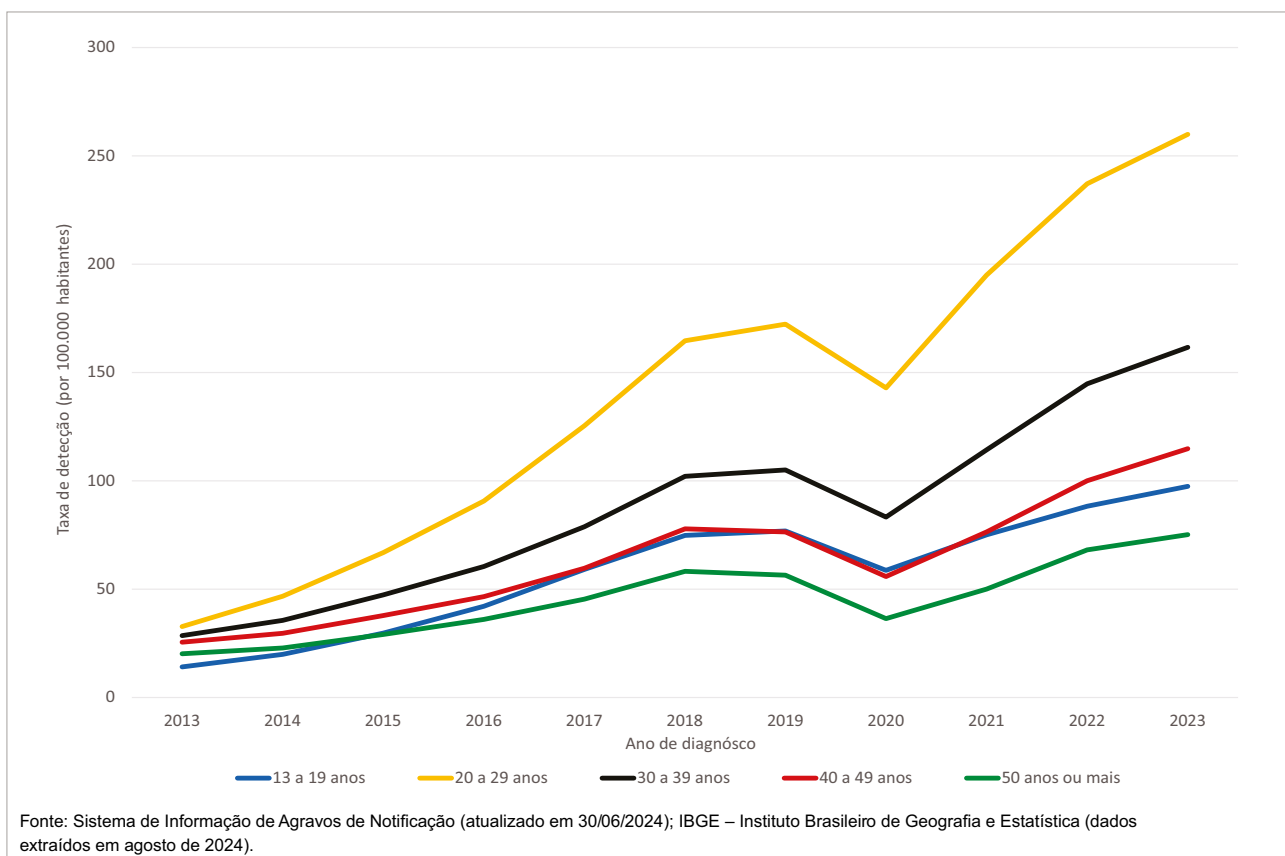
**Santinho Elixir Tapajós – O Único
 Depurativo Indígena**
 1920-1938.
 Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos,
 adquirido de Nilton Netto, farmacêutico e colecionador.

ATTITUDES / *HABITUS*

SÍFILIS ADQUIRIDA AUMENTA

O gráfico abaixo mostra o aumento da sífilis, há décadas, em todas as idades. Então, as atitudes não devem ser únicas. Cada grupo de pessoas possui percepções diferentes sobre a sexualidade e os riscos.*

Para Janie Steckenrider é equívoco pensar que os adultos mais velhos não correm risco de doenças sexualmente transmissíveis. A taxa de IST entre aqueles com 55 anos ou mais tem aumentado consistentemente e mais que dobrado na última década. Nos Estados Unidos a prevalência de gonorreia entre idosos aumentou de 3,5 casos por 100.000 pessoas, em 2010, para 17,2 por 100.000, em 2020; a sífilis e a clamídia estão seguindo padrões semelhantes. Aumentos similares são evidentes em outros lugares. Embora nos quatro anos até 2023 o número de novas infecções por sífilis entre jovens adultos na Inglaterra tenha caído ligeiramente, os casos entre aqueles com mais de 65 anos cresceram 31%.**



*Boletim Epidemiológico. Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis, Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente, Ministério da Saúde do Brasil. Número Especial, Outubro de 2024. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2024/boletim_sifilis_2024_e.pdf/view-Acesso em: 11 jan. 2025.

**Steckenrider, Janie. Sexual activity of older adults: let's talk about it. The Lancet. Volume 4, Edição 3 e96-e97 Março de 2023. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanhl/article/PIIS2666-7568\(23\)00003-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanhl/article/PIIS2666-7568(23)00003-X/fulltext) – Acesso em: 12 jan. 2025.

CÍRCULO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO SEXUAL

O Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES) foi uma entidade de características filantrópicas criada em 1933 com o objetivo de “promover uma reforma sobre a educação/cultura sexual da população brasileira, de forma a instruir cuidados com a higiene dos corpos, da raça e sobretudo da moral da população brasileira (Felicio, 2011). As ações eram voltadas a difundir as discussões sobre educação sexual por meio de jornais, boletins, livros, programas de rádio, palestras, aulas públicas, além da realização de atendimento sexológico em consultórios e institucionalização da andrologia, entre outros. O grupo organizou a Semana de Educação Sexual, no Rio de Janeiro (1934), e a Semana Paulista de Educação Sexual (1935), além de representar o Brasil no Congresso Internacional contra o Perigo Venéreo, em Haia (1936). Faziam parte do CBES médicos, advogados, jornalistas, professores, pedagogos, editores, sociólogos e demais profissionais. O principal nome desta entidade foi o médico brasileiro e autoproclamado sexólogo José de Oliveira Pereira de Albuquerque.

O CBES apoiou a criação do Dia Antivenéreo, ideia do presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental, Ernani Lopes, e instituiu o Dia do Sexo em 20 de novembro de 1935.



Revista da Semana, 4 de dezembro de 1937, Ano 1937, Edição 00052.

Fonte: Carrara, Sérgio. Tributo a vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996. E-book. DOI 10.7476/9788575412817

Felicio, L. A. (2011). Um projeto de Educação sexual para o Brasil: o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (1933 -1945). Anais. XXVI Simpósio Nacional de História. ANPUH: São Paulo.

Circulo Brasileiro de Educação Sexual



Flagrante photographico colhido por ocasião da visita dos alunos da Escola Prática de Polícia do Distrito Federal à Pinacotheca de Educação Sexual, quando o dr. José de Albuquerque explicava a significação dos quadros.

Revista da Semana, 28 de dezembro de 1935.

Circulo Brasileiro de Educação Sexual



Flagrante photographico colhido no cinema Broadway por ocasião da inauguração do primeiro film brasileiro sobre educação sexual, organizado sob a orientação directa do dr. José de Albuquerque, presidente do "Circulo Brasileiro de Educação Sexual" e destinado a ser exhibido gratuitamente em todo o territorio nacional.

Revista da Semana, 15 de julho de 1935.

SERVIÇO NACIONAL DE EDUCAÇÃO SANITÁRIA

Em 1941 foi criado o Serviço Nacional de Educação Sanitária (SNES) como parte da reforma sanitária conduzida pelo então ministro Gustavo Capanema, do Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP). O SNES tinha como responsabilidade a elaboração de atividades destinadas à educação em saúde, como produção e divulgação de folhetos, livros e catálogos, atividades nas escolas, programas de rádio, entre outras atividades.

As ações de Educação Sanitária foram conduzidas pelo MESP até a criação do Ministério da Saúde, em 1953, o que separou as pastas da Saúde e da Educação.

Desse período, podemos ver cartilhas ilustradas do cartunista Luiz Sá, muito conhecido pela criação dos personagens Reco-Reco, Bolão e Azeitona, da histórica revista infantil *O Tico-Tico*.



A sífilis é uma doença curável. MES – Ministério da Educação e Saúde / DNS – Departamento Nacional de Saúde / SNES – Serviço Nacional de Educação Sanitária. Brasil. Cartaz, Português, cor, imp. gráfico, s.d. Coleção de Cartazes de Campanha de Saúde: DST. Acervo Museu de Saúde Pública Emílio Ribas – Instituto Butantan.

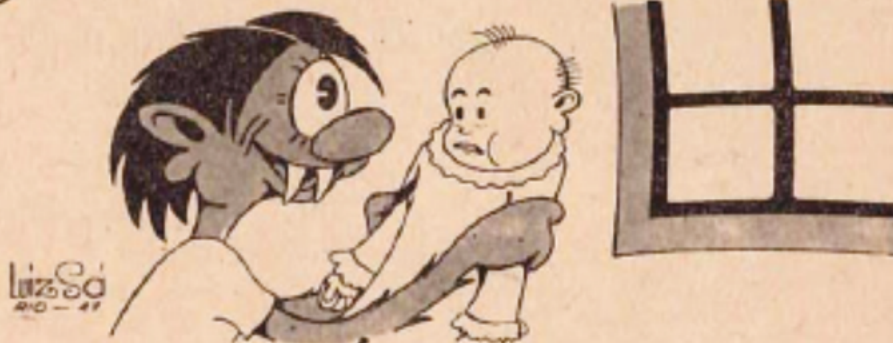
**A SÍFILIS não descansa:
Passa da MÃE à CRIANÇA
Na fase da GRAVIDEZ.**



Trate seu SANGUE, 'Madame':



Fuja ao remorso e ao vexame



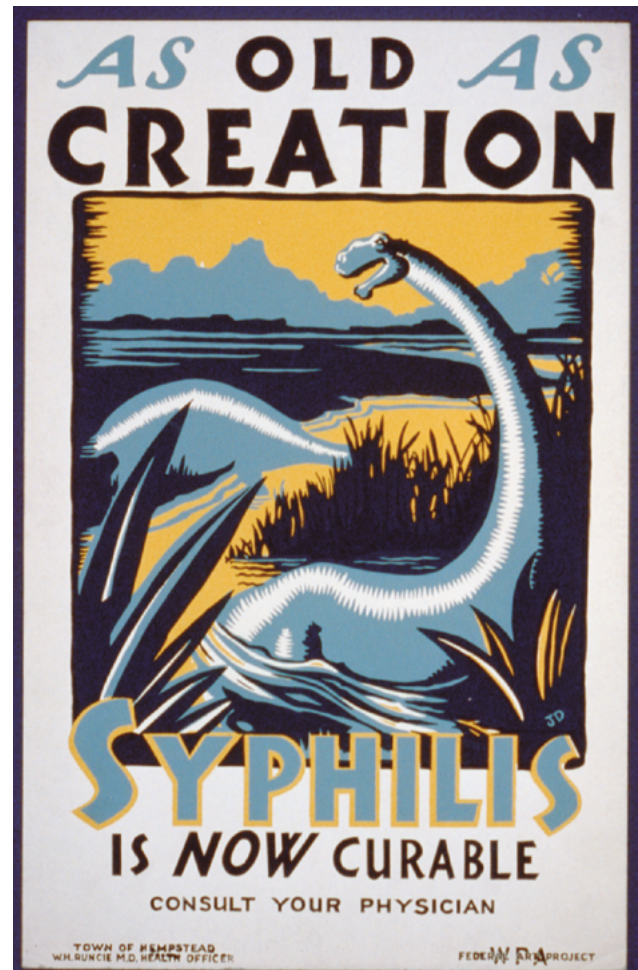
De TRANSMITÍ-LA aos bebês.

Sífilis. Serviço Nacional de Educação Sanitária do Ministério da Saúde. Composto e impresso nas oficinas do serviço gráfico do IBGE. Ilustração Luiz Sá, Rio de Janeiro, 1947. Distribuição gratuita, D.F. Imp. gráfico, pb, papel, 1957. Acervo do Museu de Saúde Pública Emílio Ribas – Instituto Butantan.

FEDERAL ART PROJECT

Cartazes criados por meio do Federal Art Project (1935-1943), programa da New Deal (implementado por Franklin Roosevelt visando recuperar e reformar a economia estadunidense) para financiar as artes visuais nos Estados Unidos, patrocinado pela Works Progress Administration (WPA). Nesse período, foi realizado um enorme investimento na contratação de artistas, que produziram cartazes, murais em hospitais, esculturas e tantas outras ações para diversos temas, incluindo a saúde pública. Para os cartazes, os artistas utilizavam a tipografia como um elemento de design combinado com a serigrafia, novo método de produção que permitiu a disseminação desse tipo de arte associada à informação em saúde. Esse estilo de arte, com grande referência na produção europeia, marcou época e inspirou outros países nesse tipo de produção de cartazes para a saúde, inclusive no Brasil. Muitos foram produzidos para promover ações contra a sífilis.

As imagens são do acervo da biblioteca do Congresso estadunidense.



DEPARTMENT OF CORRECTION-CITY OF NEW YORK

DON'T WAIT

70% ARE DOOMED
 IF TREATMENT OF SYPHILIS
 IS DELAYED FOR 3 YEARS
 AFTER THE DISEASE IS
 CONTRACTED

CONSULT A REPUTABLE PHYSICIAN

FIND SYPHILIS

HELP EMPLOYEES GET BLOOD TESTS

MADE BY LINDSEY WEA ART PROJECT CHICAGO

**Their Health Depends
 on you**

**Destroy
 SYPHILIS**

COOPERATE WITH YOUR LOCAL HEALTH AGENCY.

C.Y. BIERYERU WPA WAR SERVICES OF LA

**CONGENITAL SYPHILIS
 IS PREVENTABLE**

IF SYPHILITIC MOTHERS WILL TAKE
 ADEQUATE TREATMENT DURING THE
 LAST FIVE MONTHS OF PREGNANCY

NEW YORK STATE DEPARTMENT OF HEALTH

MADE BY WORKS PROGRESS ADMINISTRATION - FEDERAL ART PROJECT NYC

CORKY

Em 1942, foi publicado, nos Estados Unidos, um pequeno livro ilustrado como parte dos esforços da Cruzada Contra a Tuberculose para conscientizar a população, explicando as causas, o diagnóstico e o tratamento da doença. *Huber the Tuber, a Story of Tuberculosis* foi concebido, desenhado e escrito para a National Tuberculosis Association, em 1943, pelo dr. Harry Wilmer (1917-2005).

Alguns anos depois, Wilmer criou um volume complementar, *Corky the Killer, a Story of Syphilis*, para a *American Social Hygiene Association*. A revista *Time* descreveu Corky como “uma mistura ligeiramente obscena de fato e fantasia que busca, por meio de desenhos animados e diálogos de histórias em quadrinhos, contar sobre a espiroqueta da sífilis e como ela funciona”. Na história, Corky é um vilão de 1/3.000 de polegada de altura e um corpo em saca-rolhas. Ele é o líder de um bando de sabotadores sífilíticos, que foge das “balas mágicas” (a droga Salvarsan, desenvolvida por Paul Ehrlich e usada para o tratamento da sífilis antes do uso da penicilina).

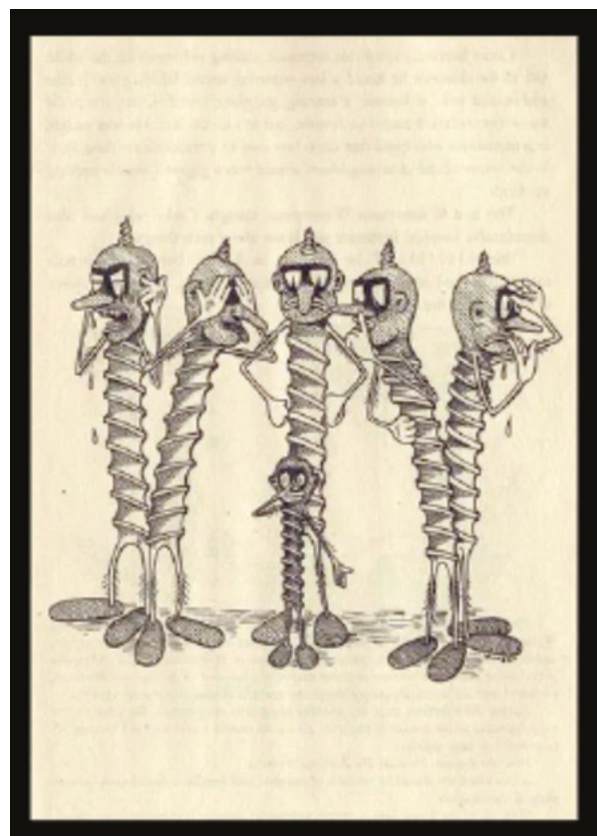
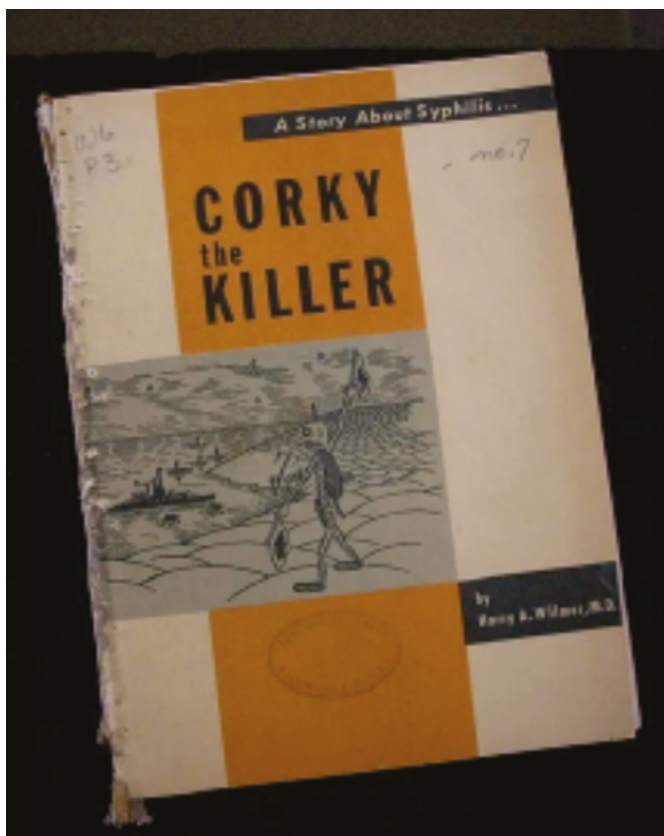
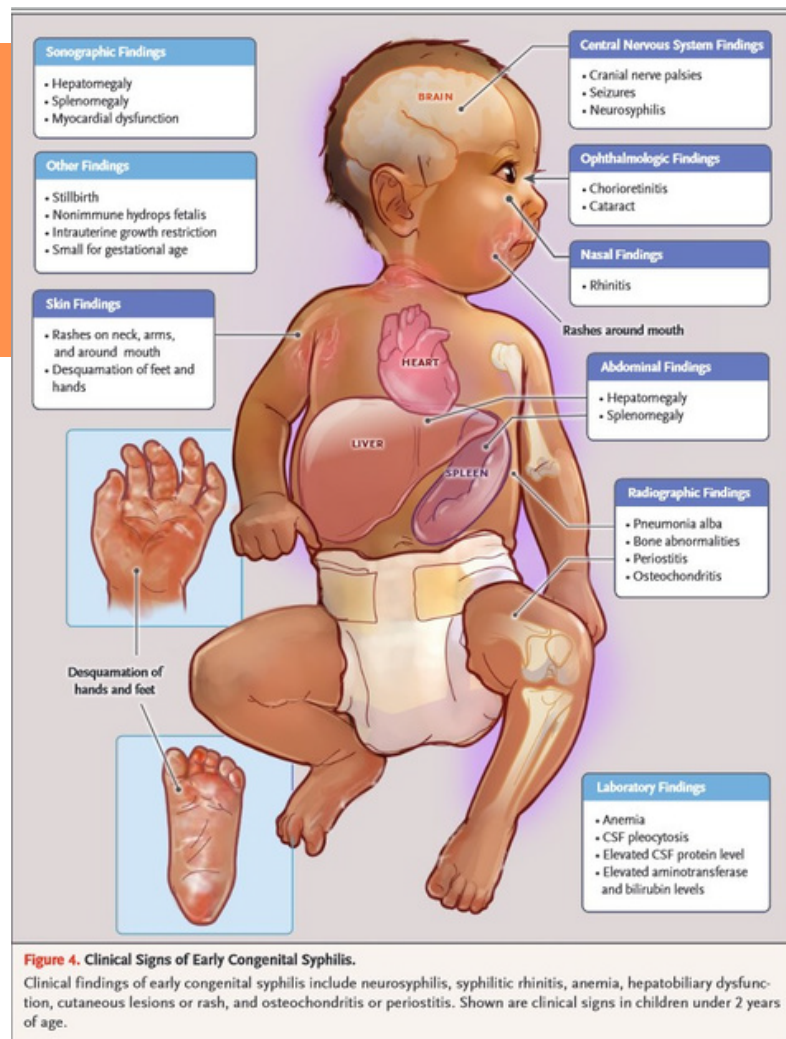


ILUSTRAÇÃO MÉDICA

A ilustração médica é uma disciplina que une arte e ciência para representar, com exatidão e clareza, as estruturas, os processos e as patologias do corpo humano. Desde os tempos de Andreas Vesalius, cuja obra *De humani corporis fabrica* (1543) revolucionou a anatomia ao integrar rigor científico e detalhamento visual, a imagem tornou-se ferramenta essencial na formação e prática da medicina. No início do século XX, Max Brödel consolidou o campo ao fundar o primeiro programa formal de treinamento em ilustração médica na Johns Hopkins School of Medicine, nos Estados Unidos. A partir de então, surgiram escolas especializadas e uma comunidade profissional dedicada a essa linguagem visual. Entre as inúmeras doenças retratadas ao longo dos séculos, a sífilis ocupa lugar central, sendo registrada em manuais médicos, atlas dermatológicos e tratados venereológicos. As ilustrações revelavam as manifestações clínicas da infecção — desde as lesões iniciais até os efeitos devastadores em estágios avançados — e serviam tanto para diagnóstico quanto para ensino. O ilustrador médico, nesse contexto, é um especialista que domina técnicas artísticas e conhecimentos aprofundados da anatomia, fisiologia e patologia. Seu trabalho não é apenas técnico: exige sensibilidade, ética e um profundo compromisso com a comunicação do saber. Em um mundo saturado de imagens, a ilustração médica preserva a função de tornar o corpo visível com precisão, respeito e acessibilidade.



Ilustração médica sobre os possíveis sinais clínicos de uma sífilis congênita, publicada no artigo “Syphilis Complicating Pregnancy and Congenital Syphilis”, de Irene A Stafford, Kimberly A Workowski e Laura H Bachmann, no *The New England Journal of Medicine*, 390(3),242-253. <https://doi.org/10.1056/NEJMra2202762>





Lesões sífilíticas na face de um homem

Autor: Christopher D' Alton, 1874.

Coleção Wellcome

Fonte:

https://www.sciencemuseum.org.uk/sites/default/files/styles/smg_carousel_zoom/public/2023-11/s3___eu-west-1_dlcs-storage_2_8_V0009903.jpg

O ilustrador médico, nesse contexto, é um especialista que domina técnicas artísticas e conhecimentos aprofundados da anatomia, fisiologia e patologia. Seu trabalho não é apenas técnico: exige sensibilidade, ética e um profundo compromisso com a comunicação do saber. Em um mundo saturado de imagens, a ilustração médica preserva a função de tornar o corpo visível com precisão, respeito e acessibilidade.

MERKIN

A peruca pubiana, conhecida como *merkin*, é um objeto inicialmente utilizado por profissionais do sexo no século XV para cobrir sinais da sífilis e de outras ISTs, ou simplesmente por motivos de higiene após a raspagem dos pelos púbicos. A série de livros *Oxford Companion To The Body* menciona o termo em 1450. No século XX, reapareceu nos bastidores do cinema e da publicidade, ora para atender a exigências estéticas, ora para respeitar normas de censura, mantendo o corpo erótico à vista, mas não completamente exposto.

Fontes:

- BLEVINS, Melissa.

“The curious case of merkins”, no blogue ‘Today I found out’. novembro de 2017. Disponível em: <https://www.todayifoundout.com/index.php/2017/11/curious-case-merkins-aka-vagina-wig/>

- The Guardian. Shortcuts, 26 Jun 2003.

Disponível em: (<https://www.theguardian.com/theguardian/2003/jun/26/features11.g2>)



A imagem, embora com aparência de fotografia vitoriana autêntica, é uma criação contemporânea do fotógrafo e artista Stephen Berkman e parte de seu projeto “Predicting the Past – Zohar Studios: The Lost Years”, no qual inventa um estúdio fotográfico fictício do século XIX. A figura do vendedor de *merkings* — perucas pubianas historicamente usadas para cobrir lesões venéreas ou como adorno — é uma sátira visual que mistura precisão histórica, ironia e crítica cultural. Com o lema “Serving the discerning pudendum since 1827”, a imagem parodia a formalidade da época, enquanto resgata a existência real desses artefatos ligados ao controle, ao estigma e à representação dos corpos na história das infecções sexualmente transmissíveis.

Sobre o artista, consulte: <https://www.thecjm.org/exhibitions/106> e

<https://lightresearch.net/interviews/berkman.html>



DST IN RIO – 1996

O evento reuniu mais de 1.000 participantes para debater o tema das Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS, sendo organizado pela Sociedade Brasileira de DST e o Setor de DST da Universidade Federal Fluminense, com apoio dos Programas Municipal, Estadual e Nacional de DST/AIS, CNPQ, CAPES e organizações não governamentais, como a UNIMED. Além da apresentação de pôsteres e as mesas-redondas, foi realizado um Concurso de Qualificação em DST.

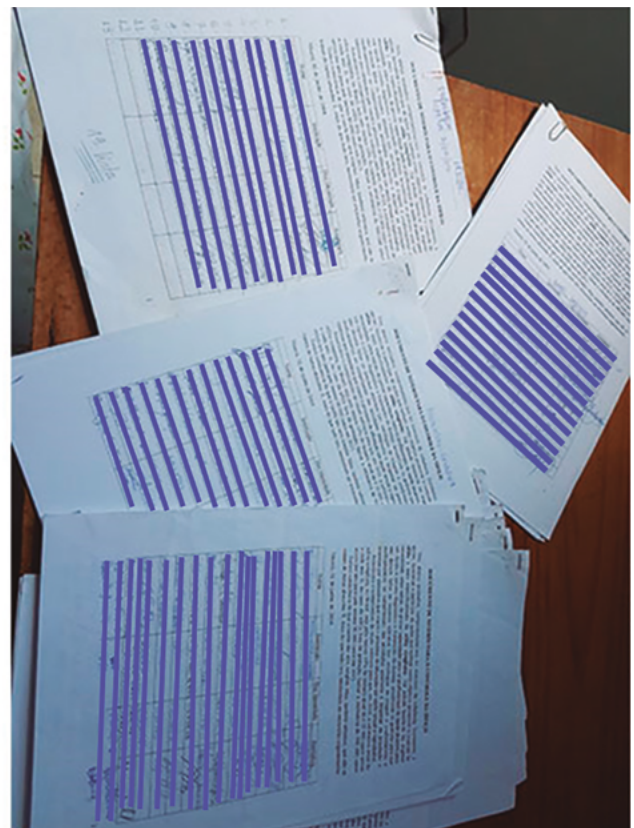
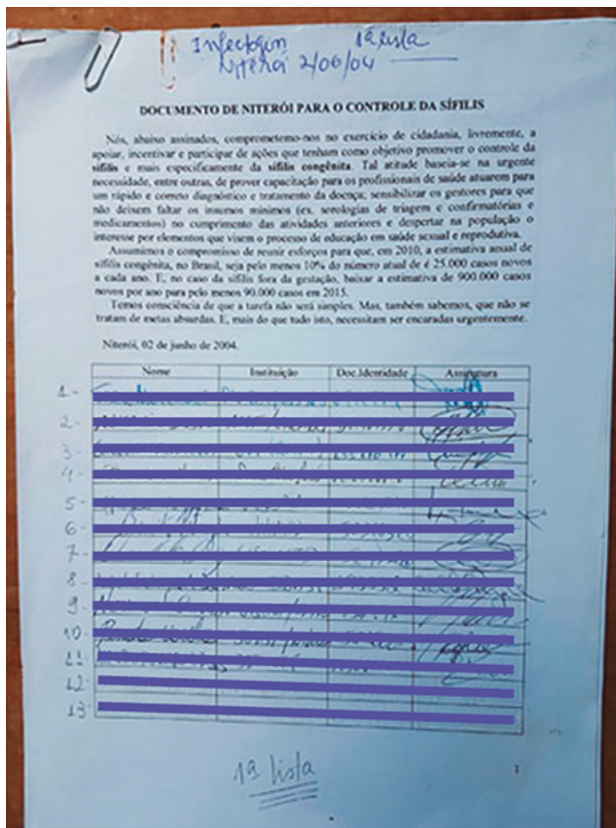


Cartaz do Congresso DST In Rio e do primeiro Congresso Brasileiro de DST, realizado nos dias 24 a 26 de setembro de 1996, no Hotel Glória, Rio de Janeiro. Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos.

DIA NACIONAL DE COMBATE À SÍFILIS E À SÍFILIS CONGÊNITA

Em 9 de março de 2017 foi realizada uma sessão extraordinária do Senado Federal instituindo o Dia Nacional de Combate à Sífilis e à Sífilis Congênita no terceiro sábado de outubro. A data foi determinada pela Lei nº 13.430, de 31 de março de 2017. Todos os anos, governos municipais, estaduais e o governo federal realizam ações de conscientização sobre a sífilis, principalmente a sífilis congênita.

Esta iniciativa surgiu a partir de um abaixo-assinado na Associação Médica Fluminense, entregue ao então deputado federal Chico D'Ângelo, que o apresentou à Câmara dos Deputados como Projeto de Lei. Até onde sabemos, o Brasil é o único país que tem lei exclusiva para combate à sífilis. Abaixo, a primeira identidade visual usada para divulgar a data.



Primeira página da lista de abaixo-assinado que deu origem ao Projeto de Lei do Dia Nacional de Combate à Sífilis e à Sífilis Congênita. Esse documento culminou com aprovações na Câmara dos Deputados e no Senado, sendo em seguida sancionado pelo presidente da República. Foto e acervo de Mauro Romero Leal Passos.



Fotos com os participantes da caminhada na Praia de Icaraí, Niterói, RJ, uma das atividades realizadas para a Semana de Combate à Sífilis e à Sífilis Congênita, em 2007. Acervo Mauro Romero Leal Passos.

WORLD DAY TO FIGHT AGAINST SYPHILIS AND CONGENITAL SYPHILIS: LET'S ELIMINATE THEM?

Estamos em campanha para fortalecer a discussão sobre o combate à sífilis não só no Brasil, mas em todo o mundo. Assim como trabalhamos para que tivéssemos um dia nacional que possibilitasse campanhas, debates e visibilidade a esta luta, iniciamos esse abaixo-assinado para que tenhamos um DIA MUNDIAL DE COMBATE À SÍFILIS E À SÍFILIS CONGÊNITA. Quando temos um Dia Mundial em referência a uma determinada causa, a visibilidade do problema atinge um número significativo maior de pessoas de diversos segmentos da sociedade. Acesse este *QR Code* e nos ajude a sensibilizar a OMS para a criação desta data.



CALENDÁRIO COM TEMA DA SÍFILIS

O calendário “Sífilis: a grande imitadora – a história da sífilis” é um projeto desenvolvido pelo professor Mauro Romero Leal Passos, com a datação indicando fatos e personagens de âmbito mundial que envolvem estudos sobre a sífilis. Foram selecionados 68 fatos e personagens de âmbito mundial, sendo vários brasileiros.

O calendário teve o apoio de diversas instituições, como FUNPEC, LAIS, Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, projeto Sífilis Não, Ministério da Saúde, SBDST, DST UFF, Associação Médica Fluminense, SOPERJ, SBDFL, Jornal Brasileiro de DST, SIERJ, entre outros.

Em 2024 realizamos a 2ª edição, com atualização do calendário incorporando novos fatos.

Acesse o calendário: <https://calendario.sifilisnao.com.br/eventos/ms/2024-01/>

Leia o artigo sobre a produção do calendário: <https://www.bjstd.org/revista/article/view/1136/1036>

Hoje 1 de janeiro em diante

janeiro 2024

JAN
17
2024

MARÇO – Dia 17

Demolição, em 1970, do prédio (tipo *art nouveau*) da fábrica do Elixir de Nogueira (Rio de Janeiro), famoso produto usado no Brasil para tratamento da sífilis
[Ler mais >>](#)

março 2024

MAR
31
2024

MARÇO – Dia 31

Guernigênita, o horror da sífilis congênita no Brasil. É uma Guernica brasileira? Obra exposta de Mauro Romero na exposição sobre sífilis na Associação Médica Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.
[Ler mais >>](#)

setembro 2024

SET
21
2024

SETEMBRO – Dia 21

Óleo sobre tela de Airá o Crespo e Mauro Romero: releitura releitura da obra Herança de Edvard Munch sobre mãe e seu filho com sífilis congênita.
[Ler mais >>](#)

outubro 2024

OUT
25
2024

OUTUBRO – Dia 25

Inauguração da exposição: Precisamos Falar Mais sobre Sífilis, sem Preconceitos, Associação Médica Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.
[Ler mais >>](#)

novembro 2024

NOV
11
2024

NOVEMBRO – Dia 11

Lançamento da série “A Inglesa” no Amazon Prime Vídeo. Fala sobre memórias de pessoa atormentada por passado envolvendo a sífilis.
[Ler mais >>](#)

dezembro 2024

DEZ
15
2024

DEZEMBRO – Dia 15

Prêmio Caio 23ª edição, considerado o Oscar dos Eventos no Brasil, como a melhor exposição: Sífilis, História, Ciência, Arte (realizada no Paço Imperial, Rio de Janeiro) de 2022.
[Ler mais >>](#)

SÍFILIS: HISTÓRIA, CIÊNCIA, ARTE

A exposição “Precisamos Falar mais Sobre Sífilis, sem Preconceitos!” é, digamos, uma extensão da exposição “Sífilis: História, Ciência, Arte” realizada entre os dias 17 de outubro de 2021 e 20 de fevereiro de 2022, no Centro Cultural do Patrimônio Paço Imperial, Centro do Rio de Janeiro. Aquela exposição foi fruto do trabalho incansável do professor Mauro Romero Leal Passos, curador emérito, e de servidores do Ministério da Saúde, professores e pesquisadores, escritores, colecionadores e grandes parceiros. Uma exposição histórica, agraciada com o Prêmio Caio 23ª edição, considerado o Oscar dos Eventos no Brasil, como a melhor exposição de 2022.



Prêmio Caio 2022, Jacaré de Ouro.



Acesse a mostra virtual e o catálogo da exposição ocorrida no Paço Imperial:
Disponível em: <http://exposifilis.aids.gov.br/>





Exposição "Sífilis: História, Ciência, Arte", realizada entre os dias 17 de outubro de 2021 e 20 de fevereiro de 2022, no Centro Cultural do Patrimônio Paço Imperial, Praça XV, Centro, Rio de Janeiro, RJ.

PRECISAMOS FALAR MAIS SOBRE SÍFILIS, SEM PRECONCEITOS!



Banco Treponema, produzido em 2021. Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos.

A exposição permitiu a visita de estudantes de escolas públicas em Niterói, com o objetivo de despertar o interesse dos jovens por temas como saúde, arte e história. Ao final da apresentação, um aluno segurou os braços do curador, expressando: “Doutor, quero fazer o mesmo que você está fazendo. Obrigado. Vou levar este dia para o resto da minha vida”. Este episódio ilustra o impacto positivo da exposição, inspirando os alunos a explorar novos horizontes e construir um futuro enriquecido pelo contato com a informação e a arte.

SYPHILIS SIVE MORBUS PERPETUA ■ UNUS CATALOGUE





Nessa parede, encontramos mensagens inspiradoras sobre o impacto da exposição “Precisamos Falar mais sobre Sífilis, sem Preconceitos!”, deixadas por uma diversidade de pessoas, incluindo estudantes do ensino médio, universitários, pesquisadores, cidadãos, médicos e outros profissionais de saúde. Além disso, alguns talentosos músicos adicionaram uma camada extra de arte ao tocar neste piano.

A exposição foi realizada na Associação Médica Fluminense (AMF), Niterói, RJ.



ITINERÂNCIA

Em outubro de 2023, o Congresso Internacional da Sociedade Brasileira de Doenças Sexualmente Transmissíveis recebeu a itinerância da exposição “Precisamos Falar mais sobre Sífilis, sem Preconceitos!”, com a curadoria de Mauro Romero Leal Passos. Apresentando um formato mais simples, a proposta era mostrar o trabalho de memória e arte por meio de reproduções dos quadros e a exibição de parte do acervo da exposição. Alunos, profissionais de saúde, gestores e trabalhadores visitaram o estande organizado pela Sociedade Brasileira de DST nos quatro dias de eventos e puderam conhecer um pouco mais da exposição.

O formato produzido permitirá uma adaptação simples a qualquer espaço pelo Brasil, o que possibilitará uma disseminação do conhecimento para que a discussão sobre a sífilis, no Brasil e no mundo, possa ser ampliada e acessível.



Fotos da exposição de Florianópolis, 2023.

No período de 7-9 de agosto de 2024, a exposição “Precisamos Falar mais sobre Sífilis, sem Preconceitos!” aconteceu no Congresso IX INFECTO RIO 2024, Hotel Windsor Marapendi, Rio de Janeiro, RJ, promovido pela Sociedade Brasileira de Infectologia, Regional Rio de Janeiro. Foi um evento científico com mais de 800 participantes.

Atualmente, há um material mais simples que permite a realização de uma exposição sobre sífilis e arte em espaços como universidades, Unidades Básicas de Saúde, maternidades, espaços públicos, entre outros. Caso você tenha interesse, entre em contato por e-mail e envie o seu pedido para mau-rodst@gmail.com



Infecto Rio, SIERJ 2024.
Acervo pessoal de Mauro Romero Leal Passos.

Além de CONHECIMENTOS sobre um tema, temos que ter HABILIDADES para lidar com as várias situações. E mais, há de ter ATITUDES para transformar a situação.

Há décadas estamos fazendo coisas iguais, esperando resultados diferentes.

Só falar para a população ou para os profissionais de saúde e de educação não basta. A investigação de cada caso para descobrir, entender e corrigir as oportunidades perdidas nos pré-natais é fundamental. E isso TEM que começar com estudo, auditando as Fichas de Notificação de casos de sífilis congênita e de sífilis em gestantes, pelo menos.

Falamos isso há décadas. É uma das primeiras atitudes a serem tomadas. Junto, ainda cabem, por outras equipes, auditorias nos testes laboratoriais empregados. São outras fontes falhas. Até porque os testes não treponêmicos (VDRL, RPR) são observador-dependentes, e diferentes marcas podem expressar diferentes resultados (titulações). Com isso, o profissional que atende ao paciente pode ter uma interpretação equivocada.

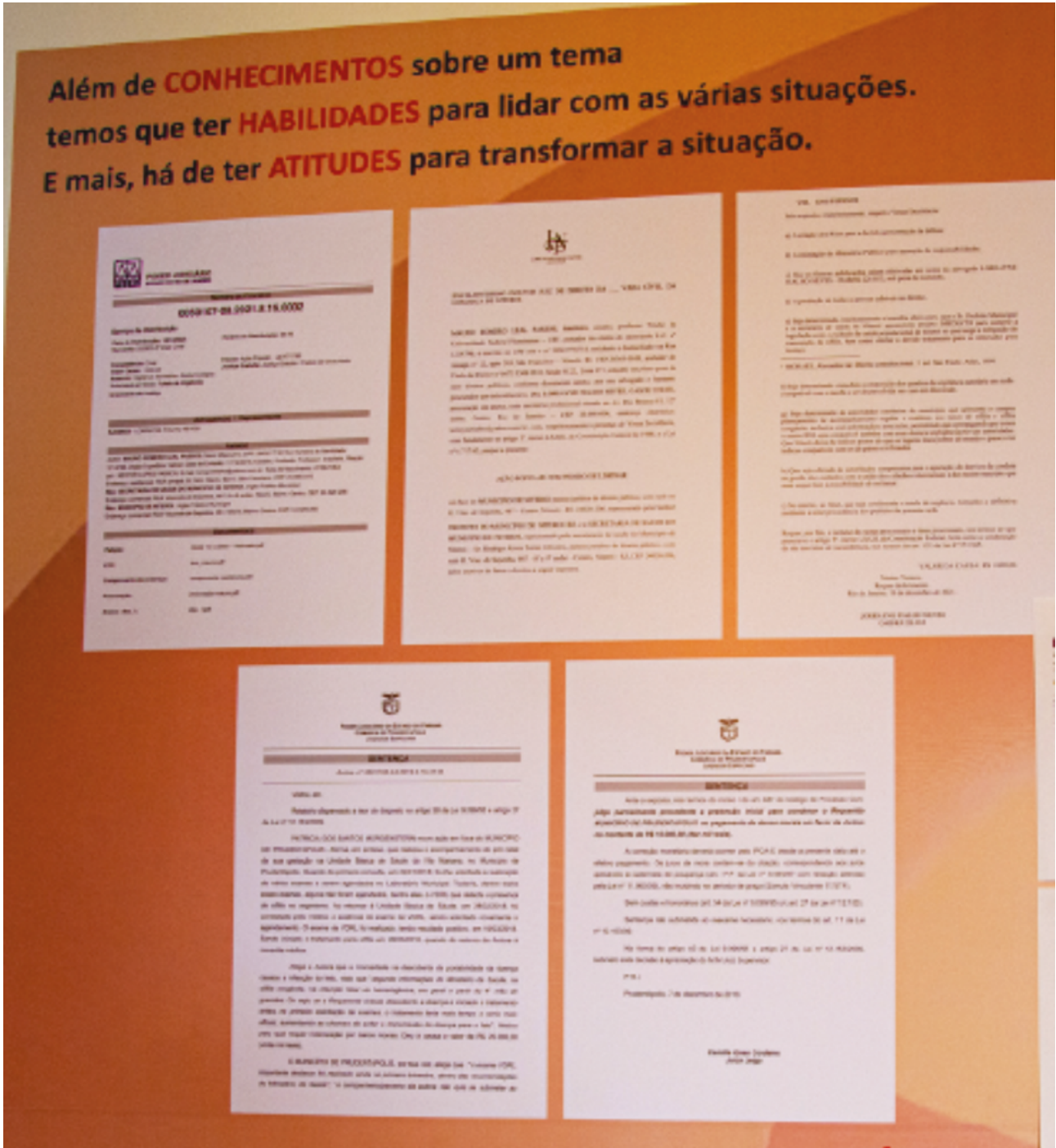
Como dito no início, coisas iguais dificilmente dão resultados diferentes.

Em 19 de junho de 2019, os advogados Edson Alsivi Neves e Plínio Lacerda entregaram documento ao Coordenador de Apoio às Promotorias de Justiça do Consumidor da Capital, Sidney Rosa da Silva Junior, na sede do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPRJ). Tal documento fez parte do inquérito civil MPRJ 201600964072 – IC 61 / 16 instaurado para apurar acerca das ações do poder público no diagnóstico e tratamento da sífilis e sífilis congênita no município do Rio de Janeiro. Depois deste protocolo tivemos outros encontros, inclusive evento científico de educação em saúde no MPRJ. Todavia, até a edição deste livro, maio/2026, não temos conhecimento do desfecho prático de nossa iniciativa.



Na sequência, em 26/10/2022, o TRIBUNAL DE JUSTIÇA, DÉCIMA CÂMARA CÍVEL, REMESSA NECESSÁRIA n.º 0050107-08.2021.8.19.0002, decide: Assim, à conta de tais fundamentos e na forma do art. 932 do CPC/2015, RATIFICO A SENTENÇA EM SEDE DE REMESSA NECESSÁRIA. O relator foi o desembargador Pedro Saraiva de Andrade Lemos.

Prudentópolis, 7 de dezembro de 2019, PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DO PARANÁ, COMARCA DE PRUDENTÓPOLIS, JUIZADOS ESPECIAIS, a decisão final foi: Ante o exposto, nos termos do inciso I do art. 487 do Código de Processo Civil, julgo parcialmente procedente a pretensão inicial para condenar o Requerido MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS ao pagamento de danos morais em favor da Autora no montante de R\$ 10.000,00 (dez mil reais). Assina a sentença Camille Goes Cordeiro, Juíza Leiga.



NA VILA MIMOSA

Há várias décadas temos dito que a sífilis é um grave problema de saúde pública. Os problemas incluem dificuldades no manejo do *Treponema pallidum* em laboratório, no conhecimento das cepas espalhadas pelo planeta, no desenvolvimento de vacinas e nos segredos de ser uma doença imitadora, além de questões relacionadas com uma promoção de saúde efetiva, assim como qualificação e conscientização dos profissionais de saúde e gestores do SUS.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) propõem que, para a eliminação da sífilis congênita, é preciso que a incidência seja menor ou igual a 0,5 caso por mil nascidos vivos. Os números de casos de sífilis aumentam em todo o mundo.

Apenas com folhetos, cartazes e palestras, o avanço tem sido pequeno. É urgente auditar as fichas de notificação, realizar, efetivamente, a vigilância epidemiológica de cada caso de sífilis congênita, em especial para que se possam conhecer e resolver as oportunidades perdidas. Chega de apenas contar números de casos.



Mauro Romero Leal Passos em palestra sobre Educação em Saúde e DST, na Vila Mimosa (zona de prostituição na cidade do Rio de Janeiro, 2022). Poderia ser uma releitura de “A Inspeção Médica”, de Toulouse-Lautrec?
Foto de Wilma Arze.

DR. CAMISILDO NO CARNAVAL DE ARACAJU PREVENÇÃO COM ALEGRIA

O Bloco da Prevenção foi criado no estado de Sergipe, com a liderança do Dr. José Jalmir Santana, também conhecido como Dr. Camisildo (alusão à grande ênfase que o brilhante médico sanitarrista faz sobre o uso de camisinha, seja masculina, seja feminina, como uma forma criativa de passar informações na maior festa carnavalesca da capital Aracaju). Em cada ano, o bloco tem como foco um tema ligado às infecções sexualmente transmissíveis.

Em 2023, o tema foi a sífilis. Dezenas de profissionais de saúde desfilaram em ruas da capital alertando a população para a importância de fazer exames e, se necessário, o devido acompanhamento médico.

A atuação do Dr. Camisildo, digo, Dr. Jalmir, e de toda a equipe que o acompanha é uma das atitudes inéditas que não aparecem em protocolos científicos. Todavia, conversam diretamente, de forma simples e simpática, com toda a sociedade, estejam as pessoas nas ruas ou vendo a repercussão de matérias jornalísticas.

As fotos a seguir foram cedidas pelo Dr. José Jalmir Santana.



Dr. Jalmir Santana, também conhecido como Dr. Camisildo, no meio de sua banda de Carnaval.



Equipe de apoio com estoque de materiais para distribuição no Bloco da Prevenção.



Equipe do Bloco da Prevenção distribuindo materiais durante desfile em ruas e avenidas de Aracaju, SE.

SÍFILIS NO MARACANÃ, FLA X FLU

“No dia 17 de outubro de 2024, a causa contra a sífilis ganhou os gramados do estádio de futebol mais emblemático do Brasil, Estádio Jornalista Mário Filho, mundialmente conhecido como Maracanã. Em dia de Fla X Flu (Flamengo X Fluminense), pelo campeonato brasileiro, foi realizada uma ação com vídeos (exibidos nos telões do estádio) e faixas (dentro de campo) para promover o Dia Nacional de Combate à Sífilis e à Sífilis Congênita. Um grupo de ativistas e representantes do Setor de Doenças Sexualmente Transmissíveis da Universidade Federal Fluminense, da Sociedade Brasileira de DST, da Secretaria Municipal de Saúde da Cidade Maravilhosa do Rio de Janeiro, de representantes da Casa Reviver (Morro do Estado, em Niterói) deu uma volta ‘olímpica’ no Maracanã, no Rio de Janeiro. A ação teve a parceria do Departamento de Responsabilidade Social e Cidadania do Clube de Regatas Flamengo, e o público presente foi de 58.117 pessoas.

“No final, o Fluminense venceu a partida por 2 a 0, com gols de Lima e John Arias. Mas a repercussão das mensagens nas faixas e vídeos foi o golaço daquela noite. E, para a causa, uma das vitórias foi do Flamengo (era o mandante do jogo), que, de pronto, aceitou o nosso pedido para entrar em campo com faixas fazendo alusão à campanha contra a sífilis”. Obrigado Mengão!



No gramado do Maracanã o grupo passeia com duas faixas antes de iniciar o jogo. (Foto de Paula Reis)

Em <https://www.instagram.com/reel/DBWYpNVxpNe/?igsh=NW13OHo2cmlmeWVm> encontra-se uma das apresentações do vídeo que aconteceram nos quatro telões, antes e no intervalo da partida. (Vídeo de Paula Varella Leal Passos)

Em <https://www.instagram.com/reel/DBXLwJ5x0MB/?igsh=ZTVqcmhkMHdqYzQz> e em <https://www.instagram.com/reel/DCpyThwx-zG/?igsh=MTV2MHI0Ym95eTc5Yw==> é possível assistir à entrada das faixas momentos antes do início do Fla X Flu, em 17.10.2024. (Vídeo de Vinicius Silva)

A exibição das faixas ocorreu antes do início da partida e no intervalo do primeiro e segundo tempo da partida. No intervalo, os gandulas carregaram as faixas.



Um grupo, incluindo duas gestantes, na arquibancada do Maracanã vestia camiseta em alusão ao Dia Nacional de Combate à Sífilis e à Sífilis Congênita. (Foto de Paula Reis)

CAMPANHA 2025: É SÍFILIS

Diante das alarmantes taxas dos casos de sífilis e sífilis congênita no Brasil, que configuram uma grave crise de saúde pública, o Dia Nacional de Combate à Sífilis e à Sífilis Congênita de 2025 foi marcado por um questionamento incisivo: “É sífilis?”

Lançada pela Sociedade Brasileira de Doenças Sexualmente Transmissíveis (SBDST) e pelo Setor de DST da Universidade Federal Fluminense, através do perfil do Instagram @eliminasisifilis, a campanha apresentou uma reflexão profunda e imediata sobre as práticas, as estratégias e o relacionamento humano no enfrentamento da doença. O objetivo não foi apenas informar, mas mobilizar profissionais de saúde, gestores, população, imprensa para que assumam sua parcela de responsabilidade na reversão deste cenário.

Durante o mês de outubro (Outubro Verde), o perfil apresentou postagens com questionamentos importantes, convidando para a ação. Veja alguns desses posts.

**É sífilis,
ACOLHA!**



**É sífilis,
FAÇA BUSCA
ATIVA!**



É sífilis, DENUNCIE!



É sífilis, NÃO JULGUE!



É sífilis, DÁ PRA VENCER O JOGO!



REDES SOCIAIS

As redes sociais representam um espaço de comunicação e formação de opinião pública relevante e necessário para os dias de hoje. Quem está na militância da saúde pública precisa considerar uma atuação ativa nesses espaços, pois há urgência em divulgar informações sobre a sífilis e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis. Além do espaço, as redes sociais permitem um diálogo autêntico, engraçado e emocionante, sem deixar de ser informativo, o que potencializa a prevenção.

No Brasil, além dos perfis governamentais ligados à saúde, é possível ver o uso das redes sociais por profissionais de saúde, coletivos e instituições. O trabalho desenvolvido pelo perfil Eliminasifilis no Instagram, destacando o tema sífilis, é muito importante, mas ainda é pouco. Temos também iniciativas como o perfil @saudeartecultura, que explora essa relação do campo da arte com o campo da saúde, sempre trazendo a sífilis e outros temas em seus posts.



@ELIMINASIFILIS



SAUDEARTECULTURA

SITE ELIMINASIFILIS

A página <https://elimasifilis.com/> mostra robusto material sobre o nosso trabalho de visibilização do combate à sífilis e à sífilis congênita. Inclusive, conta com a Campanha “É Sífilis?” em vários idiomas.



*Onde existem números,
porcentagens, lesões, dinheiro,
poder, status, reagente, não
reagente, positivo, negativo eu
procuro enxergar e valorizar as
pessoas e a biodiversidade.*

Mauro Romero Leal Passos

DISCUTINDO / *DISPUTANS*

O pensamento de Albert Einstein, “Insanidade é continuar fazendo sempre a mesma coisa e esperar resultados diferentes”, ainda não é bem entendido por muitos profissionais das mais diversas áreas do conhecimento. E até da população geral. Fazer coisas iguais não leva a diferentes resultados.

Por outro lado, segundo Von Goethe (1749-1832), “*Saber não é suficiente, devemos aplicar. Querer não é suficiente. Nós devemos fazer*”⁽¹⁵⁾.

É possível que as frases anteriores sejam a base para que até hoje não tenha ocorrido no Brasil, talvez no mundo, em um só local (publicação/apresentação pública), com dados mundiais e locais (região geográfica, país, continente) de seus autores, trabalhos envolvendo resultados tão amplos como os apresentados nesse momento.

Entretanto, cabe citar o excelente exemplo do Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)⁽¹⁶⁾, que reúne um acervo maravilhoso sobre as mais diversas áreas da medicina.

“Medicina e arte estão intrinsecamente relacionadas e exercem, ao longo da história da humanidade, enorme fascínio nas pessoas. Por vezes, é difícil definir se estamos diante de uma obra de arte ou de tratado médico. Desde os primórdios da civilização pintores consagrados retrataram as mais variadas doenças, seus diagnósticos e tratamentos, levando em conta o conhecimento médico-científico da época e suas próprias vivências. A compreensão de uma obra de arte, incluindo aquelas que se ocupam da medicina, para além do deleite que ela proporciona, deve levar em conta as dimensões históricas e culturais das mesmas, bem como a vida dos seus autores. No caso do aluno de medicina e do profissional de saúde, este conhecimento tem o potencial de formar médicos/profissionais de saúde ainda mais capacitados, cultural e psicologicamente, para atender e compreender seus pacientes”⁽¹⁷⁾.

No Museu da FMUSP é possível contemplar fantásticas peças “desenhadas” em blocos de cera sobre lesões dermatológicas da sífilis adquirida e da sífilis congênita^(18,19).

Entretanto, ainda não é possível observar no espetacular museu diversas outras peças, quadros, réplicas de utensílios medievais e/ou de outras épocas... sobre sífilis.

Seguindo a linha, e explorando museus que envolvem o tema sífilis, encontramos, por meio de pesquisas na internet, dois outros museus com coleções de peças em cera retratando lesões dermatológicas da sífilis. São eles:

- a) Museu de Dermatologia Portuguesa Dr. Luís Sá Penella, instalado no Salão Nobre do Hospital de Santo António dos Capuchos, Lisboa, Portugal. No museu destacam-se vários objetos (especialmente partes do corpo humano com lesões dermatológicas provocadas pela sífilis) que são o foco da coleção museológica, com peças em cera e documentos relativos à Consulta de Moléstias Syphilíticas e Venéreas, criada em 1897 no Hospital do Desterro, dirigida por D. Thomaz de Mello Breyner, médico da Real Câmara e amigo do rei D. Carlos⁽²⁰⁾.
- b) Museu dos Moldes do Hospital Saint-Louis, mais antigo do que os de Lisboa e de São Paulo. A coleção de moldes reúne hoje 4.952 peças, divididas em quatro subcoleções: coleção geral, a mais importante quantitativamente, dedicada às doenças de pele e à sífilis; coleção Péan, incluindo os 615 moldes feitos por Jules Baretta doados ao museu Jules Emile Péan (1830-1898); coleção Parrot, composta por 88 moldes pediátricos feitos por Charles Jumelin, a pedido do Dr. Joseph-Marie-Jules Parrot (1829-1883); coleção Alfred Fournier (1832-1917), ilustre médico pesquisador do tema sífilis em Paris, incluindo 442 moldes de sífilis feitos no Hospital Lourcine por Charles Jumelin e depois em Saint-Louis por Jules Baretta^(21,22).

A exposição “Precisamos Falar mais Sobre Sífilis, sem Preconceitos!” e o seu catálogo com ampla abordagem, cujo objetivo é ser aberta e pública, apresentam muitos fragmentos da história da doença. Algumas delas ainda fazem parte da memória de profissionais de saúde, de educação, gestores públicos e de várias pessoas que tiveram contato com a sífilis. Muito além de definir os marcos temporais, podemos considerar que as peças formam um quebra-cabeça não linear, permitindo lembranças e promovendo debates ou reflexões. Obras criadas para recordar e resistir, lembrar e esquecer. A exposição em si é um ato de memória, assim como a produção de novos materiais para a exposição. Podemos considerar todos esses esforços como Lugares de Memória, termo cunhado por Pierre Nora, que possuem efeitos em três sentidos e vão coexistir sempre, mesmo que em graus diferentes: o material, o funcional e o simbólico⁽²³⁾. Antes, é importante entender que a memória se diferencia da história.

“Memória, história, longe de serem sinônimos, tomamos consciência de que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo”⁽²³⁾.

A produção de uma data nacional para refletir sobre o combate à sífilis e à sífilis congênita, a produção de uma exposição, a criação de novos objetos e réplicas, um bloco de carnaval e a apresentação do tema sífilis em estádio de futebol com cerca de 60.000 torcedores em um jogo de tradicionais times rivais de uma megacidade têm, de todo modo, a intenção de nos aproximar dos personagens ou das lembranças que reforçam ou até explicam os números alarmantes que vivemos hoje. Para Nora⁽²³⁾, isso tudo, por mais que seja uma produção da memória, é um movimento de história, pois não há memória espontânea, não há uma ligação com o passado vivido. Uma estratégia para evidenciar o problema. Pois, como muitos pensam, no Brasil e no mundo, somos uma sociedade condenada ao esquecimento.

Seguindo os raciocínios, “sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estiver ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los”⁽²³⁾.

Pelo exposto, resolvemos realizar algo amplo, com elementos jamais apresentados ao público reunidos, juntos, em mesmo tempo e espaço, para chamar a atenção e dar mais conhecimentos a problemas que estão muito além da medicina das doenças infectocontagiosas, dos números contados em boletins epidemiológicos. E mais, atingir inúmeras questões sociais, culturais e até econômicas, uma vez que inúmeros humanos de todas as castas, artistas, pensadores, escritores... faleceram muito cedo ou ficaram dementes por anos sem ter oportunidades de expressarem todas as suas grandezas produtivas, humanas.

Por outro lado, como várias outras catástrofes, guerras totalmente previsíveis, preveníveis, resolvíveis que ocorrem no mundo, e são retratadas em obras de arte, filmes, com a finalidade de propor reflexões, muitas pessoas da sociedade, incluindo profissionais de saúde, de educação, gestores, cientistas, políticos, profissionais de imprensa, influenciadores digitais, não enxergam que existem elefantes nas salas e tocam as suas vidas, negando, negligenciando, prevaricando, como se graves problemas, especialmente a sífilis congênita, não existissem e não fossem sinalizadores de má qualidade na atenção às grávidas, por exemplo. E, por isso, não fazem esforços (ou fazem esforços repetitivos e pouco eficientes) para eliminar essa vergonha. E quando um desses problemas atinge tais humanos ou acomete um dos seus, a maioria se cala e tenta, como diziam os nossos pais, buscar soluções na surdina, praticando, assim, mais uma omissão.

Mas há humanos e humanos. Em 1918, o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, cria a Liga de Combate à Sífilis, a primeira liga acadêmica de medicina no Brasil, com postos de profilaxia e tratamento gratuito realizado pelos acadêmicos.

Citando ações práticas e inovadoras, temos a obrigação de narrar na história da sífilis no Brasil duas atitudes marcantes: primeira liga acadêmica brasileira, Liga Acadêmica de Combate à Sífilis, em São Paulo, em 1920; e, especialmente na capital do Brasil (na época), Rio de Janeiro, a criação e o propósito original do Hospital Gaffrée e Guinle.

Em trabalho apresentado na 1ª Conferência Nacional de Defesa Contra a Sífilis (São Paulo, 1940), Octavio A. Germek narrou:



Cartaz usado pelos acadêmicos da Liga de Combate à Sífilis para divulgar o ambulatório para atendimento de pessoas com sífilis.

“Em 1918, os alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo, em virtude da inexistência de um serviço regular de tratamento gratuito da sífilis na Capital de São Paulo, resolveram criar um serviço de tratamento gratuito. Essa iniciativa concretizou-se em 8 de setembro de 1918 com a abertura do primeiro posto de tratamento na Santa Casa de Misericórdia, graças à valiosa cooperação do Serviço Sanitário, então sob a direção de Arthur Neiva.

“Dois anos mais tarde, exatamente em 20 de Agosto de 1920, – resolvia o novo diretor do Serviço Sanitário fechar os postos que os estudantes haviam fundado. Não conformados com essa decisão, resolveram os estudantes reabrir o serviço por sua própria conta, entregando a direção científica ao Prof. Aguiar Pupo. A reabertura dos serviços deu-se nove dias após seu fechamento, continuando o serviço ininterrupto até agora.”⁽²⁴⁾

Como fica claro no texto, as atitudes proativas dos estudantes de medicina e seus professores mostram a necessidade de enfrentar os problemas de saúde pública com medidas práticas e eficientes.

Agora, a “Liga de Combate à Sífilis e outras ISTs”, como é chamada atualmente, funciona há 124 anos.

Dos relatos de sua história, transcrevemos:

“A inauguração do hospital em 1929, com bela e imponente arquitetura, foi a maior conquista da Fundação Gaffrée e Guinle. Obra filantrópica de Guilherme Guinle que se agigantou no campo da antiga venereologia e constituiu uma das maiores instituições de promoção de saúde pública do mundo.

“A família Guinle e até mesmo Carlos Chagas (consagrado médico brasileiro) sempre se referem ao papel encontrado junto aos documentos de Cândido Gaffrée, enunciando a vontade de legar uma determinada quantia de dinheiro para a construção de um hospital, intenção que foi redimensionada por Guilherme Guinle. Segundo a escritura da fundação, caberia à família Guinle construir e instalar um hospital para sífilis e doenças venéreas em terreno adquirido pela família e, posteriormente, repassado para o patrimônio da fundação. O aparelhamento e a manutenção do hospital correriam às custas do governo federal. Caberia construir e instalar ambulatórios para diagnóstico e profilaxia da sífilis em terrenos que seriam comprados pelo representante da família – Guilherme Guinle – em nome da fundação”⁽²⁵⁾.

Atualmente o hospital é universitário e administrado pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO. Infelizmente, em suas instalações não encontramos acervo que diga respeito às suas iniciais atenções precípuas de pessoas com sífilis e outras doenças venéreas.

Não é difícil perceber que este é um trabalho bem diferente.

A ideia inicial era seguir a estrutura do catálogo de uma exposição. Em seguida, fizemos uma adaptação para artigo científico com introdução, objetivo, métodos, resultados (o catálogo), discussão e conclusão, para submeter à premiação de uma honrada entidade brasileira. Não houve qualquer premiação. Daí, veio a proposta de transformar o nosso texto em um livro, no qual um dos capítulos seria “O Catálogo”.

Mantendo a filosofia de tentar dialogar com as múltiplas interfaces, mantivemos o capítulo “Discussão”, na esperança de comparar os nossos achados com publicações porventura similares e referenciáveis.

A dificuldade maior apoia-se no não encontro de publicações com a abrangência que atingiu o nosso manuscrito. Pois as peças encontradas são diferentes entre si, seja na constituição básica (arte, história, ciência) como surgida no mundo em épocas bem distintas, seja em sociedades e culturas. Daí o problema, que para nós pode ter sido uma virtude, para amarrar tudo como uma “colcha de retalhos”, produto típico do artesanato brasileiro, que une diversos pedaços de tecidos, um a um, para formar um produto muito mais abrangente do que cada peça isolada. E mostrar a sífilis muito além de uma doença infecciosa (sinais e sintomas em corpo humano) que, mais do que uma grande imitadora, uma entidade camaleônica a qual, dependendo da situação, adquire múltiplas aparências. Tanto físicas, como culturais e memoriais.



CARTAS ENTRE OS QUE
PERSEVERAM / *LITTERIS*
PERSEVERANTIBUS

CARTA DE GIROLAMO FRACASTORO PARA MAURO ROMERO

Prezado Doutor Mauro Romero,

Embora separados por séculos de história, tomo a liberdade de escrever-lhe, como se o tempo nos fosse tênue véu, que a razão e a busca pela verdade atravessam. Recebi ecos de vossa atuação na nobilíssima arte médica e científica, em especial no estudo e enfrentamento das doenças venéreas – enfermidades que, em minha época, já nos afligiam com crueldade e mistério.

Permita-me lembrar-lhe que fui o primeiro a nomear a sífilis como tal, em minha obra poética *Syphilis sive Morbus Gallicus*, não apenas com o intuito literário, mas como forma de chamar a atenção dos homens de ciência para um mal que, à época, parecia castigo divino e hoje sabemos ser fruto de uma bactéria tenaz: *Treponema pallidum*.

Desde então, tanto o poema quanto meus tratados sobre o contágio buscaram advertir que a doença poderia passar de corpo a corpo, de maneira invisível, por meio de “sementes” minúsculas, que hoje chamariam microrganismos. Vossa geração, por certo, já tem meios de observá-las, estudá-las e até combatê-las com instrumentos impensáveis para nós. E, no entanto, a sífilis persiste...

É com pesar que tomo conhecimento de que, mesmo após tantos avanços, a sífilis ainda se manifesta como moléstia cosmopolita, desafiando médicos e políticas públicas em todo o mundo. E o que mais me fere o espírito é saber que crianças inocentes continuam a nascer marcadas pela infecção — como se o ventre materno já não lhes fosse refúgio seguro.

A transmissão vertical, caro Romero, parece-me o mais triste dos destinos: a mãe, por vezes sem saber-se enferma, transmite à sua prole uma herança de dor. Que culpa há, ali, senão a da negligência coletiva, do abandono da vigilância, da falha da assistência?

Dizem-me que Vossa Senhoria tem sido voz firme e constante na denúncia dessas falhas e na organização dos saberes e das práticas que possam detê-las. Fostes fundador de uma sociedade dedicada a tais doenças, editor de periódicos que fazem circular o conhecimento, e mestre de gerações no campo das infecções sexualmente transmissíveis.

Assim, rogo-lhe, não cesse sua luta. Que vossas pesquisas, como as minhas, estejam sempre guiadas por método, por observação precisa e por aquele compromisso ético inquebrantável com os mais vulneráveis.

Gostaria de saber de vossa parte: por que, com tantos saberes acumulados, ainda nos escapam os meios de erradicar esta doença? A humanidade não estaria, como nos tempos antigos, mais disposta a esquecer do que a curar?

Receba meu respeito e apreço, e que Deus — que fez da ciência uma forma de misericórdia — continue guiando vossa mente e vossas mãos.

De Incaffi, aos 7 dias do mês de abril do ano de Nosso Senhor de 1553 (ou como quiserem contar os dias no vosso tempo).

Hieronymus Fracastoro

Philosophus, Medicus, Poeta, Astrologus eminentissimus.

CARTA DE MAURO ROMERO PARA GIROLAMO FRACASTORO

Magnífico Girolamo Fracastoro,

Recebi vossa carta com assombro e admiração. Assombro, não pela surpresa de ouvir-vos além do véu do tempo – pois o pensamento científico é eterno e não conhece sepulturas –, mas pela lucidez com que ainda hoje iluminais nossas sombras. Admiração, pela generosidade de vossa escrita, pelo ardor da vossa consciência e pela paixão inextinguível pelo bem da humanidade.

Falar da sífilis nos dias de hoje, amigo distante e próximo, é ainda falar de dor. Ela, como bem vaticinastes, não adormeceu em noite escura, nem se entregou à morte. Permanece entre nós, cosmopolita, insidiosa, adaptada aos descuidos da história e às brechas da desigualdade.

Mas permiti-me confessar que não carrego em mim o desalento. Talvez por convicção científica, talvez por devoção à esperança, mantenho acesa uma fé inabalável: mesmo que não a extirpemos de todos os corpos, podemos, sim, impedir que ela se instale naquele mais indefeso de todos – o corpo do nascituro.

Em nossa era, conhecemos o agente etiológico, dominamos exames sensíveis e específicos, possuímos um tratamento eficaz e acessível. A penicilina, descobrimento que não conhecestes em vida, é um dom precioso. O que nos falta, por vezes, não é ciência, mas equidade; não é conhecimento, mas vontade política e compaixão.

A sífilis congênita, senhor Fracastoro, é um escândalo moral da nossa sociedade. Porque é evitável. Porque é previsível. Porque, em pleno século XXI, nenhuma criança deveria mais nascer cega, surda ou morta pelo descaso do sistema ou pelo abandono da mãe – que, muitas vezes, ela própria, é vítima de silêncio, estigma e omissão.

Tenho lutado, como médico e professor, para que nossos estudantes entendam que a prevenção começa no acolhimento, no pré-natal respeitoso, no diagnóstico precoce e no tratamento oportuno. Tenho repetido, aos quatro ventos, que a sífilis congênita não é apenas uma questão clínica, mas sobretudo ética.

Fundamos instituições, produzimos ciência, editamos periódicos e participamos de sociedades como instrumentos, não de vaidade, mas de responsabilidade. Mas sei que não basta. Por isso, escrevo-lhe de volta, como quem renova um voto. Se não podemos erradicar a sífilis entre os homens, que ao menos salvemos os que ainda não nasceram.

Vosso pensamento segue entre nós, mestre Fracastoro. Cada vez que examinamos uma úlcera, cada vez que descrevemos uma bactéria, cada vez que usamos o método, lá está o vosso espírito. E é esse espírito que me inspira a seguir – em clínicas, salas de aula e publicações –, afirmando que, sim, é possível vencer esta batalha ao menos onde ela mais fere: no ventre das mães.

Recebei, pois, minha gratidão e meu afeto. Que a eternidade vos conserve lúcido, e que a ciência, esse fio de Teseu que atravessa os labirintos do tempo, continue nos unindo.

Niterói, 7 de abril de 2025.

Mauro Romero Leal Passos
Médico, Professor, Cientista e vosso admirador.

Os textos anteriores foram uma troca de cartas ficcional entre Girolamo Fracastoro e Mauro Romero. Um epílogo natural para uma obra inquietante e criativa como esta, que não tem a perspectiva de encerrar tal história, mas ecoar esse encontro entre a memória, a arte, a ciência e o propósito de luta de centenas de profissionais.

Foi inspirado na proposta de Ferreira, Ramos e Assmann* que imaginaram um encontro entre Fracastoro e Descartes como exercício crítico sobre o tempo, o método e o cuidado em saúde.

Edilbert Pellegrini Nahn Junior
Presidente da Sociedade Brasileira de DST
Médico, professor de Dermatologia da
Universidade Federal do Rio de Janeiro e
Faculdade de Medicina de Campos,
Mestre em Dermatologia da UFF, Campos dos Goytacazes, RJ

*Ferreira LAP, Ramos FR, Assmann S. O encontro de Fracastoro com Descartes: reflexão sobre a temporalidade do método. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 2010 Jan-Mar; 19(1): 168-175. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/sntsf5ywrHbFczvTgvMM43q/?lang=pt>

POSFÁCIO / *POSTFATIO*



Sim, é possível fazer diferente para conseguir resultados mais abrangentes, mais eficientes. Quicá des-
 pertar desejos. Especialmente, quando se trabalha com assuntos (sífilis) que permeiam muitos preconceitos, diversidades de conhecimentos mundiais e locais, dificuldades de entendimento e de comunicação, tanto para o público de profissionais e especialistas no tema como para toda a população, incluindo gestores públicos e privados em educação e saúde e imprensa em geral.

Uma exposição aberta sobre sífilis, com as suas diversas nuances, peças únicas e um catálogo digital, e impresso, foi conseguida por profissionais que acreditam que a vida, incluindo os humanos, avança quando são instados aos desafios. Insistimos, onde existem números, porcentagens, lesões, dinheiro, poder, *status*, reagente, não reagente, positivo, negativo, detectado, não detectado, procuramos enxergar e valorizar pessoas e a biodiversidade.

Syphilis Sive Morbus Perpetua merece versão em outros idiomas para dar mais visibilidade às questões, todas, que envolvem a grande imitadora, a sífilis. Merece, ainda, versão digital aberta na internet. Todavia, mais elementos irão tornar a obra mais rica de dados sobre um tema que há séculos permanece no sub-mundo dos preconceitos mais perversos. Estamos prontos para recebermos comentários e elementos que possam aumentar e enriquecer futuras produções, sejam exposições e/ou publicações.

Syphilis Sive Morbus Perpetua é produto único, pelo menos até onde conhecemos, pois apresenta diversificados aspectos sobre o tema sífilis, desde o surgimento da palavra no livro de Girolamo Fracastoro, Verona, 1530, passando por pinturas, filmes, série em rede de *streaming*, livros, crônicas, músicas, peças de teatro, objetos raros de nativos sul-americanos até réplica de forno para fumigações. Muitos dados e objetos de conhecimento mundial, sendo brasileiros, que poucas pessoas imaginam existir.

Tem, ainda, o ponto importante de apresentar portas abertas para receber peças guardadas (esquecidas?) em alguns escritórios, garagens, sótãos do Brasil, ou do mundo afora que, aqui, podem encontrar espaço para expor para o público em geral.

Trabalhamos por anos, e pretendemos continuar trabalhando para que esse produto alcance relevantes finalidades. Afinal, o amor e o desejo são as asas do espírito das grandes façanhas⁽²⁶⁾.

Há tempos que queremos ser filósofos e propor pensamentos, reflexões para tentar mitigar problemas seculares. Tem dias que devemos ser como cirurgiões operando pessoa com sangramentos. Temos que fazer tudo, e rápido, para que a pessoa saia da sala viva e que tenha chances de viver felicidades. Aqui, vão sangue de filósofos e mãos de artista e de cirurgião.

Syphilis Sive Morbus Perpetua não representa o desejo de que a doença jamais seja erradicada (deixar de existir em todo o planeta). Até porque, hoje, maio de 2026, não existe vacina disponível. Os ensaios científicos ainda estão longe da realidade pública. Embora a erradicação acontecendo, nossa felicidade seria inimaginável. Mas, de forma prática, objetiva e tangível, SIM, é possível eliminar a doença, especialmente a sífilis congênita (0,5 – ou menos – caso por 1.000 nascidos vivos). Que essa obra seja gatilho, esteio, inspiração.

REFERÊNCIAS / *OPU CITATUM*

1. Kierkegaard S. Diário de um sedutor. São Paulo: Martin Claret; 2002.
2. Lei nº 13.430 de 31 de março de 2017. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=13430&ano=2017&ato=a30kXQU5EeZpWT688>. Acessado em: 22 mar. 2024.
3. Exposição Sífilis, História, Ciência, Arte, Paço Imperial, Rio de Janeiro; 2022. Disponível em: <http://exposifilis.aids.gov.br/>. Acessado em: 13 mar. 2024.
4. Morton RS. Syphilis in art: an entertainment in four parts. Part 1. *Genitourin Med.* 1990 Feb;66(1):33-40. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1194440/>. Acessado em: 13 mar. 2024.
5. Morton RS. Syphilis in art: an entertainment in four parts. Part 2: *Genitourin Med.* 1990 Apr;66(2):112-123. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1194476/>. Acessado em: 13 mar. 2024.
6. Morton RS. Syphilis in art: an entertainment in four parts. Part 3: *Genitourin Med.* 1990;66:208-221. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1194505/pdf/genit-med00045-0082.pdf>. Acessado em: 13 mar. 2024.
7. Morton RS. Syphilis in art: an entertainment in four parts. Part 4: *Genitourin Med.* 1990 Aug;66(4):280-294. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1194532/>. Acessado em: 13 mar. 2024.
8. Sífilis, História, Ciência, Arte, Paço Imperial, Rio de Janeiro, 2022, Catálogo. Disponível em: http://exposifilis.aids.gov.br/docs/catalogo_expo_sifilis.pdf. Acessado em: 21 mar. 2024.
9. Maatouk I et Moutran. Tommaso Campailla and the Syphilis Museum in Sicily. *JAMA Dermatol.* 2013;149(11):1318. doi:10.1001/jamadermatol.2013.7819. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamadermatology/article-abstract/1784066>. Acessado em: 13 mar. 2024.
10. Campailla Museum In Modica: A Journey Through History And Medicine. Disponível em: <https://www.simoutique.com/tommaso-campailla-museum-in-modica-a-journey-through-history-and-medicine/?lang=en>. Acessado em: 13 mar. 2024.
11. Barreiros I, Lincolins T. A impressionante reconstrução facial de Girolamo Fracastoro, o primeiro especialista em sífilis. Aventuras na História de 14/08/2021. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/a-impressionante-reconstrucao-facial-de-girolamo-fracastoro-o-primeiro-especialista-em-sifilis.phtml>. Acessado em: 13 mar. 2024.
12. Passos MRL, Eleutério Jr J, Bazzo ML, Carvalho RS, Nascimento AG, Oliveira Jr MS. Syphilis, history, science, and arts: syphilis history calendar. *DST [Internet]*. 2021 Dec. 21 [cited 2024 Mar. 13];33. Disponível em: <https://www.bjstd.org/revista/article/view/1136>. Acessado em: 13 mar. 2024.
13. Passos MRL, Bazzo ML, Carvalho RS, Pinheiro SM, Gonçalves F, Eleutério J et al. Sífilis: A grande imitadora. Calendário da história da sífilis. Disponível em: <https://calendario.sifilisnao.com.br/eventos/ms/2021-01/>. Acessado em: 13 mar. 2024.
14. Klee P. Pensador. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NzQwOTUz/>. Acessado em: 13 mar. 2024.
15. Goethe JWv. KD Frases. Disponível em: https://kdfrases.com/frase/140931#google_vignette. Acessado em: 15 mar. 2024.

16. Venha conhecer o Museu Histórico da FMUSP. Disponível em: <https://fm.usp.br/museu/portal/>. Acessado em: 15 mar. 2024.
17. Medicina e Arte. Disponível em: <https://www.fm.usp.br/fmusp/portal/medicina-e-arte>. Acessado em: 15 mar. 2024.
18. Museu da USP sobre história da medicina mostra acervo pela internet. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/museu-da-usp-sobre-historia-da-medicina-mostra-acervo-pela-internet%E2%80%8B%E2%80%8B/>. Acessado em: 15.3.2024.
19. Ivanir Ferreira I. Exposição “A Pele Enferma” conecta a arte ao mundo científico. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/exposicao-pele-enferma-conecta-a-arte-ao-mundo-cientifico/>. Acessado em: 15 mar. 2024.
20. Pesquisadora da Universidade de Lisboa divulga livro sobre a história da sífilis. Cristiana Bastos faz apresentação na Casa de Oswaldo Cruz. Disponível em: https://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/?option=com_content&view=article&id=352&Itemid=. Acessado em: 16 mar. 2024.
21. Geraldeli V. O Museu dos Moldes do Hospital Saint-Louis. Disponível em: <https://blogdavanessageraldeli.com/2021/04/26/o-museu-dos-moldes-do-hospital-saint-louis-%F0%9F%98%B1/>. Acessado em: 16 mar. 2024.
22. Hôpital Saint Louis AP-HP. Disponível em: <https://hopital-saintlouis.aphp.fr/le-musee-des-mou-lages-de-lhopital-de-saint-louis/>. Acessado em: 16 mar. 2024.
23. Nora P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. n° 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acessado em: 15 mar. 2024.
24. Germek AO. A LIGA DE COMBATE À SÍFILIS, Sua ação em vinte anos de atividade. Revista de Medicina; 31 de março de 1941. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/50524/54640>. Acessado em: 12.12.2024>.
25. Hospital Universitário Gaffrée e Guinle. Disponível em: https://www.unirio.br/prae/hugg_geral. Acessado em: 26 jun. 2024.
26. Goethe JWv. O Pensador. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/ODc2/>. Acessado em: 15 mar. 2024.

Apoio

